



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA**

VICTOR CESAR SILVA XAVIER

**HISTÓRIA DO MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS DO PARQUE ESTADUAL DE
DOIS IRMÃOS: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA
NATUREZA MUSEALIZADA.**

**Recife
2024**

VICTOR CESAR SILVA XAVIER

**HISTÓRIA DO MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS DO PARQUE ESTADUAL DE
DOIS IRMÃOS: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA
NATUREZA MUSEALIZADA.**

Trabalho de Dissertação apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco-UFRPE, na Linha de Cultura, Patrimônio e Memória.

Área de concentração: História Social da Cultura Regional.

Orientadora: Prof. Dra. Caroline Borges.

**Recife
2024**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecário(a): Auxiliadora Cunha – CRB-4 1134

X3h Xavier, Victor Cesar Silva.
História do Museu de Ciências Naturais do Parque Estadual de Dois Irmãos: uma análise da coleção e representação da natureza musealizada / Victor Cesar Silva Xavier. – Recife, 2024.
202 f.; il.

Orientador(a): Caroline Borges.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em História, Recife, BR-PE, 2024.

Inclui referências, apêndice(s) e anexo(s).

1. Estado. 2. Museus de Ciências Naturais (Recife, PE). 3. História natural (Recife, PE). 4. Natureza 5. Parque Estadual de Dois Irmãos (Recife, PE). I. Borges, Caroline, orient. II. Título

CDD 981

Aos meus amados pais, Severino Xavier e Ana Cristina, por serem a base de tudo; A Petrônio Cavalcanti (in memoriam), por seu objetivo e perseverança com o conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Ao universo que conspirou para tudo dar certo nessa trajetória árdua de pesquisador e professor. A todo amor e cuidado dos meus amados e incríveis pais. *Dona Cristina* e *Seu Xavier* foram fundamentais na minha formação pessoal, profissional e acadêmica. Sem eles nenhuma realização e conquista seria possível. Amo muito vocês!

Ao meu amado moço, *Thiago Nascimento*, por todo apoio, afeto e amor depositado em minha pessoa. Foram incontáveis as vezes que afirmei para sua pessoa que nem sei como eu chegaria a conclusão desta pesquisa sem seu carinho. Obrigado, amor!

A minha família consanguínea, em especial tia *Janilda*, minha irmã *Nenzinha*, tia *Lúcia* e tio *Carlos*. Que sempre estiveram por perto e ajudaram na minha formação. A minha família por afinidade, minhas irmãs *Natian Carolina* e *Thaina Kilvia*. Crescemos juntos e permanecemos até hoje. E espero que assim seja, pois minhas melhores risadas e abraços pertencem a vocês. Grato, irmãs!

A outras duas grandes queridas amigas que a área da educação me concedeu, *Karol Barros* e *Náiyadi Moura*. Grato demais pelas conversas, risadas, sugestões, apoio, livros que eu não achava de forma alguma e por serem o alívio cômico de muito estresse e pressão, amigas. Vocês foram fundamentais!

As minhas estimadas amigas de trabalho *Gabi*, *Erika*, *Day* e *Rô*. Por todo apoio, preocupação, cuidado, afeição e parceria.

Ao meu amado pet, parceiro das madrugadas de escrita, meu gatinho *Outubro*. Certeza que os cochilos e ronronar nos meus pés foram combustível para escrever madrugada adentro.

À minha admirável e estimada orientadora, *Caroline Borges*. Sempre paciente e em nenhum momento deixou de acreditar em mim e nesta pesquisa. Sendo além de orientadora, uma grande parceira de pesquisa e uma professora que me inspira enquanto aluno e pesquisador. Grato por todo conhecimento adquirido, Profa!

Aos muitos amigos que foram extremamente importantes na minha caminhada de vida acadêmica e pessoal, representados aqui em *Luciana Pereira* e *Jéssica Vasconcelos*.

À todos os meus *Professores*, da educação básica à pós-graduação, sem exceção, representados aqui pelo esplêndido Professor de História e Filosofia, *Paulo*

França, por todo conhecimento compartilhado, toda paciência e por me fazer reconhecer toda a minha capacidade e potência enquanto aprendiz, e como posso transformar o mundo em um lugar melhor por meio do meu conhecimento.

À *Gustavo Pacheco*, pela disponibilidade e atenção. Sem a sua parceria a pesquisa seria inviável. Destaco que o admiro como pessoa, profissional e espero com este trabalho conseguir honrar seu esforço e a memória de seu amigo e fundador do MCNPEDI.

À banca de qualificação e defesa, em especial a extraordinária professora *Emanuela Ribeiro* por ter dado base a essa pesquisa no ano de 2021 e ser a responsável por despertar em mim o pesquisador que eu nem imaginava existir; ao professor *Bruno Araújo* que também muito admiro e colaborou bastante com esta pesquisa por meio de suas aulas na graduação e pós-graduação; e a professora *Mariana Soler* pelas valiosas contribuições e aporte teórico fornecido para o desenvolvimento desta pesquisa.

À Fundação Joaquim Nabuco e ao Museu do Homem do Nordeste, em especial ao setor de museologia, pela disponibilidade e paciência com os documentos localizados sobre o MCNPEDI em seus arquivos.

Ao Parque Estadual de Dois Irmãos, em especial a gestora *Marina Falcão*, a bióloga *Fernanda Justino* e *Geysiane França* por viabilizarem o acesso ao museu, as peças taxidermizadas e as fotografias.

À Universidade Federal Rural de Pernambuco e ao Programa de Pós-graduação em História, em especial a linha de pesquisa “Cultura, Patrimônio e Memória”, seus docentes e funcionários.

À todos, o meu muito obrigado!

Memória

Amar o perdido
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.

Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.

(DRUMMOND, 1951)

RESUMO

Nesta dissertação, propomos compreender a partir do Museu de Ciências Naturais do Parque Estadual de Dois Irmãos (MCNPEDI), a ideia de natureza produzida historicamente e culturalmente pela instituição, alicerçado na análise de coleção do museu. Logo, esta pesquisa também investiga a representação da natureza através da natureza “musealizada”. Além disso, por meio do levantamento de fontes, esta pesquisa se debruça sobre a trajetória da instituição. Como referencial teórico, utilizamos os teóricos Mutschler (2008), Worster (1988), Pádua (2010), Souza (2019), Passmore (1995), Daston e Galison (2007) para entendermos o que é a natureza e como esta pode ser representada. Tratamos também sobre a relação museu e Estado a partir da ótica de Bourdieu (2014), Menezes (2002) e Bennett (1995). Abordamos também o conceito sobre musealização por meio de Brulon (2019), Desvallées e Mairesse (2013) e a musealização na perspectiva de museu de ciências naturais com Landim e Soler (2017). Tratamos também sobre o conceito de representação a partir de Chartier (1990). Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa documental, exploratória e descritiva com uma abordagem qualitativa, com procedimentos de inferência, descrição e interpretação dos dados elencados por meio de fontes primárias e orais. O resultado da investigação constatou que o MCNPEDI possui três fases e que cada uma aborda a ideia de natureza de forma totalmente distinta. A primeira fase possui a ideia e representação de natureza pautada numa narrativa mais autodidata, já a segunda fase parte de uma concepção e representação de natureza mais técnica, científica e na última fase constata-se o desmonte do acervo. Por fim, a investigação permitiu concluir que a relação museu e Estado é fundamental na permanência de qualquer instituição, pois a trajetória do MCNPEDI evidencia a busca por essa legitimação e que o fato dela não se suceder culmina no fim de seu inestimável acervo.

Palavras-chaves: Museu; Natureza; Museu de Ciências Naturais; Parque Estadual de Dois Irmãos.

ABSTRACT

In this dissertation, we propose to understand, through the Natural Science Museum of the Dois Irmãos State Park (MCNPEDI), the idea of nature historically and culturally produced by the institution, grounded in the analysis of the museum's collection. Thus, this research also investigates the representation of nature through "musealized" nature. Additionally, through the collection of sources, this study examines the trajectory of the institution. As a theoretical framework, we draw on the works of Mutschler (2008), Worster (1988), Pádua (2010), Souza (2019), Passmore (1995), Daston and Galison (2007) to understand what nature is and how it can be represented. We also address the relationship between the museum and the State from the perspective of Bourdieu (2014), Menezes (2002), and Bennett (1995). The concept of musealization is approached through Brulon (2019), Desvallées and Mairesse (2013), and musealization in the context of natural science museums with Landim and Soler (2017). We also discuss the concept of representation based on Chartier (1990). From a methodological point of view, this is a documentary, exploratory, and descriptive research with a qualitative approach, using inference, description, and interpretation procedures of the data collected through primary and oral sources. The investigation's findings confirmed that MCNPEDI went through three phases, each addressing the idea of nature in completely different ways. The first phase is characterized by a more self-taught narrative of nature, while the second phase adopts a more technical and scientific conception and representation of nature. In the last phase, the dismantling of the collection was observed. Finally, the investigation concludes that the relationship between the museum and the State is crucial for the survival of any institution, as the trajectory of MCNPEDI highlights the pursuit of this legitimization, and its absence ultimately led to the loss of its invaluable collection.

Keywords: Museum; Nature; Museum of Natural Sciences; Parque Estadual de Dois Irmãos.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNM - Cadastro Nacional de Museus.

CEA - Centro de Educação Ambiental.

EMPETUR - Empresa de Turismo de Pernambuco.

FUNDAJ - Fundação Joaquim Nabuco.

ICOM - International Council of Museums.

IJNPS - Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Social.

IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus

LAFEPE - Laboratório Farmacêutico do Estado de Pernambuco.

MCNPEDI - Museu de Ciências Naturais do Parque Estadual de Dois Irmãos.

MEC - Ministério da Educação e Cultura.

MHN - Museu Histórico Nacional.

MP - Museu Paulista.

MUHNE - Museu do Homem do Nordeste.

OAP - Observadores de Aves de Pernambuco.

PEDI - Parque Estadual de Dois Irmãos.

RPA3 - Região Político Administrativa III.

SEMAS - PE - Secretaria do Meio Ambiente e Sustentabilidade de Pernambuco.

UFRPE - Universidade Federal Rural de Pernambuco.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA	TÍTULO	PÁG
Figura 01	Fachada atual do prédio do museu.	15
Figura 02	Anúncio de inauguração do museu, Diário de Pernambuco, 1973	49
Figura 03	Rabiscos de um ensaio de discurso de Petrônio Cavalcanti.	51
Figura 04	Petrônio Cavalcanti e alguns animais taxidermizados em 1973, entre eles vários mamíferos como uma preguiça, uma paca, um cervídeo, um felino, um quati, além de aves como um anatídeo e uma ave de rapina, além de outros mamíferos não identificados.	52
Figura 05	Petrônio Cavalcanti.	53
Figura 06	Anúncio sobre o quantitativo de visitantes, Diário de Pernambuco, 1974	57
Figura 07	Anúncio sobre o quantitativo de visitantes, Diário de Pernambuco, 1974	58
Figura 08	Anúncio sobre o quantitativo de visitantes, Diário de Pernambuco, 1975.	58
Figura 09	Vista parcial do museu em 1975, presente no documento com relatos dos visitantes.	60
Figura 10	Petrônio Cavalcanti apresentando algumas peças da vitrine do museu, Diário de Pernambuco, 1976.	63 e 64
Figura 11	Prédio do museu reformado em 1991.	71
Figura 12	Petrônio e Pacheco na segunda reinauguração do museu em 1991.	72
Figura 13	Museu de Ciências Naturais restaurado completa 19 anos, Diário Oficial, 1992.	75 e 76
Figura 14	Museu de Ciências Naturais de Pernambuco – Espaço Ecológico Cultural.	76
Figura 15	Matéria de jornal sobre o Georama, 1994.	78
Figura 16	Museu de Ciências Naturais de Pernambuco – Projeto Georama - 1994.	78

Figura 17	Exposição “Sentidos da Natureza”.	84
Figura 18	Placa de identificação do CEA/museu e placa comemorativa de abertura do CEA	85
Figura 19	Imagens do depósito com várias peças.	86
Figura 20	Coruja.	87
Figura 21	Corujas.	87
Figura 22	Pato.	88
Figura 23	Tamanduá.	88
Figura 24	Gato do mato.	89
Figura 25	Crânio de grande primata africano.	89
Figura 26	Cabeça de peixe.	90
Figura 27	Jupará 01.	90
Figura 28	Jupará 02.	91
Figura 29	Irara.	91
Figura 30	Canídeo.	92
Figura 31	O sanhaço-pardo.	114
Figura 32	O anambé-de-rabo-branco.	115
Figura 33	Maracanã.	115
Figura 34	Ema.	116
Figura 35	Araponga.	117
Figura 36	Araçari-de-bico-de-marfim.	117
Figura 37	Tucano-de-bico-preto.	118
Figura 38	Tucano-de-papo-branco.	118
Figura 39	Peito-vermelho-grande.	119
Figura 40	Vitrine 1.	127
Figura 41	Vitrine 2.	128
Figura 42	Vitrine 3.	130
Figura 43	Parede 1.	131

Figura 44	Parede 2.	132
Figura 45	Parede 3.	133
Figura 46	Composição de peças 1.	134
Figura 47	Composição de peças 2.	135
Figura 48	Vitrine 4.	136
Figura 49	Parede 4.	137
Figura 50	Parede 5.	138
Figura 51	Parede 6 e anatomia da preguiça.	139
Figura 52	Vitrine 5.	140
Figura 53	Diorama 1.	141
Figura 54	Diorama 2.	143
Figura 55	Visitações.	144
Figura 56	Capa do documento sobre os relatos dos visitantes.	149

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE	TÍTULO	PÁG
APÊNDICE - A	Entrevista realizada no dia 29 de junho de 2024, digitada e enviada ao ex-coordenador do museu, Gustavo Pacheco	167
APÊNDICE - B	Gráfico com a quantidade de peças do MCNPEDI ao longo dos anos	177
APÊNDICE - C	Gráfico com a quantidade por procedência das peças do grupo aves	177
APÊNDICE - D	Gráfico com o estado de conservação do grupo aves (PE)	178
APÊNDICE - E	Linha do tempo do MCNPEDI	179

LISTA DE ANEXOS

ANEXO	TÍTULO	PÁG
ANEXO - A	Confirmação de Dados - Cadastro dos Museus do Brasil 01	183
ANEXO - B	Confirmação de Dados - Cadastro dos Museus do Brasil 02	184
ANEXO - C	Ficha de Inscrição no Sistema Nacional de Museus	185
ANEXO - D	Ficha cadastral, 1977	186
ANEXO - E	Lista das aves provenientes do Estado de Pernambuco do acervo do MCNPEDI, com o número de ordem, número de registro, origem e título das peças	187
ANEXO - F	Relatório do grupo 4	199
ANEXO - G	Sistema de Informações Museológicas - Cadastramento de Museu (sem ano) 01	200
ANEXO - H	Sistema de Informações Museológicas - Cadastramento de Museu (sem ano) 02	201

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1. IDEIA DE NATUREZA E A RELAÇÃO MUSEU E ESTADO	27
1.1 Filosofia da Natureza	28
1.2 História Ambiental	30
1.3 Filosofia da Ciência	33
1.4 Definição de Natureza	37
1.5 Museus e Estado	40
CAPÍTULO 2. TRAJETÓRIA DO MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS DO PARQUE ESTADUAL DE DOIS IRMÃOS	46
2.1 Histórico	46
2.2 Documentos administrativos.	92
CAPÍTULO 3. ANÁLISE DA COLEÇÃO DO GRUPO AVES	107
3.1 Conceito de musealização	107
3.2 Análise	109
CAPÍTULO 4. REPRESENTAÇÃO DA NATUREZA ATRAVÉS DA NATUREZA “MUSEALIZADA”	123
4.1 Histórico e metodologia da análise de fontes iconográficas	123
4.2 Análise das fotografias	125
4.3 Análise dos relatos dos visitantes	147
CONSIDERAÇÕES FINAIS	156
REFERÊNCIAS	162
APÊNDICES	167
ANEXOS	183

INTRODUÇÃO

O Museu de Ciências Naturais do Parque Estadual de Dois Irmãos (MCNPEDI), foi fundado em 1973 na cidade do Recife, pelo taxidermista Petrônio Machado Cavalcanti, dentro do espaço físico atual do Parque Estadual de Dois Irmãos (PEDI), localizado na Praça Farias Neves, s/n, no bairro de Dois Irmãos, Recife-PE.

O bairro de Dois Irmãos está inserido na Região Político Administrativa III (RPA3) e fica a 10,41 KM¹ do Marco Zero da cidade, segundo a Prefeitura do Recife. Possui área territorial 585 hectares² e sua população residente é de 2.566 habitantes¹. A maior parte do bairro Dois Irmãos é, ainda, coberta por densa Mata Atlântica da zona da mata, sendo uma das maiores áreas verdes da cidade, mas ainda relativamente desabitada. Além disso, existem importantes edificações localizadas no bairro, como o Açude da Prata, Laboratório Farmacêutico do Estado de Pernambuco (LAFEPE) e a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

Figura 01 - fachada atual do prédio do museu.



Fonte: o autor, mar. 2024.

O PEDI hoje é de responsabilidade da Secretaria do Meio Ambiente e Sustentabilidade de Pernambuco (SEMAS - PE) do Governo do Estado de Pernambuco. O PEDI atualmente é um importante centro de conservação da natureza no Brasil, além de ser uma valiosa parte do centro urbano de Recife que preserva a mata atlântica do Estado.

¹ <https://www2.recife.pe.gov.br/servico/dois-irmaos?op=NT14Mg==>. Acesso em 19 de Fev. de 2024.

O parque atualmente faz um excelente trabalho na preservação da biodiversidade local, na proteção dos mananciais, além de promover diversas atividades de educação ambiental e científica. Tudo isso de forma acessível ao público. O SEMAS-PE afirma que:

Além de reunir esse exuberante ecossistema de plantas e animais em vida livre, como preguiças, saguis, quatis, capivaras e aves diversas, o Parque Estadual de Dois Irmãos segue abrigando o zoológico do Recife, com cerca de 400 animais sob cuidados humanos, entre répteis, aves e mamíferos. Ele ocupa uma área de 14 hectares e, em suas instalações, dispõe de uma clínica veterinária voltada ao atendimento dos animais do zoo, assim como, dos que moram na mata (SITE DO SEMAS-PE)².

Todo esse serviço é prestado de forma competente e gratuita pela administração, que zela pelo bem estar dos animais, da mata e dos visitantes.

Retomando sobre o MCNPEDI, o museu está inserido no Cadastro Nacional de Museus (CNM) do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), sob o código 6.23.45.7635 e no Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais sob o registro ES-7956. Em meio século de existência, o MCNPEDI possui referências de pesquisas escassas, principalmente a partir da ótica historiográfica. Sua importância científica se fundamenta na relevância das coleções como fonte para a investigação da relação entre sociedade e natureza, e no reconhecimento dessa tipologia de acervo para a proteção do patrimônio cultural de ciência e tecnologia brasileiro. Assim, se torna evidente a importância da execução desta pesquisa.

A autora Silvia Figueirôa afirma:

Resta ainda muito por fazer nessa temática(da história natural). Sem dúvida, ampliar o universo das pesquisas, por meio de estudos de caso de outras instituições ou de novos recortes temáticos e problematizações que propiciem uma visão ao mesmo tempo mais abrangente e mais precisa do processo de institucionalização das ciências naturais no Brasil (FIGUEIRÔA,1998, p. 121).

De maneira geral, um museu de história natural atua como um banco de informações sobre a biodiversidade. Como toda instituição que visa salvaguardar a memória em prol de uma memória coletiva, os museus de tipologia história natural “vinculam-se aos projetos científicos de coleta, pesquisa e classificação da natureza ou, como é também denominado, mundo natural” (LOUREIRO, 2007, p. 163).

² <https://semas.pe.gov.br/parque-estadual-de-dois-irmaos/>. Acesso 03 jul. 20204.

Reforçando tese de Loureiro (2007), o Comitê para Museus e Coleções de História Natural (NATHIST)³ do *International Council of Museums* (ICOM) define a importância sobre a :

(...) a coleta, preservação, pesquisa e interpretação de diversas coleções biológicas, paleontológicas e geológicas, o estudo científico do patrimônio natural mundial e ambientes naturais, e o envolvimento de escolas e do público em geral nestes e em assuntos relacionados (ICOM NATHIST, 2024).

Assim, levando em consideração tudo o que foi mencionado acima, os museus de História Natural têm como principais atributos a pesquisa, conservação e a promoção do patrimônio natural, sendo assim um espaço que atua na construção de um saber específico. Suas coleções podem ser diversas, podendo ser localizadas em reservas naturais, aquários, jardins botânicos, zoológico, entre outras.

É relevante ressaltar que existem outras instituições museológicas da tipologia história natural no Estado de Pernambuco e que ainda continuam em funcionamento e abertos à visitação, como por exemplo o Museu Louis Jacques Brunet, localizado na cidade do Recife; e o Museu Carmelitano de História Natural localizado na cidade de Camocim de São Félix, no interior do Estado. Um fato significativo dessa última instituição, é que ela foi fundada pelo Frei Telésforo Machado Cavalcanti, sacerdote carmelita e irmão de Petrônio Machado Cavalcanti, fundador do MCNPEDI (ARIMATÉIA, 2016).

A partir da definição atual dos museus de história natural, anteriormente, é fundamental neste momento traçar um breve histórico para entender o auge dessa disciplina e o surgimento de seus museus, assim como também, as suas modificações.

Os passos iniciais da disciplina acontecem no século XVI na Europa, com a criação dos jardins “medicinais” e “botânicos”, associados às faculdades médicas, que visavam promover um estudo medicinal das plantas para criação de remédios (FÁBIAN; SILVA; VEITENHEIMER-MENDES, 2009).

No século XVII, surgem as primeiras grandes coleções particulares a partir da chegada dos europeus ao “Novo Mundo” e sua exótica natureza diante do olhar dos colonizadores. Período crucial para o desenvolvimento da História Natural, pois, nessa mesma época surgem os gabinetes de curiosidade, que eram compostos com

³ <https://icomnathist.com/about-us/>. Acesso em 19 de Fev. de 2024.

peças de coleções de materiais de natureza e procedência variada, que reuniam objetos considerados exóticos dos locais colonizados, como minerais, fósseis, esqueletos e animais empalhados. As coleções destes gabinetes eram constituídas de objetos raros ou curiosos. Normalmente era mantida por pessoas da realeza, nobreza ou artista (FÁBIAN; SILVA; VEITENHEIMER-MENDES, 2009).

O principal objetivo destes espaços era o de utilizar os objetos com o intuito de serem “(...) representantes do universo que se deseja conhecer, possuir, apresentar o que não se pode ver, o que está distante” (RAFFAINE, 1993, p.162).

Posteriormente, no séc. XVIII, considerado o século da classificação, algumas destas coleções privadas se tornam públicas, fazendo com que sejam apresentadas de forma racional para o público, ao mesmo tempo instruindo e servindo ao lazer (FÁBIAN; SILVA; VEITENHEIMER-MENDES, 2009).

Nesse mesmo século surge o iluminismo, que pregava a disseminação do conhecimento a partir da razão, como forma de enaltecê-la. A partir deste movimento nasce a ideia de descrever o mundo natural a partir de uma lógica cartesiana. A ideia de que o ser humano possui a natureza em seu alcance para descobri-la e (re)organizá-la se torna hegemônica neste período entre pesquisadores. Segundo Cassirer:

O homem não está somente submetido à necessidade da natureza, ele pode e deve criar livremente o seu destino, construir o seu próprio futuro. Mas um simples desejo será impotente se não for conduzido e penetrado por uma visão segura das coisas, a qual só pode nascer da união e da concentração de todas as faculdades do espírito. Ela exige, ao mesmo tempo, que o espírito observe cuidadosamente as realidades individuais, que ele mergulhe nos detalhes empíricos da história e, por outra parte, que analise teoricamente as diversas ‘possibilidades’ para se situar e distinguir com nitidez umas das outras (CASSIRER, 1997, p. 288).

Já no séc. XIX, as instituições museais dão início a uma transformação, fazendo com que novas temáticas como arte, história e os museus naturais se multipliquem. No século seguinte, a biologia se institucionaliza como campo científico, fator que foi crítico para a História Natural, pois ela se tornou menos utilizada, contribuindo assim para que as ciências biológicas ganhasse mais espaço e notoriedade, principalmente no Brasil (FÁBIAN; SILVA; VEITENHEIMER-MENDES, 2009).

A esse acontecimento é pertinente encaixar a lógica de campo bourdieusiana, pois, vemos a biologia sobrepor seu capital específico de campo, gerando assim uma relação dominante sobre a história natural (CATANI, NOGUEIRA, HEY, MEDEIROS, 2017).

Marandino relata essa luta pelo campo entre a biologia e a história natural:

(...) a busca por status de "ciência exata" nas Ciências Biológicas atravessou todo o século XX e foi produzindo um significado particular na configuração da disciplina escolar Biologia, conforme mostram os estudos sobre a história das disciplinas escolares em países anglo-saxões desenvolvidos por Dorothy Rosenthal e Rodger Bybee, Ivor Goodson e G. W.Tracey. Todos esses autores apontam as primeiras décadas do referido século como significativas para compreender os processos que acabaram por definir essa nova disciplina escolar diante do ensino de conteúdos biológicos ora em disciplinas escolares distintas como a Zoologia, a Botânica e a Fisiologia humana -, ora na disciplina escolar denominada História Natural (MARANDINO, 2009, p.52).

Imerso no contexto citado acima, está o objeto de pesquisa desta dissertação, e diante disto surge a necessidade em analisar como o MCNPEDI representava a natureza através de diversas fontes, desde a exposição permanente e outros recursos expográficos, até as fotografias/documentação existentes ou ainda analisando o livro de comentários dos visitantes.

Posto isto, o problema de pesquisa gira em torno da representação dessas coleções da natureza. As imagens produzidas pelo Museu, retratam quais significados acerca da natureza? Expressam quais sentidos? Transmitem quais valores? Qual a sua importância do ponto de vista dos estudos biológicos e genéticos atuais, como da biologia da conservação?

Coleções de história natural possuem a possibilidade de mostrar aos visitantes a fauna que estes não terão acesso de outra forma tão realista, a não ser pela visita a estes tipos de museus. Logo, a relação materialidade e cultura é intrínseca para a produção e prática cultural. Segundo Chartier, a cultura “denota um padrão, transmitido historicamente, de significados incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e atitudes perante a vida” (CHARTIER, 1990. p. 67).

Ou seja, é significativo estudar não só essa relação como também os meios que a propaga. “Para além dos sujeitos e agências que produzem a cultura, estuda-se os meios através dos quais esta se produz e se transmite: as práticas e os

processos. Por fim, a 'matéria-prima' cultural propriamente dita” (BARROS, 2004, p.61).

Assim, a presente pesquisa tem como objetivo geral compreender a ideia de natureza produzida historicamente e culturalmente pela instituição. Em relação aos objetivos específicos da pesquisa, são eles: levantar as fontes materiais e traçar a história do MCNPEDI; analisar a coleção da instituição por meio das documentações; e investigar a representação da natureza através da natureza “musealizada”.

Esta dissertação foi dividida em quatro capítulos. No primeiro capítulo trataremos sobre a ideia de natureza produzida culturalmente e historicamente a partir da ótica de três áreas, sendo elas a Filosofia da Natureza a partir do filósofo Mutschler (2008); a História Ambiental por meio dos teóricos Worster (2008), Pádua (2010), Passmore (1995), e Souza (2019); e a Filosofia da ciência segundo os teóricos Daston e Galison (2007). Além disso, nesse capítulo também discutiremos sobre a relação do estado com o museu que será utilizado como norteador teórico Bourdieu (2014), Meneses (2002) e Bennett (1995).

No segundo capítulo iremos traçar a trajetória da instituição (por meio do jornal e das documentações administrativas do museu), somando-se a análise qualitativa da entrevista com o ex-coordenador do MCNPEDI, Gustavo Pacheco e com a biologia do PEDI, Fernanda Justino, juntamente a fotografias e recortes de jornais cedidos também pelo ex-coordenador.

O terceiro capítulo será executado a análise da coleção do MCNPEDI a partir das fichas cadastrais das peças da coleção do grupo aves. Além disso, discutiremos o conceito de musealização por meio dos museólogos Brulon (2019), Desvallées e Mairesse (2013), Soler e Landim (2017).

No quarto capítulo discutiremos sobre a representação de natureza a partir da natureza musealizada, por meio das seguintes fontes: acervo de fotografias da instituição e os relatos dos visitantes. Sobre a fonte material, que são as fotografias, utilizaremos como referencial para análise os teóricos Burke (2004), Salkeld (2014) e Berger (2017). Por fim, ainda neste capítulo trataremos sobre o conceito de representação a partir de Chartier (1990).

Diante disto, é necessário detalhar mais sobre o referencial teórico que guiará esta pesquisa. Ao trazer a ideia de natureza historicamente e culturalmente produzida pelo museu, é significativo refletir quanto à relação existente entre museu

e estado, já que as ideias de uma instituição museológica reflete os ideais do estado. Seguindo a lógica Bourdieusiana, o museu nada mais é do que uma ferramenta do estado, para carregar e representar seus ideais. Logo, esta se torna uma instituição a serviço dos valores e das crenças da classe dominante. Assim, essa instituição impõe narrativas, crenças e até ordens de como esta deve funcionar (BOURDIEU, 2014).

Sendo essa instituição munida de acervo e informações, logo esta proporciona conhecimento. Fazendo uma breve análise histórica dessa relação, pode-se destacar que a partir do século XIX, o museu tem essa relação mais aprofundada, ao ponto de ser intrínseca, com os museus de história natural. Diante disso, é inegável o fato de que essas instituições que tinham como foco a história natural proporcionavam conhecimento. Segundo Menezes:

Não é coincidência que a História Natural tenha sido não apenas a ciência que imporá a episteme da época, isto é, os critérios de verdade, mas também, por isso mesmo, o modelo para a própria definição do conhecimento científico e suas condições. Desempenharam papel essencial a respeito das teorias unificadoras, como é o caso do evolucionismo, que deu uma fisionomia própria às ciências biológicas. O conhecimento não mais se produz especulativamente a partir de pressupostos teológicos, teóricos ou filosóficos, mas do sensível é que se chega ao inteligível: daí a consolidação das coisas materiais como documentos, fontes de informação (MENEZES, 2002, p. 29).

Sobre as reflexões acerca da natureza, a pesquisa irá buscar referencial teórico na história ambiental, área da história que começou a principiar a partir da década de 1970, com iniciativas de conferências sobre crises global.

Para os seres humanos o conceito de natureza é bastante ambíguo, existe a ideia de que ela é um conceito que abarca o entendimento do que é o universo para o ser humano. No entanto, segundo Pádua “A natureza se apresenta cada vez mais como algo em permanente construção e reconstrução ao longo do tempo, distante da visão tradicional de uma realidade pronta e acabada, que serviria de referencial estável para a agitação do viver humano.” (PÁDUA, 2010, p. 88), ou seja, a natureza ou as naturezas são as representações sócio-culturais do mundo natural feitas pelos seres humanos.

A natureza que capturamos é mediada pela cultura e pela história, transformando-a assim numa realidade social, além disso, os nossos sentidos

capturam a "immediatez mediada" e nunca a natureza em si. Assim, a ideia de natureza é historicamente produzida, podendo variar de cultura para cultura (SOUZA, 2019).

Além da História Ambiental na busca de definição da natureza, abordaremos a definição da Filosofia da Natureza, onde se discute a necessidade de buscar uma nova metafísica para dar conta das crises ambientais atualmente enfrentadas, evitando assim a concepção de natureza apenas como um dado científico, surgida com a modernidade (MUTSCHLER, 2008). Já na área da Filosofia da Ciência, tocaremos na importância da ciência retratar e definir a natureza a partir do que é possível alcançar pelos sentidos humanos e não como uma natureza intocada/perfeita, visando assim abordar a natureza por meio da objetividade científica mas, agregada a subjetividade do sujeito que a analisa (DASTON; GALISON, 2007). Todos os referenciais citados acima, contribuem para a discussão acerca do conhecimento gerado sobre a natureza no MCNPEDI, que será desdobrada nos próximos capítulos.

Quanto ao conceito de musealização, destacamos que esse é extremamente relevante para a pesquisa, pois trata-se da operação que vai modificar o objeto que foi retirado da sua realidade, adquirindo assim um caráter funcional para a instituição (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013). Que no caso do MCNPEDI, abordaremos essa perspectiva para entender a natureza representada na instituição por meio das peças musealizadas da coleção de aves.

Quanto a essa representação da natureza na instituição, entendemos que esta se dá a partir da construção de mundo, sentidos e significados. Essa representação não é universal, nem individual. Ela parte de grupos. Logo, existem conflitos de poder e dominação para saber qual representação se faz válida (CHARTIER, 1990). Posto isto, os autores citados anteriormente vão fomentar o debate referente ao MCNPEDI e na sua importância para o estado de Pernambuco nos aspectos científico, biológico e patrimonial de forma mais densa ao longo dos capítulos.

Quanto às fontes de pesquisa, é importante primeiro destacar que ao longo da pesquisa existiram dificuldades. A principal dificuldade foi localizar as próprias fontes em si para análise. Como veremos no capítulo 2, não existiu certa preocupação da administração do MCNPEDI em organizar um arquivo para informações.

Das fontes localizadas, utilizaremos fontes primárias. A primeira está no arquivo do CEA, no PEDl; Se trata da documentação iconográfica referente ao acervo fotográfico de peças taxidermizadas feito pelo fundador do museu, o taxidermista Petrônio Cavalcanti. Serão analisadas vinte fotos que tratam da disponibilidade das peças, coleções e visitas. A segunda fonte primária também foi organizada pelo seu fundador e se trata de relatos de visitantes. O nome do documento é "Impressões de Visitantes do Brasil e do Estrangeiro Deixadas no Museu de Ciências Naturais, instalado no Horto de Dois Irmãos – Recife – Pernambuco".

Este documento foi localizado a partir do ex-coordenador do museu, Gustavo Pacheco, que possui o documento original, além de uma cópia digitalizada e publicada em seu blog⁴. Esse documento traz duzentos e dezenove relatos de visitantes do museu. Os relatos são de um diverso tipo de público, como constatado, como por exemplo: turistas, professores universitários, políticos, jornalistas, médicos, entre outros.

A terceira fonte primária que será recorrida, foi localizada no arquivo institucional do Museu do Homem do Nordeste (MUHNE) da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ). Os documentos em questão são fichas cadastrais com dados das peças existentes no museu, que servirá de base para remontar e analisar dentre as coleções existentes apenas a coleção de aves; além de documentações administrativas.

Na análise crítica das fontes documentais citadas acima e que foram utilizadas nesta pesquisa fez-se necessário “discutir os critérios possivelmente adotados por quem a produziu, de modo a melhor decifrar a informação que ela nos fornece” (BACELLAR, 2005, p. 66). Além disso, é necessário perceber a qualidade das informações para analisar o que estas fontes podem ou não nos fornecer, para assim “cruzar fontes, cotejar informações, justapor documentos, relacionar texto e contexto, estabelecer constantes, identificar mudanças e permanências” (BACELLAR, 2005, p. 72).

Foi realizado também visita *in locu* ao MCNPEDI. O intuito da visita foi para reconhecimento do espaço físico ocupado pela antiga coleção e seus possíveis vestígios no local, além de buscar analisar a estrutura atual do museu.

⁴<https://atrativeope.blogspot.com/search/label/Museu%20de%20Ci%C3%A7%C3%A2ncias%20Naturais%20de%20Pernambuco?m=0>. Acesso em 20 de jan. 2024.

Recorreu-se também a fontes do tipo oral. Esse tipo de fonte trata da realização de entrevistas de indivíduos que participaram ou testemunharam acontecimentos históricos. A partir da concepção de história oral de Verena Alberti (2005), a produção de fontes orais deve se dividir em três momentos: a preparação das entrevistas, sua realização e seu tratamento. Além disso, deve ser definido quem ou quais e quantas pessoas serão entrevistadas e qual o tipo de entrevista que será executada. É válido destacar que a fonte oral precisa da intencionalidade do pesquisador. Logo essa fonte evita a imparcialidade. Assim, uma entrevista foi realizada com o ex-coordenador Gustavo Pacheco do MCNPEDI e com a bióloga do PEDI, Fernanda Justino.

Em uma pesquisa qualitativa, a entrevista se torna uma boa ferramenta para coleta de dados objetivos e subjetivos, pois apenas fontes escritas e/ou materiais nem sempre preenchem as lacunas existentes. Sendo assim, a entrevista foi realizada a partir de um questionário previamente planejado, com o roteiro de 12 perguntas estruturadas e relacionadas aos temas-chave da dissertação, mais especificamente a trajetória da instituição, que foram enviadas para o entrevistado respondê-la (o roteiro e transcrição completa da entrevista se encontram no apêndice A).

Por último, também foi recorrido como fonte primária o jornal Diário de Pernambuco, com corte cronológico de 1970 a 1999 (o máximo disponibilizado pelo acervo online), viabilizado na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, para entender a trajetória do museu a partir de uma linha do tempo. Segundo Tânia de Luca, quanto às fontes impressas, além de atentar-se a localização, precisa também “caracterizar o grupo responsável pela publicação; Identificar os principais colaboradores; Identificar o público a que se destinava; Identificar as fontes de receita; e analisar todo o material de acordo com a problemática escolhida” (LUCA, 2005, p. 142). Sendo assim, os documentos iconográficos, escritos e orais referentes ao MCNPEDI serão examinados a partir de sua historicidade e do referencial teórico destacado mais acima.

Quanto aos procedimentos técnicos metodológicos, essa pesquisa se configura como documental, baseando-se em fontes primárias. A pesquisa documental tem como fontes os mais variados tipos, como por exemplo: jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, entre outros. “Todo documento deve passar por uma avaliação crítica por parte do pesquisador,

que levará em consideração seus aspectos internos e externos. No caso da crítica externa, serão avaliadas suas garantias e o valor de seu conteúdo” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 56). A análise da documentação em questão, será feita de forma qualitativa com procedimentos de inferência, descrição e interpretação. Segundo Triviños:

Na pesquisa qualitativa, de forma muito geral, segue-se a mesma rota ao realizar uma investigação. Isto é, existe uma escolha de um assunto ou problema, uma coleta e análise das informações. É indispensável, não obstante isso, fazer alguns esclarecimentos importantes. Em primeiro lugar, a pesquisa qualitativa não segue sequência tão rígida das etapas assinaladas para o desenvolvimento da pesquisa quantitativa. Pelo contrário. Por exemplo: a coleta e a análise dos dados não são divisões estanques. As informações que se recolhem, geralmente, são interpretadas e isto pode originar a exigência de novas buscas de dados (TRIVIÑOS, 1987, p. 131).

É importante ressaltar que o historiador não pode dissociar as fontes do seu contexto. A análise documental precisa levar em consideração os interesses de seu autor. É intrínseco ao trabalho do historiador o ato de desconfiar da fonte, produzindo assim um olhar crítico (BACELLAR, 2005).

A crítica histórica realizada nas análises de todas as fontes, será executada com ênfase nas possibilidades e qualidades das informações que eles transmitem. É importante salientar que qualquer documentação existente não foi produzida para a crítica histórica, mas foi produzida para responder às necessidades da época em que foi produzida (BACELLAR, 2011).

Por consequência, é válido reforçar novamente que contextualizar o documento é primordial para a crítica histórica. É importante entender o contexto que o objeto de pesquisa está inserido, qual a sua intenção, e por que foi preservado. Samara e Tupy afirmam:

[...] identificar com precisão a simbologia contida em um texto escrito implica, em um primeiro momento, estabelecer o contexto histórico do documento, não apenas definindo as relações entre seus conteúdos e a época em que o mesmo foi produzido, como também reconhecendo o(s) seu(s) autor(es). (SAMARA; TUPY, 2007, p. 122).

Portanto, discutir uma pesquisa histórica que tenha como foco um museu dentro do campo patrimonial e cultural tem como propósito "identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler" (CHARTIER, 1990. p. 16-17).

Por isso, atuar no campo do patrimônio cultural é se defrontar, antes de mais nada, com a problemática do valor, que ecoa em qualquer esfera do campo” (MENESES, 2009, p. 32). O valor cultural dado a determinado objeto é o que faz valer sua importância. Meneses lista quais são esses valores (cognitivos, formais, afetivos, pragmáticos e éticos) e que nem sempre eles funcionam de maneira isolada. Entretanto, na pesquisa em questão, o valor que pode-se empregar a documentação do MCNPEDI é o valor cognitivo (MENESES, 2009).

Esse valor está voltado a condições de conhecimento. Isto significa que o interesse do estudo está voltado não só para a sua significação como para suas condições históricas (técnicas, sociais, culturais) da sua construção, usos e apropriações, sua trajetória e biografia. O autor segue afirmando: “O bem está sendo tratado, então, como documento, ao qual se dirigem questões para obter, como resposta, informação de múltipla natureza. É um valor de fruição basicamente intelectual” (MENESES, 2009, p. 35). Assim, levando em consideração todas essas reflexões dos autores citados, fica claro o quão essa documentação do MCNPEDI possui uma carga simbólica muito forte e que com o passar do tempo, ela vai sendo ressignificada pela sociedade. “O patrimônio é utilizado na construção identitária de grupo, onde bens e práticas culturais compartilhadas representam mecanismos difusores de suas memórias” (SILVA FILHO, 2017 p. 33).

Por fim, esperamos que os resultados que serão alcançados nos capítulos a seguir, possam contribuir de forma significativa sobre a necessidade de salvaguardar e valorizar o patrimônio cultural de ciência e tecnologia brasileiro em prol dos estudos biológicos, genéticos e da relação entre seres humanos e natureza.

CAPÍTULO 1. IDEIA DE NATUREZA E A RELAÇÃO MUSEU E ESTADO

A definição de um conceito para natureza é um exercício que demanda certa diligência. Isso devido a complexidade imbuída neste termo polissêmico. Para dar início a esta reflexão trago as definições gerais colocadas na obra “*Keywords: A Vocabulary of Culture and Society*” (2007), do sociólogo e teórico de comunicação e cultura Raymond Williams. Em relação ao conceito natureza ele destaca três possíveis definições, são elas:

Nature is perhaps the most complex word in the language. It is relatively easy to distinguish three areas of meaning: (i) the essential quality and character of something; (ii) the inherent force which directs either the world or human beings or both; (iii) the material world itself, taken as including or not including human beings. (WILLIAMS, 2007, p. 164).

Dentre as três definições, as duas últimas chamam atenção em relação a este trabalho. A segunda definição o autor destaca a palavra natureza como uma “força” que guia o mundo e os seres humanos. Podemos interpretar como uma possível força que conduz os elementos naturais e faz acontecer os fenômenos como os ventos, água, terremotos, a vida animal e como tudo isso interage fisicamente em um determinado espaço. Essa segunda definição também pode ser interpretada como a força da natureza humana e seu conjunto de características inerentes como por exemplo, pensar, sentir e/ou agir e toda a sua complexidade.

Já a terceira definição abre margem para pensar em tudo o que faz parte do mundo natural e todo o material que o envolve, podendo o ser humano estar inserido ou não nessa perspectiva. Esta definição deixa em aberto a possibilidade que os seres humanos façam parte ou não da natureza.

A partir destes conceitos de Williams (2007) procuramos entender como a ideia de natureza foi definida e transmitida por três áreas que refletem sobre este conceito, são elas: a Filosofia da Natureza, a História Ambiental e a Filosofia da Ciência. No entanto, é importante ressaltar que a perspectiva de natureza que abordaremos nesta pesquisa por meio das áreas ressaltadas, trata-se da natureza enquanto mundo natural.

1.1 Filosofia da Natureza

Dando início com os estudos da Filosofia da Natureza, nessa área trazemos o teórico e filósofo alemão Hans-Dieter Mutschler. O autor possui uma obra intitulada “Introdução à Filosofia da Natureza” (2008) onde explica o percurso histórico das definições do termo natureza, sendo este um dos principais motivos para abordá-lo nesta dissertação. Ou seja, por meio de Mutschler entender a perspectiva de natureza ao longo da história para chegar a uma definição de natureza a partir dos seus desdobramentos e contextos históricos.

Segundo Mutschler, um dos conceitos mais antigos é do período helenístico onde, especificamente para os estóicos, “(...) a natureza era tanto aquilo que nos engloba quanto aquilo que nos fornece as normas; tanto o que nos circunda fisicamente (“as coisas da natureza”) como o que concede ser e valor aos objetos (“a natureza das coisas”)” (MUTSCHLER, 2008: 07). Percebe-se que desde a antiguidade existia uma noção de natureza onde o todo está inserido nessa concepção e que além disto, a natureza é apontada como aquela que ordena. Ela impõe acontecimentos, situações e dita existência, essência.

Mutschler também retrata brevemente sobre a visão do período medieval onde existiam a “natureza” e a “sobrenatureza”, e ambas estavam interligadas com aspectos da cultura cristã. No entanto, no início do século XVII a natureza passa a ser vista como algo passível de experimentos e de aplicação de métodos quantitativos e instrumentos da matemática (MUTSCHLER, 2008).

Entre o século XV e XVII, com a emergência da modernidade, a produção científica ganha autonomia e rompe com a religião e a filosofia. A natureza deixa de ser vista a partir da perspectiva filosófica e ganha novos ares com a comunidade científica emergente do período. Mutschler destaca que atualmente quando se trata de natureza existe um estigma de que esta só pode e deve ser estudado apenas pelas chamadas ciências da natureza. E o autor deixa claro que esse estigma teve início a partir da modernidade. Mutschler afirma:

A partir desse ponto de vista, parecia, em princípio, não haver qualquer problema com o conceito de “natureza”, o qual em todas as épocas nada mais designava que substrato ontológico das ciências da natureza; diante dos convincentes resultados dessas ciências, não se via mais necessidade de especulações ontológicas (MUTSCHLER, 2008, p. 08).

Logo, fica evidente no pensamento do autor o fato de existir um certo preconceito com a reflexão filosófica do conceito de natureza, e que sempre esta reflexão será taxada como um “retrocesso à metafísica”, ou seja, uma volta a discussões que visam o entendimento do mundo por meio da ontologia (estudo do ser) ou teologia (estudo dos seres divinos), que sempre acaba resultando na realidade suprassensível (superior ao sensível), e que esta já foi a muito tempo superada pelas ciências da natureza (MUTSCHLER, 2008).

Contudo, devido a crise ecológica iniciada a partir do século XX, deu-se início a uma cisão dessa perspectiva de natureza. A partir dessa crise fica evidente a suspeita de que a ideia de natureza experimental da ciência, que se construiu por muitos séculos, acaba por abrir brechas em como as pessoas/sociedades/culturas encaram essa natureza, prejudicando-a diretamente. Conforme Mutschler, “uma ciência carregada de consequências tão desoladoras como é a ciência atual deve estar fundamentada numa falsa consciência” (MUTSCHLER, 2008, p. 08).

Ou seja, é notório a conclusão de que essa visão moderna e científica da natureza favoreceu em diversos aspectos a lógica capitalista de exploração do mundo natural. Assim, é incontestável que a ideia de natureza sofreu influência de todo um contexto histórico, sendo esse contexto altamente problemático, como afirma Mutschler, e que a partir disso este precisa ser revisto, sendo a retomada da discussão filosófica a saída proposta pelo autor.

Diante disso, é válido afirmar que o MCNPEDI surge enquanto uma vontade de seu fundador inserida nesse contexto apontado por Mutschler. Uma instituição que visa tratar da fauna local dando ênfase à importância de não encarar a natureza apenas como um dado a ser analisado, mas sim ressignificá-la e dar a consciência devida de atenção e preservação.

Então, Mutschler destaca três concepções de natureza. A primeira concepção definida por ele parte da lógica mais básica da ideia de natureza, ou seja, a natureza como totalidade, como já foi apontado no conceito de Williams, onde tudo que está inserido em um determinado espaço faz parte da natureza. A segunda concepção delimita a ideia de natureza como algo definido dentro de um espaço regional, logo essa concepção sofre influência da cultura e da história, segundo o autor (MUTSCHLER, 2008).

É importante destacar que nesta segunda concepção fica evidente a diferença entre “natureza como totalidade do existente” e “natureza como grandeza

regional". Por último, ele pontua a concepção de natureza como correspondente da ciência da natureza, ou seja, a natureza como um dado. O autor destaca que esse último conceito pode se subdividir também na forma pluralista, a qual não deve apenas ver a natureza como algo a ser calculado, mas também preza pelo resgate de conhecimentos que a natureza pode proporcionar (MUTSCHLER, 2008).

Por fim, Muschler em sua obra destaca que essas concepções de natureza podem acontecer de forma individual ou também em pares (duas concepções coexistindo juntas). Ele conclui ressaltando a importância que a concepção REGIONAL/PLURALISTA possui, pois, esta mescla a vivência histórica/cultural de natureza de cada lugar e o uso desta para a geração de conhecimento.

Veremos no próximo capítulo como essa concepção REGIONAL/PLURALISTA é relevante para a realidade do MCNPEDI, pois, Petrônio Cavalcanti conduz seus conhecimentos prévios de um admirador da história natural, com sua bagagem autodidata, entendendo a natureza como um dado científico mas também com o olhar de um entusiasta da natureza.

1.2 História Ambiental

A partir daqui migramos para a ideia de natureza oferecida pela História Ambiental. Para essa análise, recorreremos a importantes teóricos desta área. São eles: Donald Worster (historiador), José Pádua (historiador), Marcelo Lopes Souza (geógrafo) e John Passmore (filósofo). Essa área da história começou a principiar a partir da década de 1970, com iniciativas de conferências sobre crises global. Nesse ponto, existe uma relação entre a filosofia da natureza e a história ambiental. Onde ambas começam a repensar a ideia de natureza a partir dos impactos globais negativos.

O intuito de abordar esta área e seus teóricos se dá pelo fato da história ambiental atribuir a natureza a importância enquanto agente determinante na vida de todos os seres vivos, que influencia e é influenciada, contribuindo assim para uma nova forma de entender e definir a natureza. Sendo este fator crucial para a nossa definição.

Dentro do campo da história, a partir da década de 1970, os historiadores começaram a notar que a ideia de história apenas voltada para o tópico "política do passado", começou a ficar ultrapassada, incompleta. Começou-se a se expandir a

ideia de que apenas seres humanos poderosos seriam incapazes de controlar todo o passado (WORSTER, 1988). Segundo Donald Worster:

Acima de tudo, a história ambiental rejeita a premissa convencional de que a experiência humana se desenvolveu sem restrições naturais, de que os humanos são uma espécie distinta e "super natural", de que as consequências ecológicas dos seus feitos passados podem ser ignoradas. A velha história não poderia negar que vivemos neste planeta há muito tempo, mas, por desconsiderar quase sempre esse fato, portou-se como se não tivéssemos sido e não fossemos realmente parte do planície. Os historiadores ambientais, por outro lado, perceberam que não podemos mais nos dar ao luxo de sermos tão inocentes (WORSTER, 1988, p. 199)

Chega-se a intuir que a história ambiental visa deixar claro para os seres humanos que durante o tempo que a humanidade se fez presente no planeta terra, esta foi sendo afetada pelo ambiente natural e o inverso também. Assim, evidencia-se que o papel da história ambiental é dar ênfase à natureza na vida humana (WORSTER, 1988).

O historiador Donald Worster, um dos principais teóricos da área, chegou a postular uma teoria de três conjuntos dessa nova história que leva em conta a natureza como um dos principais agentes e não apenas um palco. Essa teoria divide o estudo da história ambiental em três níveis, sendo eles: 1) entendimento da natureza propriamente dita; 2) domínio socioeconômico; 3) interação intangível humana.

O princípio básico dessa teoria gira em torno do fato de que esses três níveis possam contribuir de forma dinâmica e única. Assim, abrangendo uma variedade de assuntos (WORSTER, 1988).

Segundo José Pádua, a partir da teoria de Worster: o primeiro nível está associado à natureza em si e na interação dos humanos com os distintos ecossistemas. O segundo nível trata da constituição socioeconômica das sociedades, onde baseando na teoria de Marx, Pádua versa sobre a ideia de "modos de produção", destacando a importância de entendê-los ligados aos fatores ecológicos. Por fim, o terceiro nível aborda as dimensões cognitivas, mentais e culturais da existência humana, e que todas essas dimensões devem passar pela ideia de natureza (PÁDUA, 2010).

Assim, fica claro como o surgimento dessa área contribuiu e abriu horizontes na historiografia. Adiante, será tratado sobre natureza e sua definição segundo essa área da história.

Para os seres humanos o conceito de natureza é bastante ambíguo. Existe a ideia de que ela é um conceito que abarca o entendimento do que é universo para o ser humano. No entanto, segundo Pádua “A natureza se apresenta cada vez mais como algo em permanente construção e reconstrução ao longo do tempo, distante da visão tradicional de uma realidade pronta e acabada, que serviria de referencial estável para a agitação do viver humano.” (PÁDUA, 2010, p. 88). Ou seja, a natureza precisa ser levada em conta a partir do momentâneo.

Segundo o teórico Passmore, a natureza a partir de um determinado momento passou a ser “estranha” ao ser humano, assim fazendo com que a concepção de natureza fosse rejeitada. O autor em questão aponta que a tradição estoíco-cristã foi a responsável por insistir nessa ideia. Essa tradição pregava que o ser humano tem a natureza como sua auxiliar. Ou seja, a natureza existe para servir a humanidade. “(...) a visão de que todas as coisas existem para servir o homem encorajou o desenvolvimento de um modo particular de ver a natureza, não como algo a ser respeitado, mas sim como algo a ser utilizado” (PASSMORE, 1995, p.5).

Passmore chega a afirmar que essa ideia de natureza se consolidou no âmbito religioso, como também no filosófico e epistemológico. Ele exemplifica desde René Descartes a Immanuel Kant, como a natureza foi construída como algo à parte do ser humano. Aqui podemos notar mais uma convergência com a filosofia da natureza, onde a modernidade e seus teóricos passam a enxergar a natureza como um objeto científico. Assim também como Mutschler, Passmore chega a sugerir a criação de uma nova metafísica. Uma metafísica que não leva em conta apenas o ser humano como espécie dominante. Uma nova metafísica que leve em conta outros pontos de partida. Mais naturalista e menos reducionista (PASSMORE, 1995).

Levando em consideração esses fatos, é importante refletir que se comparado com a existência do planeta terra, os seres humanos são um acontecimento bastante recente. O autor Marcelo Lopes Souza, a partir desse olhar, leva-nos a refletir acerca da cognição e percepção. Ele afirma: “(...) a natureza tal como percebida pelos seres humanos e com cujos elementos eles interagem é, sempre, fruto de um processo mediado pela cultura e pela história” (SOUZA, 2019. p. 41).

Isto é, a natureza humana seria uma espécie de miragem cognitiva. Essa ideia foi abraçada por teóricos marxistas que depois influenciaram a escola de Frankfurt. A natureza que capturamos é mediada pela cultura e pela história,

transformando-a assim numa realidade social. Os nossos sentidos capturam a "immediatez mediada" e nunca a natureza em si. Sendo a ideia de natureza historicamente produzida, podendo variar de cultura para cultura (SOUZA, 2019).

Essa forma de enxergar e entender a natureza atravessada pela cultura e pela história se faz presente na existência do MCNPEDI. Veremos mais à frente, como o fundador da instituição narra a natureza a partir de sua realidade, dando ao museu no primeiro momento uma definição de natureza advinda a partir do que é capturada pelo seu olhar de entusiasta, o que no primeiro momento leva a instituição a uma ausência de um discurso científico perante ao Estado.

Prosseguindo, pode-se concluir pela tese dos autores que a natureza é um “ser” plenamente independente. Os seres humanos são apenas um dos milhares processos que sofre influência da natureza e a influencia. A humanidade enxergá-la como “estranha” apenas desencadeia diversos problemas. “A história ambiental, como ciência social, deve sempre incluir as sociedades humanas. Mas também reconhecer a historicidade dos sistemas naturais. O desafio, repetindo, é construir uma leitura aberta e interativa da relação entre ambos.” (PÁDUA, 2010. p. 97).

1.3 Filosofia da Ciência

De agora em diante analisaremos a ideia de natureza a partir da Filosofia da Ciência, especificamente a partir da obra “*Objectivity*” (2007) da historiadora da ciência, Lorraine Daston e do físico e também historiador da ciência, Peter Galison. O propósito em tratar desta obra nesta pesquisa seria devido ao fato dos autores refletirem acerca da ideia de natureza, além de tratar sobre a representação desta. De como a natureza a partir de sua definição é enxergada. Sendo esta obra de grande contribuição para a definição de natureza que trataremos mais à frente.

É necessário destacar que para melhor compreensão da teoria defendida por Daston e Galison, é necessário uma breve síntese da obra citada acima. É válido salientar que inicialmente os autores definem alguns padrões na maneira de ver e representar a natureza. É destacado três padrões: “fiel à natureza” (*truth-to-nature*), “objetividade mecânica” (*mechanical objectivity*) e “avaliação instruída” (*trained judgment*). Segundo os autores, cada um destes padrões corresponde a distintas tradições científicas que trataremos de forma detalhada a seguir.

Para principiar a síntese, o objeto de pesquisa que inicia a reflexão dos autores são os atlas produzidos a partir do século XVIII até o início do século XIX. É

destacado que os naturalistas daquela época precisavam de “sentidos aguçados”, ou seja, deveriam possuir uma excelente memória para conseguir analisar, retratar e condensar todas as informações e detalhes sobre a natureza. Citam como exemplo o autor Johann Wolfgang Von Goethe, por utilizar dessas observações e que a partir disso consegue chegar no chamado “fenômeno puro”. E que assim surgem os atlas (DASTON; GALISON, 2007).

Esses atlas retratavam o mundo a partir de desenhos que foram executados por meio da observação. Continham desenhos de variados tipos: órgãos corporais, constelações, plantas com flores, flocos de neve, dentre outros. Assim, se torna evidente o objetivo que esses materiais possuíam de padronização dos sujeitos. Tanto para quem observava, seguindo um padrão de técnicas, quanto o que era observado. Isso acaba por gerar uma crise de idiosincrasia, onde ambos têm suas característica comportamental ou estrutural peculiar individual silenciada (DASTON; GALISON, 2007).

Fazendo uma análise levando em conta a ótica contemporânea, isso é algo totalmente problemático. Os autores afirmam o seguinte sobre:

Because we moderns habitually oppose the objectivity of things to the subjectivity of individuals, we fret most about idiosyncratic subjects: their “personal equations,” their theoretical biases, their odd quirks. But idiosyncratic objects pose at least as great a threat to communal, cumulative science, for nature seldom repeats itself, variability and individuality being the rule rather than the exception (DASTON; GALISON, 2007. p. 63).

Assim, essa perspectiva de anular as peculiaridades dos fenômenos é algo que até então a ciência defendia veementemente, pois surge como ameaça para a ciência cumulativa onde a natureza em hipótese alguma possui individualidade. Esse pensamento findou se perpetuando na forma de definir, ver e representar a natureza. Sendo assim, o atlas teve a responsabilidade de ampliar o empirismo coletivo, dando ênfase a essa maneira de enxergar a natureza.

Isso criou um cenário onde a objetividade estaria no cerne da busca científica da representação da natureza, eliminando de todas as formas uma possível subjetividade. Seja através da análise do observador, seja na forma de representar a natureza. Fazendo assim surgir uma oposição que perdurará por alguns séculos entre objetividade e subjetividade.

Logo, era imprescindível possuir ideia do que é essa natureza. Essa definição seria primordial para essa padronização da mesma. Então, era importante o exercício de manter a fidelidade de acordo com o contato individual dos naturalistas com a natureza, tudo partindo da premissa de criar imagens “típicas”, “características” e “ideais”. A missão era determinar o essencial (DASTON; GALISON, 2007).

Contudo, ainda no século XVIII, os naturalistas começaram a recear que essa regularidade da natureza viesse a ruir devido ao posicionamento dos anatomistas em perceber descobertas anômalas estudando os corpos humanos. No entanto, isso foi fortemente anulado pelos estudiosos da época, onde estes tentaram buscar explicações na teologia. Afirmando que Deus apenas reproduz o que é perfeito e que este perfeito possui regularidade, reafirmando assim que a ciência possui como ênfase as regras e não às exceções da natureza, sendo essas anomalias então descartadas (DASTON; GALISON, 2007).

Pode-se inferir então, que essa maneira de tentar definir e reproduzir esta natureza está inserida na lógica “fiel à natureza” (*truth-to-nature*), onde o objetivo dessa representação estava focada em trazer imagens que deveriam apenas representar o exemplar característico de toda uma espécie. Levando assim o período entre os séculos XVII e XIX a uma lógica que o particular representa o universal (DASTON; GALISON, 2007).

A partir do século XIX, é possível enxergar uma transição nessa perspectiva de representação. Essa visão da natureza representada a partir do típico, do característico vai perdendo espaço para a representatividade pautada na “objetividade mecânica” (*mechanical objectivity*). Essa nova forma de representar a natureza se baseia na ideia de que não se deve “arrancar” a verdade da natureza, mas sim abordá-la. E a forma encontrada para abordar essa verdade se daria por meio da fotografia (DASTON; GALISON, 2007).

Sendo assim, a máxima “deixe a natureza falar por si” era o objetivo da ciência daí em diante. A partir dessa nova perspectiva de representação, surge a desconfiança de que a mediação ser humano/natureza/representação seria totalmente influenciada pelo ponto de vista do naturalista que estaria a frente dessa representação, por isso começa-se a recorrer a imagens mecanicamente produzidas. Pois, essa representação não possuiria vontades (DASTON; GALISON, 2007).

Assim, recorreu-se a câmeras para registros de pássaros, fósseis, flocos de neve, bactérias, corpos humanos, cristais e flores. Seria dessa forma a garantia de uma investigação verdadeira, sem interferência das mãos humanas (DASTON; GALISON, 2007). Os autores afirmam:

By mechanical objectivity we mean the insistent drive to repress the willful intervention of the artist-author, and to put in its stead a set of procedures that would, as it were, move nature to the page through a strict protocol, if not automatically. (...) Depicting individual objects “objectively” required a specific, procedural use of image technologies — some as old as the lithograph or camera lucida, others as freshly late nineteenth-century as photomicrography (DASTON; GALISON, 2007. p. 121).

Todos esses protocolos tentaram garantir que o que fosse retratado apareceria sem a distorção do gosto e ambições pessoais do observador. No entanto, é possível concluir que essa objetividade mecânica não garantiria essa não interferência humana na representação da natureza, pois, o recorte que seria feito pelo observador já envolve uma certa “vontade” do mesmo sobre essa representação (DASTON; GALISON, 2007).

Contudo, essa forma ainda seria a mais segura para evitar essa interferência humana. A objetividade mecânica serviria como um ponto de orientação para o observador, exigindo dele o máximo de diligência possível nessa representação (DASTON; GALISON, 2007).

Apesar disso, com o passar do tempo foi ficando cada vez mais evidente que a objetividade mecânica que se buscava da natureza por meio da representação teria mais vontade humana para além do recorte. Richard Neuhauss, um dos grandes especialistas em fotomicrografia do século XIX, defendia a tese sobre "Retocando o Negativo", onde o mesmo reconhecia que existe a possibilidade de retoque nas fotografias (DASTON; GALISON, 2007)

Abrindo então margem para a busca de uma natureza perfeita. Logo, a partir do pensamento de Neuhauss é possível concluir que a natureza sem a influência da humanidade não é efetivamente possível, pois depende de profissionais honestos e talentosos para não recorrer aos retoques (DASTON; GALISON, 2007). Sobre isso:

By the turn of the twentieth century, faith in mechanical objectivity was unraveling. The simple promise of automaticity began to appear more ambiguous — not least to the real experts, like Neuhauss, who knew inside out all the difficulties attendant to photographing anything from bacterial

cultures to asymmetrical snowflakes. Although Neuhauss and his contemporaries still upheld the ideal of objectivity, they knew it was an ideal that would not produce itself. Removing the scientists, their interfering eyes and hands, was no mean feat; it might even prove impossible (DASTON; GALISON, 2007. p. 189).

Sendo assim, a partir do século XX enxerga-se a objetividade mecânica em sua forma pura como algo ilusório. Posto isso, surge então uma nova forma de representar a natureza, sendo esta a “avaliação instruída” (*trained judgment*). Essa outra perspectiva trata sobre a necessidade de olhar e representar a natureza de maneira interpretativa. Enquanto o criador do atlas do século XVIII almejava a perfeição/idealização, no século XIX os cientistas enxergam isso como uma maldição. Já no século XX viam uma nova possibilidade por meio da avaliação como objeto para a visão científica (DASTON; GALISON, 2007).

Logo vem à tona o objetivo científico pautado em retratar a natureza como ela é, de maneira em que o almejado é o alcance do realismo e não o naturalismo, ou seja, a natureza a partir do que é possível alcançar pelos sentidos e não ela de forma intocada ou perfeita. Então, passa-se a enxergar a objetividade e subjetividade não mais como pólos opostos, mas sim como algo intrínseco a essa análise para assim buscar representar a natureza (DASTON; GALISON, 2007).

No contexto do MCNPEDI, veremos que a narrativa inicial da instituição é pautada nessa subjetividade do fundador na tentativa de abordar a natureza por meio da objetividade científica. Se assemelhando assim ao processo de avaliação instruída que Daston e Galison abordam em sua teoria.

Retomando, dessa forma a avaliação instruída passa a ser a solução de uma representação onde coexiste a natureza de forma realista, a partir da observação (objetivo) juntamente a uma análise individual (subjetivo). Os autores também ressaltam que não podemos imaginar esses padrões destacados de maneira que um elimine o outro. Eles também coexistem, implicando assim de formas diversas de entender e representar (DASTON; GALISON, 2007).

1.4 Definição de Natureza

Em suma, após expor a definição de natureza das áreas citadas, faz-se necessário um apanhado das principais ideias. Um ponto de convergência importante a destacar nas três vertentes é a forma de enxergar a natureza antes e depois da modernidade. É destacada em ambas perspectivas o episódio que é o

advento da ciência na definição de natureza. De como o entendimento antes dessa virada a partir do século XV, com base na tradição estóico-cristã, a natureza era vista de uma forma abrangente e a serviço da humanidade, e a partir da modernidade ela se torna apenas um objeto onde deve-se usufruir e estudar sem um senso de cuidado e responsabilidade.

A não identificação da natureza como um organismo vivo e com influência sobre a existência de qualquer forma de vida, faz com que a humanidade tome atitudes prejudiciais para a existência dessa natureza. Isso fica visível na abordagem das três áreas de estudo que mostram que essa visão científica, onde o ser humano teria o principal valor e importância, causam consequências negativas a natureza seja no âmbito preservacionista, seja no âmbito da gnose.

O contexto de mudanças climáticas e repetidas crises ambientais a partir do século XX, mostraram que a forma como a natureza é vista e representada precisa de uma mudança urgente e que continuar a entender e dimensionar a natureza nessa concepção burguesa e de avanço tecnológico está levando a humanidade ao colapso. Atualmente, se discute que a forma ideal de definir essa natureza precisa voltar para uma compreensão filosófica nova, tratar de uma nova metafísica para buscar soluções.

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso – enquanto seu lobo não vem – fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo que eu consigo pensar é natureza (KRENAK, 2019. p. 10).

É notório destacar também como o contexto histórico e cultural, simultaneamente, moldam as visões quanto à definição e representação de natureza. Podemos observar nos estudos de Daston e Galison (2007), Mutschler (2008), Marcelo Lopes Souza (2019) e Passmore (1995), como o antes e pós modernidade transforma a ideia de natureza.

Mediante a tudo isso citado acima, em suma, quanto à definição de natureza, consideremos a definição desta como tudo aquilo que se refere à vida e aos elementos e fenômenos presentes no meio ambiente. Somando-se a essa concepção, o conceito de natureza trata também sobre o mundo natural mediado e

pensado próximo às ações humanas. Fundamentado nessa definição, é viável a partir de agora realizar uma síntese sobre as similaridades das teorias abordadas.

Começando pelo enfoque do Mutschler, a natureza REGIONAL/PLURALISTA é a mais adequada segundo o teórico. Isso devido ao fato da concepção de natureza andar em consonância com a cultura e história de um determinado lugar que esteja inferindo sobre.

Além disso, o teor pluralista associado ao fator regional reforça a importância do viés científico em prol do conhecimento. O enfoque de Daston e Galison reforçar o padrão da avaliação instruída, onde o observador/estudioso deve prezar pela interseção da objetividade e subjetividade. Fazendo com que o sujeito opte pelo realismo da natureza e sua interpretação.

Por último, a abordagem da História ambiental, especificamente a de Pádua, reforça o quão o ser humano precisa obliterar essa visão da natureza está à parte do ser humano. Muito menos compactuar com a ideia de enxergar a humanidade como um grande advento na natureza. Precisamos entender e perceber que somos sujeitos integrantes de um sistema natural, como outros vários sistemas naturais que existem nessa grande biodiversidade, e que precisamos mediar uma boa relação com a natureza.

Constatando assim, que essa definição de natureza está intrinsecamente relacionada com a forma que uma região/cultura familiariza-se com esta; e que essa definição parte de uma avaliação instruída por meio da objetividade científica, atrelada a forma como esse sujeito a interpreta e a representa.

Mediante a isso, se fez necessário e importante tratar sobre essas concepções de natureza, aqui discutidas, perante ao MCNPEDI e aos objetivos desta pesquisa. Após as reflexões executadas até aqui sobre a noção de natureza, podemos contemplar o objetivo geral em entender e interpretar a ideia de natureza, produzida historicamente e culturalmente, do MCNPEDI.

O fundador do museu, Petrônio Cavalcanti, foi um entusiasta da natureza e da taxidermização. Todas as concepções de natureza aqui abordadas, por todos os teóricos citados, tocam na forma como Petrônio Cavalcanti enxergava a natureza e colocava essa sua visão no museu.

Veremos nos próximos capítulos, como este naturalista autodidata, investindo na abordagem regional/pluralista de natureza, por meio da objetividade e da sua interpretação (subjetividade), buscava compartilhar conhecimento e notificar a

urgência na mudança de comportamento para a preservação da natureza por meio do acervo do MCNPEDI.

1.5 Museus e Estado

Após a definição de ideia de natureza, antes de seguirmos para a trajetória da instituição no capítulo seguinte, se faz indispensável pensarmos na relação existente entre museu e Estado. Ao analisarmos a trajetória de uma instituição museal, se essa tem ingerência estatal direta, seja por administração, ou indireta, a partir do apoio para alguma finalidade, doação ou até mesmo a permissão para funcionamento, não podemos entendê-las descoladas da lógica do Estado.

Para Bourdieu (2014), o Estado pode ser definido como um campo que possui regras e interesses sociais específicos, assim concentrando informações, capital linguístico, instrumentos de coerção, capital cultural e econômico. Ou seja, o Estado é o resultado da concentração de diferentes formas de capital.

Nesse contexto, a instituição museu acaba por ser um dos capitais culturais que está inserido nesse macrocosmo que é o Estado. O museu é uma instituição a serviço dos valores e das crenças da classe dominante, logo, o Estado possui relevância nas instituições museais, que de alguma forma representam sua imagem.

Se formos analisarmos o surgimento dos museus em um contexto amplo, nota-se que este de alguma forma gira em torno da consolidação dos Estados Nação no século XVII, se apropriando dessas instituições com o intuito de utilizá-las como ferramentas de grandes feitos, personagens históricos e suas grandes conquistas. Então, as instituições museais são palcos para a imposição das narrativas estatais, narrativas que incluem também ordens de como estas devem funcionar. Nesse mesmo contexto, “o Estado, (...) deve ser pensado como produtor de princípios de classificação, isto é, de estruturas estruturantes capazes de serem aplicadas a todas as coisas do mundo, e em especial às coisas sociais” (BOURDIEU, 2014, p. 227).

Sendo assim, o museu (microcosmo) inserido no macrocosmo do Estado também se torna um campo. Este, gerido pelo o Estado, acaba por também se apossar de diversos capitais. É importante ressaltar que assim como todos os campos, existem lutas de agentes dentro desses campos para assim se impor, gerando então uma lógica de dominantes/dominados e força para assim tornar esse

campo existente. Na obra “Vocabulário Bourdieu” os autores conceituam campo da seguinte forma:

Esse espaço é um espaço de lutas, uma arena onde está em jogo uma concorrência ou competição entre os agentes que ocupam as diversas posições. O objetivo dessas lutas reside na apropriação do capital específico do campo (obtenção do monopólio do capital específico legítimo) e/ou a redefinição desse capital. Esse capital é desigualmente distribuído no seio do campo. Por conseguinte, existem, nele, dominantes e dominados. A distribuição desigual do capital determina a estrutura do campo que é definido, portanto, pelo estado de uma relação de forças histórica entre as forças (agentes e instituições) em confronto no campo. Em luta uns contra os outros, todos os agentes de um campo têm, contudo, interesse em que o campo exista. Eles mantêm, portanto, uma “cumplicidade objetiva” para além das lutas que os opõem (CATANI, NOGUEIRA, HEY, MEDEIROS, 2017, p. 65).

E se museus são um campo de disputa inseridos no macrocosmo do Estado, como produzir conhecimento a partir destas instituições? Inicialmente é importante destacar qual seria as funções que esta instituição normalmente possui. Essa reflexão acerca da funcionalidade de um museu em uma sociedade é bastante complexa.

Pode-se afirmar que a sua função é múltipla. Segundo o historiador Ulpiano Meneses, as principais funções de um museu é o “deleite afetivo, as relações de subjetividade que se estabelecem entre os indivíduos e as coisas e que funcionam, por exemplo, como suportes da memória, marcas identitárias, e agem para definir trajetos, (e) para explicitar percursos (...)” (MENESES, 2002, p. 19).

Ou seja, o museu possui um caráter multifacetado devido ao público e sua subjetividade. É importante também destacar que com a virada da perspectiva de museu na década de 1970, esse espaço deixa de ser visto como um lugar onde cultivar e dar suporte a estrutura ideológica da elite citada dentro da lógica Bourdieusiana e a ideia de campo, dominante e dominado, passando a ser a de um espaço de transformação social por meio da educação e posteriormente na década de 1980 como um espaço onde a identidade cultural de comunidades que então eram excluídas desses espaço passam a vigorar com a criação dos seus próprios museus. No entanto, para além dessas vertentes, o museu hoje está rendido à lógica do mercado. Especificamente dentro da especificidade cultural de mercado, criando assim um novo campo onde esses valores agora se adaptam a toda e qualquer pauta levantada pela instituição (MENESES, 2002).

Então, é de fácil conclusão que de alguma forma desde seu primórdio, a instituição museu estava bastante próxima a produção de conhecimento, mediada pelo macrocosmo que é o Estado. As instituições que tinham o seu acervo voltado para a história natural, por exemplo, fez com que essa relação se estreitasse ainda mais e fosse mais íntima, ao ponto de influenciar os séculos seguintes com a noção de preservação de coleção e classificação (MENESES, 2002).

Os museus de história natural possuem como função base manter, salvaguardar e organizar o acervo de espécimes, assim exprimindo a diversidade biológica existente. O século XVII foi o período em que o conhecimento sobre a biodiversidade de organismos em nosso planeta teve um grande êxito científico, devido ao comércio marítimo e das rotas de navegação (ZAHER, YOUNG, 2003.)

Neste período os museus de história natural tinham um papel relevante nas ciências biológicas, como espaços de estudos da biodiversidade. “A associação feita entre os museus de história natural e o estudo da biodiversidade não parou de se estreitar e se fortalecer no decorrer dos anos. (...) (sendo assim), passou a representar a espinha dorsal do conhecimento em biodiversidade” (ZAHER, YOUNG, 2003. p. 24).

Logo, os museus de história natural despontam tendo como base o conhecimento. Inclusive, é passível de concluir como estas instituições tiveram grande êxito em definir a identidade dos povos dos países colonizados, visto que esta identidade era construída por meio da sua fauna e flora e não por feitos ou conquistas que são fruto dos colonizadores, como pregam os museus históricos, por exemplo (MENESES, 2002).

Após esta análise de cunho bourdieusiana, onde enxerga-se o museu como um microcosmo inserido no macrocosmo (Estado), que produz conhecimento e que é induzido e conduzido por este, partiremos agora para uma análise mais detalhada e específica dessa influência do Estado sobre a instituição museu, tratando assim sobre o nascimento do museu moderno. Para isso, recorreremos ao autor Tony Bennett em sua obra “*The Birth of the Museum: History, Theory, Politics*” (1995). Para sua análise, Bennet recorre a um conceito de racionalidade política do filósofo Foucault.

Logo, é importante destacar que o pensamento de bourdieusiano e foucaultiano divergem completamente. No entanto, a contribuição desses

pensadores sobre o papel do museu mediado pela figura do Estado, com suas perspectivas distintas sobre essa relação contribui e dialoga com a nossa discussão.

Sendo assim, Bennett afirma que o museu do século XVII surge como uma nova tecnologia que tem por finalidade a regulação da conduta de indivíduos e populações. Com isso ele declara que a democratização de espaços que antes eram privados e tornam-se públicos (como aconteceu na revolução francesa no século XVIII, por exemplo), faz com que esse museu se insere nessa lógica, devido ao surgimento de novas classes emergentes (como a burguesia e o proletariado, por exemplo).

Então essa instituição deixa de ser um espaço passivo de acúmulo de objetos e assume um grande papel entre as pessoas, a cultura e a educação. Operando assim como um espaço de representação do conhecimento científico e na qualidade da vida dos cidadãos (BENNETT, 1995).

Por esse motivo, Bennett recorre a Foucault, pois a percepção de instituições como as prisões, escolas, quartéis e hospitais dada pelo filósofo se assemelha ao museu, segundo Bennett. Para ele, todas essas instituições estão próximas da posição de poder e conhecimento, com o objetivo de adestrar a conduta das pessoas. Nesse contexto, a democratização citada acima desses espaço antes privados, visam buscar formas de produzirem espaços mais “acessíveis”. Por esse motivo, Bennett acredita que o Estado investe em cultura, por exemplo. No entanto, Bennett argumenta contra essa lógica dos museus públicos serem espaços de instrução (BENNETT, 1995).

Seguindo ainda a perspectiva foucaultiana, Bennett utiliza do conceito de política de racionalidade, para buscar entender o desenvolvimento das modernas formas do governo, sendo fruto dessa modernidade o museu. Para Bennett, o museu moderno se torna um espaço para as classes inferiores contra a insatisfação e para civilizar os indivíduos. Se tornando, assim como as prisões, uma máquina disciplinar. Assim também como as prisões, isso se dá até no aspecto arquitetônico, reafirmando o seu *status* de espaço de controle (BENNETT, 1995). O autor afirma:

Yet this is only half the story. For however much it may have aimed at promoting a mixing and intermingling of those public elite and popular which had hitherto tended towards separate forms of assembly, the museum also served as an instrument for differentiating populations. In doing so, moreover, it too formed a part of the emergence of those techniques of regulation and self-regulation Foucault is concerned with whereby the

behaviour of large populations is subject to new forms of social management. To appreciate the respects in which this is so account must be taken of the emergence of new technologies of behaviour management which allowed museums to offer a technical solution to the problem that had always plagued earlier forms for the display of power with their attendant risks of disorder. An examination of these issues will also serve to show how, in spite of its formally addressing an undifferentiated public, the practices of the museum served to drive a wedge between the publics it attracted and that recalcitrant portion of the population whose manners remained those of the tavern and the fair (BENNETT, 1995. p. 99).

Sendo assim, Bennett ressalta como o espaço museal, por meio do controle, cria um importante vínculo entre poder e conhecimento. Sendo esse conhecimento gerado pela moral burguesa. Ainda na linha de raciocínio foucaultiana, Bennett afirma então que o Estado cria formas de promover a regulação e a autorregulação, fazendo com que ele não fique vulnerável, já que o museu molda o comportamento dos indivíduos (BENNETT, 1995).

Bennett chega a afirmar que o museu surge em oposição às reuniões públicas, destacando assim o museu como o avesso do que é desorganizado. Além disso, ele chega a afirmar que o museu se torna um complemento da prisão, no entanto, a prisão separa o criminoso do restante da população e o museu diferentemente, instala novos códigos de comportamento público (BENNETT, 1995).

Como exemplo prático do que foi exposto aqui nas duas teorias (bourdieusiana e foucaultiana), temos duas importantes instituições museais no Brasil que representam como a relação bem sucedida com o Estado reflete na instituição desde seu surgimento até a sua permanência. São elas: o Museu Paulista (MP) do Estado de São Paulo, fundado em 1895 e o Museu Histórico Nacional (MHN) do Estado do Rio de Janeiro, fundado em 1922. Tanto o MP, quanto o MHN, tiveram como narrativas a consolidação do projeto de uma História Nacional por meio de elementos que cristalizasse no povo o sentimento de pertencimento à nação.

O MP em seu surgimento possui duas fases iniciais. A primeira está vinculada à temática da história natural. Onde o zoólogo Hermann Von Ihering ficou responsável por montar um acervo que contribuísse para o estudo da história natural da América do Sul e do Brasil. Após anos e a passagem de outros responsáveis, a administração do museu passa para o historiador Afonso Taunay em 1917, assim adentrado na segunda fase. Nesta segunda fase o MP assume um novo objetivo: a historicização do museu, com foco na narrativa de valorização nacionalista,

compactuando assim com a colonização e a força dos bandeirantes no Estado (RAIMUNDO, 2004).

Já o MHN surge inserido neste contexto da busca de consolidação do projeto de uma História Nacional. O primeiro responsável pela administração foi o historiador e folclorista Gustavo Barroso, que obteve sua indicação para a administração a partir do então presidente, Epitácio Pessoa. Barroso adquire então um importante papel na história da instituição. Pois, com seus ideais de valorização ao passado, Barroso conduziu o museu junto ao Estado, tendo como foco instruir a população sobre a relevância de reverenciar fatos e personalidades da história brasileira também a partir da colonização, para assim contribuir com a sacralização deste passado. Levando a população à construção de um sentimento nacional (OLIVEIRA, 2008).

É evidente em ambos os exemplos, como o museu se torna uma ferramenta aliada ao Estado com ênfase na propagação de seus ideais. Ambos os museus até a atualidade são considerados importantes para a cultura e o patrimônio nacional. Ganhando assim relevância, pois está vinculado ao que o Estado considera como relevante e importante.

Desse modo, é possível concluir como as perspectivas bourdieusiana e foucaultiana, mesmo com seus distanciamentos, nos elucidam como a instituição museu está inerentemente conectada ao Estado. Da ideologia do museu até o seu funcionamento, é notório ver o Estado por detrás da organização da instituição. Para mais, ambas as perspectivas nos levam a refletir quanto a existência e permanência do MCNPEDI. É notável na trajetória dessa instituição como a ausência e o desprezo do Estado de Pernambuco reverbera no museu e em seu acervo, como observaremos no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 2. TRAJETÓRIA DO MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS DO PARQUE ESTADUAL DE DOIS IRMÃOS

Neste capítulo traçaremos a história do MCNPEDI a partir do levantamento das fontes, por meio da análise qualitativa.

2.1 Histórico

Um dos nossos objetivos é reconstruir a trajetória do MCNPEDI, para depois realizarmos a análise do seu acervo. Nas primeiras buscas para traçar essa trajetória, recorreu-se aos jornais. No caso, ao jornal Diário de Pernambuco, a partir de consultas ao acervo da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. A primeira informação localizada trata acerca do surgimento do MCNPEDI, e é de quase um ano antes da concretização de sua fundação, no ano de 1972. Segundo a matéria existia o intuito do Estado de Pernambuco, por meio da Empetur, de possuir uma instituição da tipologia ciências naturais. A matéria data de 15 de dezembro de 1972 e afirma o seguinte:

Ainda no fim deste mês, o pernambucano contará com uma nova atração do Horto de Dois Irmãos. Trata-se do Museu de Ciências Naturais de finalidade didática a ser instalado no antigo Restaurante Florestal, com reforma já em fase de acabamento. Peças da nossa fauna empalhadas, amostras de minérios, moluscos e conchas marinhas serão as atrações. O preço de entrada será de Cr\$ 0,50 e a preservação das peças ficará a cargo do taxidermista Petrônio Machado Cavalcanti, que dará explicações aos visitantes (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1972).⁵

A matéria deixa claro algumas informações: que ainda no ano de 1972 o museu seria inaugurado; que essa instituição seria instalada no antigo restaurante florestal do Horto Dois irmãos; que este museu tem uma finalidade didática; que ele apresentaria animais empalhados, minérios, moluscos e conchas; e que o responsável pelo museu seria o taxidermista Petrônio Cavalcanti.

Em entrevista concedida para este trabalho pelo ex-coordenador do museu, Gustavo Pacheco, que trabalhou diretamente com o fundador, Petrônio Cavalcanti,

⁵ “Empetur inaugura este mês museu de ciências naturais”. Diário de Pernambuco, vol. 00307, no. 1, 15 dez. 1972. Biblioteca Nacional. https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_15&pasta=ano%20197&pesq=%22museu%20de%20ci%C3%A7ncias%20naturais%22&pagfis=36262. Acesso 05 Jan. 2024.

questionamos se saberia nos informar sobre este contato entre o taxidermista e a EMPETUR⁶. Pacheco afirmou que:

Ele (Petrônio) disse que procurou a Empetur e apresentou a sua proposta de criar um museu num antigo prédio localizado no Horto de Dois Irmãos. Justificou que o museu de animais empalhados seria mais uma atração e esse argumento foi bem aceito. A empresa concedeu o espaço e autorizou que ele cobrasse um ingresso, desde que fosse abaixo do preço de entrada do parque (informação escrita digitada).

Percebe-se que possivelmente o intuito inicial da EMPETUR em aprovar o projeto seria criar mais uma atração para os visitantes do Horto Zoológico Dois Irmãos. No entanto, os planos não saíram como esperado pois em matéria datada de 05 de janeiro de 1973, se afirma o seguinte:

Museu de Ciências Naturais - com acervo de mais de 500 animais empalhados pelo taxidermista Petrônio Machado Cavalcanti - será inaugurado nos princípios deste ano, no Horto de Dois Irmãos, pela Empresa Pernambucana de Turismo. O local de funcionamento será o antigo restaurante florestal, que vem recebendo as devidas modificações para alcançar seu objetivo didático. Dos animais empalhados, apenas meia dúzia não pertencem à fauna nordestina: três faisões (originários da Indochina); dois calopsitas (e papagaios da Nova Holanda) e um tordo da Alemanha. Oportunamente, segundo informa a Empetur, será ministrado no local um curso de taxidermia (arte de empalhar animais) (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1973).⁷

O que se destaca nessa informação é o fato da obra ter se atrasado. Na matéria anterior o museu estava previsto para abertura ainda no final de 1972. Na matéria do ano seguinte é possível notar que não se tem mais uma previsão exata para essa abertura. Cita que a inauguração virá ainda no começo do ano, ou seja 1973, mas sem data precisa. Outras três informações importantes são destacadas: a primeira quanto ao acervo, com a quantidade prevista de peças que este possuirá, que dentre as peças, algumas aves não fazem parte da fauna nordestina e que o museu oferecerá curso de taxidermia.

Mais de dez meses após essa segunda matéria, em 20 de outubro de 1973 é publicada uma outra, informando uma nova data de abertura do museu e dando

⁶ Gustavo Luiz Pacheco, ex-coordenador do MCNPEDI e atualmente assistente administrativo da EMPETUR, nos concedeu entrevista em 29 de Junho de 2024. As perguntas e respostas na íntegra podem ser consultadas no apêndice A.

⁷ "MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS". Diário de Pernambuco, vol. 00003, no. 1, 5 jan. 1973. Biblioteca Nacional. https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_15&pasta=ano%20197&pesq=%22museu%20de%20ci%C3%A7ncias%20naturais%22&pagfis=37089. Acesso 05 Jan. 2024.

mais detalhes sobre a coleção que constituirá seu acervo e mais detalhes quanto à programação que ocorrerá no dia da inauguração. A matéria afirma o seguinte:

O Museu de Ciências Naturais, instalado no Horto de Dois Irmãos, a partir do dia 9 de novembro, contará com 1.300 animais, que foram empalhados pelo taxidermista Petrônio Machado Cavalcante. (...) A exposição será aberta diariamente e os animais estão sendo organizados por famílias para maior conhecimento dos visitantes. Cada peça possuirá legenda com nomes vulgar e científico, família, sexo, procedência. A amostra constou de 193 aves, 58 mamíferos, cinco ofídios, dois quelônios, cinco saurios, 409 insetos e 30 peixes marinhos e 13 de água doce, 20 crustáceos, 400 conchas marinhas, cinco fósseis (peixe e magatêlio), além de várias outras espécies.

PROGRAMAÇÃO

A Empresa de Turismo fará a inauguração do museu com uma programação festiva, já estando concluídas as instalações internas. O taxidermista Petrônio disse que há 15 anos se dedica ao Comércio e, para atrair a criançada, resolveu colocar na vitrine de sua loja "Palacinho da Criança" — um sagui conduzido por um gavião. Observou-se que as pessoas adultas também gostavam de observar os animais e resolveu organizar um museu. Atualmente dedica-se exclusivamente a empalhar animais. (...) Na recepção, preparada pela empresa, compareceram alunos de alguns colégios recifenses, entre os quais o Instituto Pedro Augusto e a escola Maria Santíssima (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1973).⁸

Nesta matéria em questão, temos as primeiras informações sobre o taxidermista e diretor do museu, Petrônio Cavalcanti. Até então só havia sido informado sobre sua função no museu. Agora sabe-se que Petrônio Cavalcanti inicialmente era comerciante e usava da taxidermia apenas para atrair mais clientes. A partir desta matéria se torna claro que diante das impressões positivas dos clientes ele decidiu montar um museu, mas sem muitas explicações. Outra coisa importante é como a quantidade de peças quase triplicou de janeiro para outubro, no aguardo da abertura.

Além disso, é possível perceber que o objetivo inicial do museu seria de informar sobre a variedade de espécies a partir da organização por família, espécie e legendas com nomes científicos e populares. Chega-se também à conclusão pela matéria que o público que inicialmente a instituição almeja, é o público escolar e famílias. Por último, é importante salientar mais uma vez a prorrogação da abertura do museu. Alguns dias depois, especificamente no dia 31 de outubro de 1973, o

⁸ "Museu de Ciências vai mostrar em dois Irmãos 1300 animais empalhados". Diário de Pernambuco, vol. 00283, no. 1, 20 out. 1973. Biblioteca Nacional. https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_15&pasta=ano%20197&pesq=%22mu%20de%20ci%C3%A7%C3%A2ncias%20naturais%22&pagfis=48681. Acesso 05 Jan. 2024.

jornal publica a seguinte nota para reforçar a abertura que está próxima, ressaltando o possível interesse que os jovens (possivelmente estudantes) poderão ter sobre o museu.

Figura 02. Anúncio de inauguração do museu, Diário de Pernambuco, 1973.⁹



Fonte: Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional.

Além disso, é possível ver na imagem da matéria uma parte das aves que estaria em exposição. Dois dias antes da inauguração de fato, mais uma matéria é publicada. Nessa publicação é destacado novamente o objetivo do museu em tratar em sua exposição a fauna local, além de reforçar o local como espaço de estudos e produção de conhecimento. A matéria data de 12 de novembro de 1973 e afirma o seguinte:

⁹ Petronio Machado Cavalcanti resolveu abandonar a vida de comerciante para se dedicar à taxidermia. Mais de 1300 animais e aves já foram empalhados por ele. Agora, com o apoio da Empetur, ele ganhou o prêmio por sua paciência e técnica: um Museu de Ciências Naturais, a ser inaugurado nos primeiros dias de novembro no Horto de Dois Irmãos. Não só reunidos os animais, porém selecionados por espécies e famílias, eles poderão auxiliar OS estudos dos Jovens através de visitas ao novo Museu que o Recife ganhará.

“MUSEU”. Diário de Pernambuco, vol. 00294, no. 1, 31 out. 1973. Biblioteca Nacional. https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_15&pasta=ano%20197&pesq=%22museu%20de%20ci%C3%A7ncias%20naturais%22&pagfis=49122. Acesso 05 Jan. 2024.

A Empresa de Turismo de Pernambuco (Empetur) vai inaugurar, quarta-feira (14/11/73), o Museu de Ciências Naturais no Horto de Dois Irmãos(...) . O museu objetiva mostrar a nossa fauna ao público em geral e servirá também de centro de estudos. (...)

TAXA SIMBÓLICA

A inauguração estarão presentes a diretoria da Empetur e autoridades ligadas ao meio científico. O museu vai ficar aberto diariamente e será cobrada uma taxa de Cr\$ 0,50 a cada visitante, para sua manutenção, segundo informou o sr. Pedro Bello, coordenador do Horto de Dois Irmãos. A Empetur editou um "folder" que será distribuído em todo o Brasil, para divulgar o museu em educandários, agências de viagens e hotéis, visando atrair o maior número de turistas e estudiosos, além de alunos para visitarem o centro cultural, que reúne as mais variadas espécies de animais de nossa fauna (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1973).¹⁰

A partir dessa reportagem, fica evidente pela primeira vez o esforço da EMPETUR de divulgar o museu e com a iniciativa do panfleto e de veiculação desse pelo país para atrair também turistas e outros visitantes. Na busca de fontes para realização da pesquisa, contactamos o Arquivo Público de Pernambuco, e foi localizada na sede do arquivo uma caixa com alguns documentos da EMPETUR, incluindo vários panfletos, de diferentes anos, com informações turísticas. No entanto, não encontramos nenhum panfleto contendo algum anúncio do MCNPEDI. Além disso, onde foram localizadas fontes do museu, não foi encontrado nenhum panfleto da EMPETUR. Possivelmente foi feita essa promessa e não foi concretizada.

Finalmente no dia 14 de novembro de 1973 o MCNPEDI foi inaugurado, como podemos constatar na matéria de mesma data:

Às 16 horas de hoje, Empresa de Turismo de Pernambuco Empetur - estará inaugurando o Museu de Ciências Naturais, no Horto de Dois Irmãos. A cerimônia contou com a presença de autoridades governamentais, de representantes dos setores ligados ao turismo e de professores que lecionam matérias desse setor. Esse material ficará em exposição de caráter permanente (...) . Este é o segundo museu de Ciências Naturais do Recife, pois o primeiro encontra-se no Colégio Estadual (antigo Ginásio Pernambucano), possuidor de peças raríssimas, mas infelizmente esquecido nas divulgações especializadas (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1973).¹¹

¹⁰ "Empetur inaugura dia 14 no Horto museu de Ciência Natural com 1300 peças". Diário de Pernambuco, vol. 00306, no. 1, 12 nov. 1973. Biblioteca Nacional. https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_15&pasta=ano%20197&pesq=%22mu seu%20de%20ci%C3%A7ncias%20naturais%22&pagfis=49555. Acesso 05 Jan. 2024.

¹¹ "Empetur inaugura Museu de Ciências Naturais no Horto Dois Irmãos". Diário de Pernambuco, vol. 00308, no. 1, 14 de nov. 1973. Biblioteca Nacional.

Figura 03. Rabiscos de um ensaio de discurso de Petrônio Cavalcanti¹².

"a inauguração deste
Museu em 14-11-1973
pela EMPETUR, constitui-se
para mim a realização do
meu sonho de 15 anos atrás,
de desejar mostrar este
acervo ao público em insta-
lações amplas e em local
mais apropriado para a visitação
dos turistas e povo
em geral. Petrônio M. Cavalcanti"

Fonte: arquivo pessoal do ex-coordenador Gustavo Pacheco.

https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_15&pasta=ano%20197&pesq=%22mu%20de%20ci%C3%A7%C3%A2ncias%20naturais%22&pagfis=49602. Acesso 05 Jan. 2024.

¹² A inauguração deste museu em 14-11-1973 pela EMPETUR, constitui-se para minha realização do meu sonho de 15 anos atrás, de desejar mostrar este acervo ao público em instalações amplas e em local mais apropriado para a visitação dos turistas e povo em geral. Petrônio M. Cavalcanti.

Figura 04. Petrônio Cavalcanti e alguns animais taxidermizados em 1973, entre eles vários mamíferos como uma preguiça, uma paca, um cervídeo, um felino, um quati, além de aves como um anatídeo e uma ave de rapina, além de outros mamíferos não identificados.

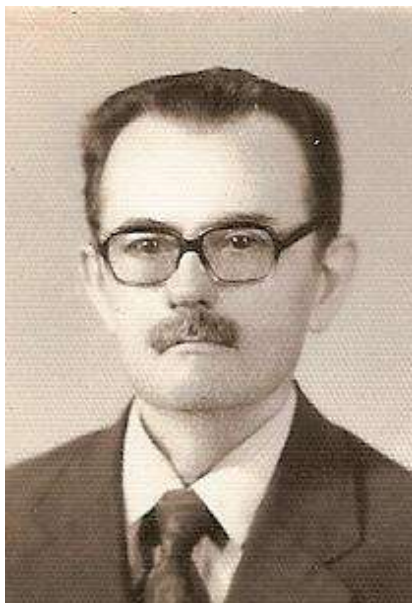


Fonte: arquivo pessoal do ex-coordenador Gustavo Pacheco.

A matéria sobre a inauguração do museu acima evidencia o contraste entre duas instituições que compartilham a mesma tipologia de museu. Como é destacado, o MCNPEDI está sendo exaltado como uma grande conquista para a sociedade pernambucana, mas em contrapartida, o museu mais antigo dessa tipologia no Estado, mesmo possuindo peças consideradas “raríssimas” não recebia a atenção de publicações especializadas.

Até a inauguração do museu, não se tinha mais detalhes acerca do seu responsável, o taxidermista Petrônio Cavalcanti. Apenas o que foi citado brevemente na matéria publicada em 20 de outubro de 1973 (mencionada anteriormente) sobre ele inicialmente ser comerciante e posteriormente o desejo de abrir um museu com as peças que o próprio fazia. Porém entre um ponto e outro existe uma grande brecha. No entanto, uma das fontes traz algumas informações que preenche essa lacuna.

Figura 05. Petrônio Cavalcanti.



Fonte: arquivo pessoal do ex-coordenador Gustavo Pacheco

A partir da leitura do documento "Impressões de Visitantes do Brasil e do Estrangeiro Deixadas no Museu de Ciências Naturais, instalado no Horto de Dois Irmãos – Recife – Pernambuco", cedida pelo ex-coordenador do museu e que será analisada no capítulo 4 , é importante destacar algumas informações previamente. Este documento foi feito entre os anos de 1973 e 1986. Trata-se de um livro onde os visitantes descreviam suas opiniões sobre o museu.

O relato em específico que se torna importante para abordarmos neste momento, foi redigido em abril de 1986, por Antônio Gonçalves Cunha Neto, pesquisador em ciências de saúde e biólogo do Rio de Janeiro. O relato possui informações sobre a vida do fundador, possivelmente sinalizando uma relação de amizade entre Cunha Neto e Petrônio Cavalcanti, logo é importante afirmar que a narrativa construída nesse discurso sofre influência desse fator. Nesse relato, o biólogo inicia afirmando:

Petrônio nasceu no Engenho Lage de Una, município de Água Preta, visitando constantemente desde criança o Engenho Sacramento, dos seus avós, também do mesmo município, distando aproximadamente 120 Km. do Recife, capital do Estado de Pernambuco, encravado na zona da mata, onde deu os primeiros passos em direção ao mundo animal, fica-se realmente feliz por pertencer a classes dos que se dedicam de uma forma ou de outra a conservar, pesquisar ou estudar a flora e a fauna brasileira (IMPRESSÕES DE VISITANTES, 1973-1986).

Logo, constata-se que o fundador é Pernambucano, da cidade de Água Preta. Ao longo do texto é possível notar como a relação de Petrônio Cavalcanti com a natureza é algo muito forte desde sua infância. Cunha Neto revela que “Petrônio, em suas costumeiras caçadas pelas florestas de Engenho Sacramento, sacrificou alguns mamíferos e aves sem se aperceber do mal que estava acometendo ao depredar seres nativos da Região. Porém um dia, sua consciência foi despertada em direção ao campo de ciência.” (IMPRESSÕES DE VISITANTES, 1973-1986).

Em relação à caça, é necessário contextualizar e entender por meio de um breve histórico sobre a caça no Brasil e a legislação. Até 1934 não existia nenhuma regulamentação sobre a caça ou sobre a sua fiscalização, independente da finalidade. Foi apenas no governo Vargas, em 1934, que o Código de Caça e Pesca foi implementado por meio do Decreto no 23.672. Ainda em 1934 foi aprovado o primeiro Código Florestal, onde surge o reconhecimento quanto a importância das florestas para o interesse público brasileiro. Em 1943 é aprovado o Novo Código de Caça (Lei nº 5.894/43), que impõe regras mais rígidas. No ano de 1967 a Lei nº 5.197/67 revoga a Lei nº 5.894/43, criando assim o Código de Proteção à Fauna com critérios para a prática de caça. A partir da década de 80 duas importantes leis foram criadas. A Lei nº 7.347/85, que responsabiliza o indivíduo por qualquer dano causado ao meio ambiente; e a Lei nº 7.643/87 que finalmente proíbe a caça. Em 1988 temos a instituição da Constituição Brasileira, que engloba as importantes diretrizes citadas (FERREIRA; ALVES, 2014).

Logo, somos levados a inferir que na juventude do fundador do MCNPEDI não existia nenhuma lei que o impedisse de caçar ou que reconhecesse a importância da preservação. A partir disso, é relevante ressaltar que não se pode atribuir ao fundador a alcunha de um caçador malfeitor devido a essa ausência de legislação e ao contexto da época. Na verdade, a figura do Petrônio Cavalcanti reconhece a importância da preservação de peças taxidermizadas como algo significativo para a ciência, como já citado mais acima.

Seguindo, é válido destacar que a relação de Petrônio Cavalcanti com a ciência foi de forma autodidata. Pois, o mesmo ainda jovem “decidiu adquirir um livro especializado pois sua meta agora era empalhar os animais e criar um museu onde pudesse expô-los a visitas públicas e contemplar o resto de sua vida, aquela

beleza que só a natureza é capaz de criar.” (IMPRESSÕES DE VISITANTES, 1973-1986). Segundo Cunha Neto:

De posse do manual de taxidermia, preparou o primeiro exemplar, depois o segundo, o terceiro, o entusiasmo aumentou, a perfeição dia a dia ocupou o espaço. De início ele expôs as primeiras amostras de aves e mamíferos em sua loja comercial na cidade de Campina Grande no Estado da Paraíba, o sucesso foi total. Todos queriam ver e saber alguma coisa daqueles pequenos seres tão belos e preparados com tanto zelo. Crianças, jovens, adultos, velhos, leigos, cientistas, brasileiros e estrangeiros aplaudiam a ideia e ficavam impressionados com a perfeição e a beleza daquela obra, os bichos pareciam estar vivos. De comerciante Petrônio não tinha mesmo nada, possuindo habilidade para a ciência e a arte. Foi assim, que tomou a decisão em 1973 de emigrar para o Recife em busca de campo para ampliar seus conhecimentos e pôr em prática a sua obra de fazer dos mortos vivos através de um museu (...) (IMPRESSÕES DE VISITANTES, 1973-1986).

O trecho acima dá a entender que Petrônio Cavalcanti viveu em outro Estado durante algum tempo da sua vida, sendo proprietário de um comércio onde expunha as peças que o próprio aprendeu a fazer.

Seguindo com o relato, Cunha Neto não traz muitos detalhes, mas afirma que foi imprescindível o incentivo da “Empresa Pernambucana de Turismo (Empetur), que cedeu o prédio para a instalação do museu, ele cresceu em número de animais expostos, além da perfeição e a atração dos visitantes.” (IMPRESSÕES DE VISITANTES, 1973-1986). Se por um lado a criação do museu recebeu apoio da EMPETUR, por outro, Petrônio Cavalcanti não possuía apoio financeiro da empresa e também não tinha equipe para a organização do museu. Isso fica evidente nos documentos administrativos, que serão analisados mais à frente ainda neste capítulo. Segundo Cunha Neto:

Com seus próprios recursos físicos, técnicos e financeiros, deu início a uma verdadeira batalha no campo da pesquisa, buscando nos livros especializados meios para classificar cada exemplar da coleção dentro da sistemática. Faz revisão taxonômica do que já possui e partiu em busca de novos bichos para enriquecer as vitrines através de um sistema de compras e trocas de animais em duplicatas, com outros órgãos ligados ao assunto. Troca tudo macacos por aves, ratos por insetos, moluscos por pacas, o importante é aumentar o acervo (IMPRESSÕES DE VISITANTES, 1973-1986).

No dia 10 de março de 1974, quatro meses após a inauguração do museu, uma matéria foi publicada falando sobre o quantitativo de visitantes nos poucos

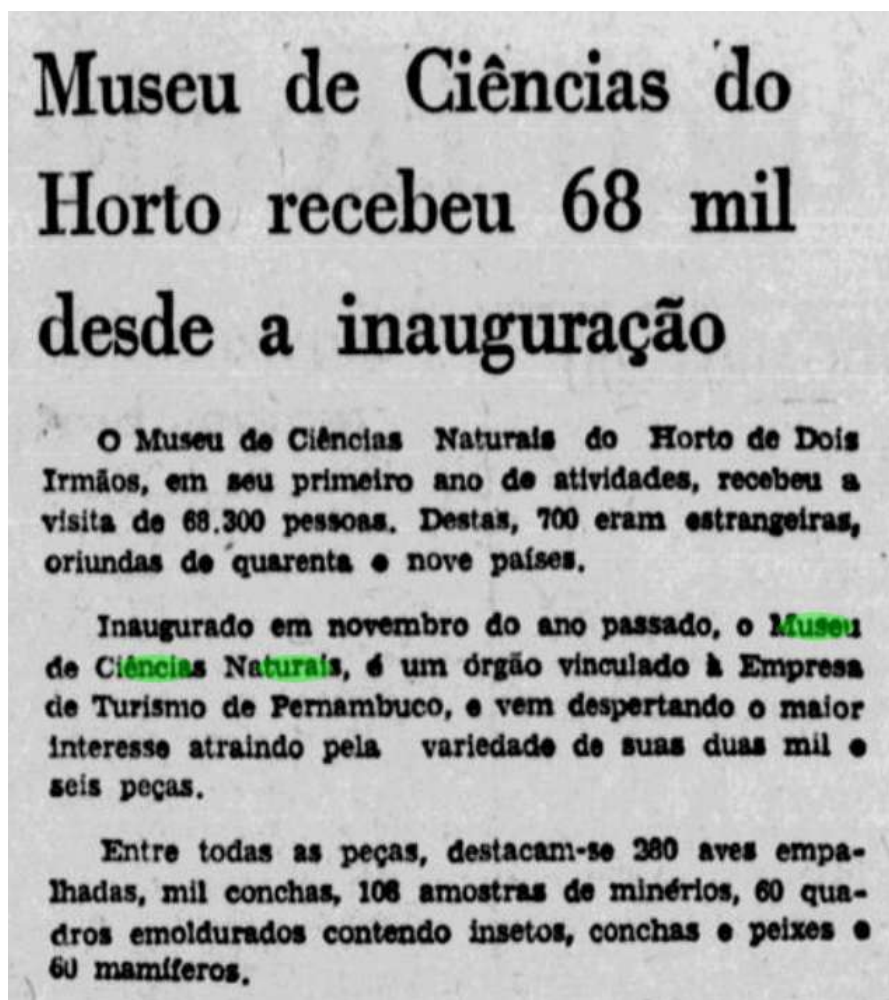
meses de inauguração com impacto inicial bastante positivo. Em menos de quatro meses o MCNPEDI atraiu quase 15.000 mil visitantes, entre recifenses e turistas, sendo os meses de maior índice o mês de férias (janeiro, totalizando 5.480 pessoas) e o mês de recesso do carnaval, fevereiro (totalizando 4.200 pessoas).

O Museu de Ciências Naturais instalado no Horto de Dois Irmãos já recebeu a visita de 14.694 pessoas, incluindo turistas. A média diária de visitas é de 122 pessoas. O museu foi Inaugurado no dia 14 de novembro do ano passado por iniciativa do órgão estadual de turismo e os números fornecidos pela Empetur se referem ao período de novembro ao mês de fevereiro. (...) Trata-se de história ao "vivo" do drama maravilhoso da vida em todas as suas manifestações. Do reino das águas, das aves, dos insetos, dos mamíferos. (...) O mês que teve mais visitas foi janeiro, quando 5.480 pessoas se deslumbraram com as 1.300 peças expostas. novembro foi visitado por em 1.538 pessoas: dezembro, 4.200 e fevereiro visitado por 3.476. Cento e sete estrangeiros (a maioria europeus) também já visitaram o Museu de Ciências Naturais. Todo visitante anota seu nome no livro de registro e as personalidades são sempre convidadas para deixar suas Impressões noutro livro.(DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1974).¹³

O primeiro ano teve um saldo de visitas bem positivo, onde constata-se respectivamente nas matérias de 18 de dezembro de 1974; 21 de dezembro de 1974; e 30 de abril de 1975.

¹³ "Mais de 14 mil pessoas visitam Museu de Ciências Naturais em Dois Irmãos". Diário de Pernambuco, vol. 00065, no. 1, 10 mar. 1974. Biblioteca Nacional. https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_15&pasta=ano%20197&pesq=%22museu%20de%20ci%C3%A7ncias%20naturais%22&pagfis=53710. Acesso 05 Jan. 2024.

Figura 06. Anúncio sobre o quantitativo de visitantes, Diário de Pernambuco, 1974.¹⁴

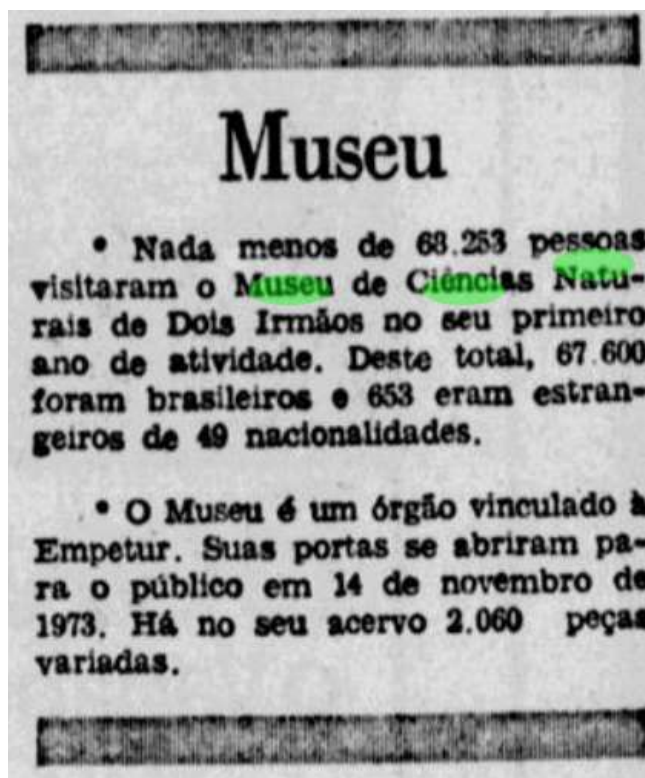


Fonte: Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional.

¹⁴ Museu de Ciências do Horto recebeu 68 mil desde a inauguração. O Museu de Ciências Naturais do Horto de Dois Irmãos, em seu primeiro ano de atividades, recebeu a visita de 68.300 pessoas. Destas, 700 eram estrangeiras, oriundas de quarenta e nove países. Inaugurado em novembro do ano passado, o Museu de Ciências Naturais é um órgão vinculado à Empresa de Turismo de Pernambuco, e vem despertando o maior interesse, atraindo pela variedade de suas duas mil e seis peças. Entre todas as peças, destacam-se 380 aves empalhadas, mil conchas, 108 amostras de minérios, 60 quadros emoldurados contendo insetos, conchas e peixes e 60 mamíferos.

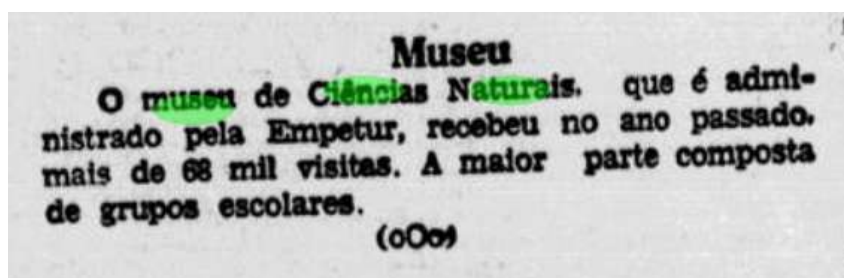
“Museu de Ciências do Horto recebeu 68 mil desde a inauguração”. Diário de Pernambuco, vol. 00339, no. 1, 18 dez. 1974. Biblioteca Nacional. https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_15&pasta=ano%20197&pesq=%22mu%20de%20ci%C3%A7%C3%A2ncias%20naturais%22&pagfis=64661. Acesso 05 Jan. 2024.

Figura 07. Anúncio sobre o quantitativo de visitantes, Diário de Pernambuco, 1974.¹⁵



Fonte: Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional.

Figura 08. Anúncio sobre o quantitativo de visitantes, Diário de Pernambuco, 1975.¹⁶



Fonte: Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional.

¹⁵ Museu. Nada menos de 63.253 pessoas visitaram o Museu de Ciências Naturais de Dois Irmãos no seu primeiro ano de atividade. Deste total, 67.600 eram brasileiros. 653 eram estrangeiros de 49 nacionalidades. O Museu é um órgão vinculado à Empetur. Suas portas abriram para o público em 14 de novembro de 1973. Há no seu acervo 2.060 peças variadas.

"Museu". Diário de Pernambuco, vol. 00342, no. 1, 21 dez. 1974. Biblioteca Nacional. https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_15&pasta=ano%20197&pesq=%22museu%20de%20ci%C3%A7ncias%20naturais%22&pagfis=64764. Acesso 05 Jan. 2024.

¹⁶ Museu. O museu de Ciências Naturais, que é administrado pela Empetur, recebeu no ano passado mais de 68 mil visitantes. A maior parte é composta de grupos escolares.

"Museu". Diário de Pernambuco, vol. 00114, no. 1, 30 abr. 1975. Biblioteca nacional. https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_15&pasta=ano%20197&pesq=%22museu%20de%20ci%C3%A7ncias%20naturais%22&pagfis=69514. Acesso 05 Jan. 2024.

O que se sobressai nessas três reportagens não é apenas o quantitativo grande que o museu recebeu em um ano de visitantes, mas também o fato de que o quantitativo de peças do museu quase duplicou. De mil e trezentos animais empalhados, o museu passa a ter em 1974 duas mil e seis peças, como podemos constatar nas matérias anteriormente citadas. Ou seja, Petrônio Cavalcanti, mesmo sem equipe e com recursos financeiros próprios e advindo da taxa simbólica paga pelos visitantes, estava fazendo o museu crescer em acervo e exposição. Além disso, o museu estreitava ainda mais a relação com um dos seus principais públicos alvo, os estudantes, a partir de políticas implementadas pela EMPETUR. Numa matéria publicada em 2 de outubro de 1975 é possível perceber isso:

Mais de 1.200 crianças de vários educandários do Recife deverão visitar o Horto de Dois Irmãos até quarta-feira, inscritas por seus diretores para participarem da promoção do "Mês da Criança", elaborada pela Empetur. Durante os dias úteis, os educandários poderão levar seus alunos ao Zoo, para visita ao Museu de Ciências Naturais e apreciar a exposição de brinquedos populares, gratuitamente. Os colégios interessados deverão procurar o Departamento de Promoções da Empetur, no horário comercial, para fazer as inscrições. Quinhentas crianças poderão visitar diariamente o Horto, onde terão contato direto com a flora e a fauna. A entrada franca no zoobotânico durante o mês é promoção da Empetur, objetivando manter bem viva uma das nossas tradições e despertar nas crianças o sentimento folclórico e a valorização da natureza".(DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1975).¹⁷

¹⁷ "Mais de 1200 crianças vão visitar zoo até 4a. feira". Diário de Pernambuco, vol. 00265, no. 1, 02 out. 1975. Biblioteca Nacional.
https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_15&pasta=ano%20197&pesq=%22mu%20de%20ci%C3%A7ncias%20naturais%22&pagfis=75320. Acesso 05 Jan. 2024.

Figura 09. Vista parcial do museu em 1975, presente no documento com relatos dos visitantes.



Fonte: Blog Atrativo Pernambuco.

No dia 07 de novembro de 1976 é publicada uma matéria onde se explica em detalhes o que é taxidermia e quais processos estão envolvidos para a execução desta. Sendo Petrônio Cavalcanti uma das pessoas mais entusiasmadas em manter o museu e seu crescimento, o jornal chama o mesmo para falar mais sobre. A matéria se inicia falando que:

A Taxidermia, uma arte antiga, que remonta dos tempos dos faraós, consiste, basicamente, no emalhamento de animais, conservando-lhes as mesmas características de quando viviam. No Recife, um dos maiores entusiastas desta arte excêntrica e ao mesmo tempo perigosa, é Petrônio Cavalcanti, responsável pelo Museu de Ciências Naturais, instalado no Horto de Dois Irmãos (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1976).¹⁸

Nesta mesma matéria podemos entender como é o processo de emalhamento que Petrônio Cavalcanti utiliza para as peças. Na matéria é explicado

¹⁸ “Animais emalhados: folclore e ciência no Horto Dois Irmãos”. Diário de Pernambuco, vol. 00301, no. 01, 07 nov. 1976. Biblioteca Nacional.
https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_15&pasta=ano%20197&pesq=%22mu%20de%20ci%C3%A7ncias%20naturais%22&pagfis=92225. Acesso 05 Jan. 2024.

como ele realiza o processo em três etapas. São elas: separar a pele do corpo, colocar arame para dar suporte e estrutura para o corpo e por fim dar forma, aspecto e “atitude de vida”. Na citação abaixo, o fundador do museu dá mais detalhes sobre cada etapa, utilizando como exemplo uma ave. Além de entender todo processo de forma detalhada, Petrônio Cavalcanti também exemplifica o empalhamento em animais de grande porte. A matéria afirma que:

São as seguintes as etapas de empalhamento: separar a pele do corpo deixando aderente apenas as últimas vértebras da cauda, o crânio, os ossos das asas e das pernas, excetuando o fêmur; revestir a pele e a parte dos ossos que se conservam o mais perfeitamente possível com o preparado preservador. Em seguida, passa-se um arame resistente, de espessura adequada, desde a cauda até o crânio; segura-se as asas com um pouco de arame; enche-se a pele com estopa ou algodão, dando-lhe volume e forma iguais à que a ave tinha em vida; por último, a parte mais difícil, dar forma, aspecto e atitude de vida. Para conseguir esta última etapa, antes de iniciar o trabalho de embalsamamento, deve-se medir o comprimento do animal, a posição em que deve prender as pernas e asas no arame que substitui a coluna vertebral, verificar a cor dos olhos, bicos e patas, tudo para que a peça não se transforme numa fantasia do embalsamador.

Para iniciar o trabalho, estende-se a ave sobre a mesa, com a parte ventral para cima; com a mão afasta-se as penas do peito e barriga, deixando descoberta a pele que é cortada longitudinalmente, sem atingir o músculo. Com uma pinça e uma espátula separa-se a pele com cuidado para evitar rasgões, polvilhando ao mesmo tempo com gesso em pó ou fubá de milho para que seque, sem perder a elasticidade natural. As articulações do fêmur e da tíbia serão cortadas com uma tesoura, da mesma forma que as asas. A pele do pescoço exige o maior cuidado, mas depois de retirada, tira-se a carne das asas, pernas e cabeça, extraíndo os olhos com uma pinça. Recobre-se toda a pele, ossos, parte interior do crânio e órbitas com o preservador, do qual depende a conservação das peças. O enchimento com algodão é a etapa final do trabalho, depois de todo colocado, costura-se a abertura feita no início do trabalho. Segundo Petrônio Cavalcanti, a habilidade, inteligência e, principalmente, a calma, serão o guia para um bom trabalho.

Os animais de grande porte exigem que o couro seja curtido, após o que o taxidermista fará um corpo artificial, com todas as medidas do animal, colocando-o numa base de ferro. Às vezes, o corpo é feito em gesso, uma verdadeira escultura artística, processo muito usado na Europa. Depois de modelado o corpo, a pele é “vestida” no animal. As costuras são feitas com o máximo de cuidado, procurando escondê-las. Durante alguns dias, a peça permanece em secagem natural. A última fase do processo é a colocação de tarugos de madeira nas cavidades oculares, e a colocação dos olhos de vidro. Assim, está concluída mais uma peça e o animal empalhado possibilitará o conhecimento e estudo de algumas espécies já extintas ou em vias de desaparecimento (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1976).¹⁹

¹⁹ “Animais empalhados: folclore e ciência no Horto Dois Irmãos”. Diário de Pernambuco, vol. 00301, no. 01, 07 nov. 1976. Biblioteca Nacional. https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_15&pasta=ano%20197&pesq=%22mu%20de%20ci%C3%A7%C3%A2ncias%20naturais%22&pagfis=92225. Acesso 05 Jan. 2024.

Um ponto importante a evidenciar nesta matéria é quanto a técnica utilizada. Sabemos que Petrônio Cavalcanti não possui formação, que ele é um entusiasta, um naturalista autodidata, e que isso irá influenciar diretamente em seu trabalho final com as peças. Podemos supor que além da utilização do fubá, a ausência de materiais que evitem infestações nas peças interfiram na durabilidade delas, já que estamos falando de peças que são feitas com restos mortais de animais.

Nesta mesma matéria mais uma informação sobre o início da coleção e trazida. Petrônio Cavalcanti relata que a coleção que até então existia no museu foi iniciada por ele no ano de 1958, quinze anos antes da vinda dele para Recife e inaugurar o museu com auxílio da EMPETUR. Outra informação importante que a matéria traz é sobre a ausência de um laboratório para o preparo de animais maiores.

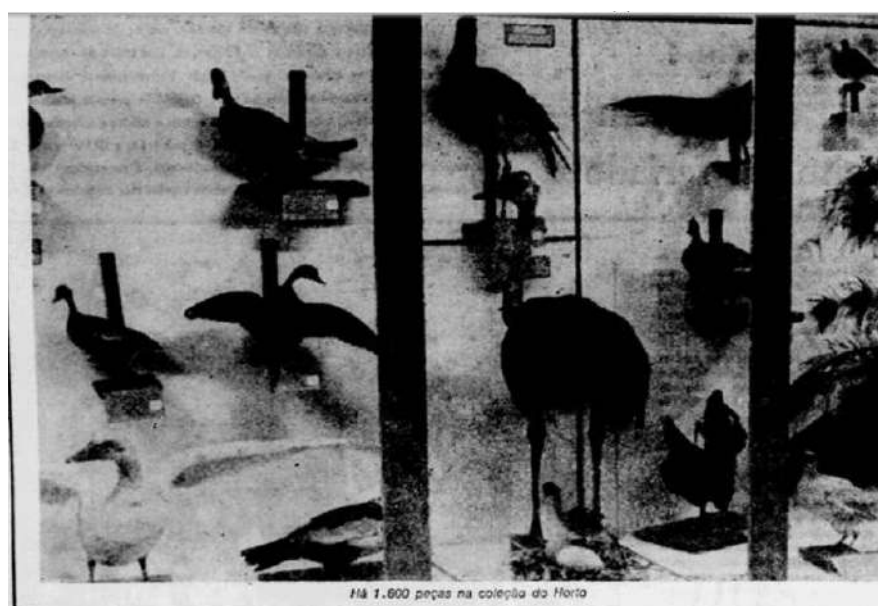
Que devido a essa ausência a coleção de moluscos e insetos tem crescido muito, por ser animais de pequeno porte, sendo mais fácil de manusear sem precisar desse espaço adequado que espécies maiores exigem. O que leva mais uma vez ao questionamento sobre investimentos da parte da EMPETUR. Pois, após quase três anos de abertura, isso não devia ser uma dificuldade para uma instituição que possui uma grande demanda de visitantes.

(...) Iniciada em 1958, a coleção do Museu de Ciências Naturais do Horto de Dois Irmãos totaliza 1.800 peças, todas bem conservadas e preparadas por Petrônio, que toma conta do museu desde a criação pela Empresa de Turismo de Pernambuco, em 14 de novembro de 1973. O número de moluscos e insetos tem crescido muito na coleção do "Museu do Horto", como é chamado carinhosamente, porque ainda não foi possível a instalação de um laboratório ou local apropriado para o preparo de outras espécies, como aves e mamíferos, conforme salientou o responsável. Mas, a verdade é que o Museu de Ciências Naturais consegue atrair grande número de visitantes, não só pela curiosidade como pela empolgação do seu administrador que convida todas as pessoas que passam para uma visita (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1976).

Um ponto importante a ser ressaltado é sobre o quantitativo de peças do museu informado no jornal. Na matéria publicada em 30 de abril de 1975 o jornal informa que o quantitativo de peças estava em dois mil e seis. Nesta última matéria citada o jornal publica que o quantitativo está em mil e oitocentas peças. Essa divergência não é explicada na matéria. Supomos ser um erro de informação. Sobre o quantitativo de peças do museu, no apêndice - B observa-se um gráfico com esses

dados a partir das matérias veiculados no jornal Diário de Pernambuco, onde é possível ver o crescimento e posteriormente o declínio no quantitativo. Por fim, esta mesma matéria citada anteriormente, traz também imagens da disposição de algumas peças de aves em vitrines e o fundador mostrando alguns detalhes das peças.

Figura 10. Petrônio Cavalcanti apresentando algumas peças da vitrine do museu, Diário de Pernambuco, 1976.²⁰



²⁰ “Animais empalhados: folclore e ciência no Horto Dois Irmãos”. Diário de Pernambuco, vol. 00301, no. 01, 07 nov. 1976. Biblioteca Nacional. https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_15&pasta=ano%20197&pesq=%22mu%20de%20ci%C3%A7%C3%A2ncias%20naturais%22&pagfis=92225. Acesso 05 Jan. 2024.



Fonte: Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional.

Entre os anos de 1976 a 1988 não foi localizado nenhuma matéria sobre o museu na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. A partir daqui será introduzido o relato do ex-coordenador Gustavo Pacheco. As informações concedidas pelo ex-coordenador foram extremamente necessárias nesse processo de remontar a trajetória da instituição, já que as poucas fontes existentes não deixaram registro desse processo

A chegada de Pacheco à instituição se dá onze anos após a abertura do museu. No ano de 1984, em visita a instituição e em busca de aprender mais sobre técnicas de taxidermização, Pacheco encontra Petrônio Cavalcanti. Após várias visitas e conversas com o diretor do museu, visando um possível substituto, Petrônio Cavalcanti chega a convidá-lo para ser seu aprendiz. O primeiro ano de Pacheco na instituição, tinha como missão a restauração do acervo, já que o diretor necessitava de fazer uma cirurgia de hérnia no abdômen, e Pacheco seria a pessoa ideal para enquanto isso cuidar da instituição. Disse que não tinha recursos para garantir um salário justo a Pacheco, mas que pagaria um valor por semana e ajudaria nos custos com as passagens de ônibus e almoço.

As primeiras impressões de Pacheco do museu foram marcadas pela situação bastante precária devido a pouco recurso financeiro, superlotação, peças danificadas por conta de umidade e goteira. Na tentativa de levantar recursos, além da cobrança referente à entrada no museu, Petrônio vendia brasões de família²¹. Pacheco afirmou em entrevista: *“Aos poucos, Seu Petrônio mostrava as peças com cuidado e indicando os problemas: Asas caídas devido às oxidações dos arames, penas e pelos se deteriorando por conta da umidade e outros inúmeros e pequenos detalhes”* (informação escrita digitada). Numa outra fala de Pacheco durante a entrevista, nos é relatado mais detalhes de como o Petrônio Cavalcanti aprendeu a arte de taxidermizar e de como ele também utilizava da criatividade para lidar com peças que não ficavam com um bom acabamento. Pacheco relata:

Falava (Petrônio Cavalcanti) de como poderíamos, baseado em suas experiências, aproveitar peças danificadas ou mal taxidermizadas em incluí-las no cenário dinâmico. Isso aconteceu uma vez em suas primeiras peças. Seu Petrônio aprendeu a empalhar utilizando um livro de taxidermia em espanhol. Com a ajuda da esposa, traduziram os textos e então ele começou a testar na prática. Uma vez ele errou em “empalhar” um macaco-prego, havia espichado demais a pele e a cauda. Esteticamente não ficou bom, mas quando depois preparou um gavião e colocou suas garras na cabeça do primata e o poderoso bico puxando a cauda, tudo se encaixou. Vez ou outra a umidade fazia cair um dente da arcada dentária de algum pequeno mamífero, o que era substituído por uma unha de galinha (informação escrita digitada).

²¹ Segundo Pacheco, o brasão de família era feito em *“folhas tipo papel ofício, (e) que continham um resumido texto genealógico, encimado por um brasão de armas colorido à mão”* (informação escrita digitada).

Foi constatado por Pacheco nesses primeiros anos também, mais detalhes quanto ao funcionamento da manutenção do prédio. Os pequenos serviços de pintura, elétrica ou limpeza eram executados pelo pessoal que trabalhava no próprio zoológico, sendo o próprio diretor que buscava dar uma gratificação extra a essas pessoas, assim justificando a cobrança do acesso ao museu e as vendas dos brasões.

Foi exposto por Pacheco também uma relação amigável de Petrônio Cavalcanti com o então secretário de turismo, cultura e esportes da época, o escritor e jornalista Francisco Austerliano Bandeira de Mello. *“Seu Petrônio lhe enviava relatórios mensais de visitação do museu que o deixava muito satisfeito e que também, sempre que tinha oportunidade, visitava o amigo para educadas e construtivas conversas”* (informação escrita digitada). No entanto, essa boa relação de início não trouxe bases para garantir ao museu dignidade suficiente de funcionamento como consta as fontes.

Voltando a missão de restauração de acervo após sua contratação como assistente, Pacheco constata que a restauração ocorreu em etapas, tendo início com a seguinte ordem de animais empalhados: aves, mamíferos, répteis e peixes. Pacheco narra:

Com a logística de trabalho definida, iniciamos com as aves, os vertebrados que mais sofriam com a umidade no museu. Depois teríamos que seguir pelos artrópodes e seus quadros. Por último, avaliáramos as peças avulsas e uma “faxina geral” do que de fato poderia ser guardado, quase tudo no museu era aproveitado (informação escrita digitada).

Pacheco descreve como era difícil essa tarefa de restauração, pois não havia área de depósito no museu, não tinha nem local específico para guardar materiais. *“O depósito era 98% o próprio acervo em exposição e dentro do quartinho ficava apenas o que de fato ainda não poderia ser exposto”* (informação escrita digitada). Esse espaço citado também servia de depósito de ferramentas de marcenaria, alguns químicos como álcool e formol, seringas descartáveis e jornais velhos, reforçando assim a estrutura altamente precária para abrigar um acervo tão rico.

Em seu relato, o ex-coordenador explica que o diretor do museu chegava a recorrer pela melhoria do espaço, tanto a EMPETUR, quanto a direção do parque, mas sem sucesso. Sempre alegando falta de orçamento.

A promessa de conseguir algum apoio da administração do zoológico estava concentrada em reformar o telhado, mas o máximo que se conseguia era pequenos e improdutivos reparos. As chuvas que caíam no Horto de Dois Irmãos eram intensas e não raros os relâmpagos e o som dos trovões faziam as vitrines vibrarem (informação escrita digitada).

O ex-coordenador detalha mais sobre a restauração, dizendo que:

Fomos aos poucos avançando com as aves e os demais vertebrados. Improvisamos novas situações cobrindo falhas impossíveis de serem restauradas como penas, pernas, pelos e asas danificadas usando folhas e galhos artificiais. Sempre usando muito arame, olhos artificiais e às vezes contrariando um pouco o bom senso, usando um pouco de tinta óleo diluída para “reacender” uma cor que o tempo apagou, o museu sempre tinha o que fazer (informação escrita digitada).

Nota-se que tanto Pacheco, quanto Petrônio Cavalcanti buscavam de diversos métodos e recursos para manter o acervo em melhores condições possíveis. Uma outra medida adotada para evitar a infestação de mofo e insetos ao acervo, era a queima de formol. *“Queimávamos formol três dias na semana. Havia meia dúzia de pequenos fogareiros de latão que uma vez acesas com álcool, colocávamos uma latinha em cima com aproximadamente 50 ml de formol”* (informação escrita digitada).

Outra informação importante advinda da entrevista com o ex-coordenador foi mais detalhes sobre a aquisição de boa parte do acervo. Pacheco nos informa que boa parte dos animais expostos no museu foram caçados por Petrônio no Engenho Sacramento, localizado no município de Água Preta, Zona da Mata Sul de Pernambuco. Este engenho era pertencente à família Azevedo e Silva, que segundo Pacheco, Petrônio Cavalcanti informa que eram seus ascendentes.

Além dessas peças advindas das caças do próprio diretor, Pacheco relata que existiam muitas peças que eram permutas ou compras externas. Um exemplo específico citado por Pacheco foi a aquisição de um *“macaco guariba (Alouatta Caraya)²², muito bem taxidermizado e fixado na bifurcação de um galho grosso”* (informação escrita digitada). Esta peça foi adquirida por Petrônio Cavalcanti com um museu no centro oeste do Brasil. Além dessa peça, Pacheco menciona que as aves em sua grande maioria também eram derivadas de permutas. Questionado

²² Animal que está em risco de extinção, segundo o site Animal Diversity Web. https://animaldiversity.org/accounts/Alouatta_caraya/. Acesso 01 de Jul. de 2024.

sobre como essas permutas funcionam, Pacheco declarou que elas aconteceram mais nos primeiros 10 anos de existência do museu. Que durante seu tempo de permanência na instituição não houveram nenhuma.

Após a conclusão da restauração das peças do museu, Petrônio Cavalcanti se afasta e Pacheco toca a instituição segundo seu relato. Quase um ano depois da chegada de Pacheco, em 1 de abril de 1985 a EMPETUR optou por comprar todo o acervo, tornando a administração do museu pública. Pacheco também foi contratado pela EMPETUR e se tornava funcionário da Diretoria de Parques e Hotéis, no setor do Horto Zoobotânico Dois Irmãos, sendo então promovido para coordenador da instituição. Pacheco afirma que Petrônio:

havia me dito que negociou o museu por um preço considerado irrisório pelo valor que possuía. - Fiz um preço quase simbólico – disse ele – seria o preço daquele mandril empalhado. Petrônio revelou-me que a condição especial do preço era que o museu permanecesse onde está, que ele pudesse ter sempre livre acesso ao zoológico e continuasse colaborando e vendendo seus brasões. Mas a maior barganha foi que “o rapaz que eu preparei e ensinei tudo o que sabia sobre o museu fosse meu substituto” (informação escrita digitada).

Logo, é claro que a atitude de Petrônio Cavalcanti em passar o acervo do museu para a EMPETUR, tinha como motivação a segurança de passar o seu trabalho para o seu discípulo. Na entrevista é citado por Pacheco que internamente na EMPETUR se falava no interesse do estado da Bahia em adquirir o acervo do MCPEDI. No entanto, perguntado mais detalhes sobre esse fato, Pacheco disse que ouvia boatos, mas não tinha buscado mais detalhes com a EMPETUR, nem com o Petrônio Cavalcanti.

Pacheco relata que nos dois anos que se seguiram à sua contratação, o museu foi se aprimorando nos quesitos acervo, documentação e visitação. Porém, mesmo passando a responsabilidade financeira do museu para a EMPETUR, não havia recurso financeiro suficiente para gerenciar as despesas do museu e o espaço ainda era inapropriado para o quantitativo de peças. O espaço, por exemplo, não contava nem com reserva técnica. Tudo que existia no museu ou estava exposto ou estava no minúsculo depósito para restauração. Além disso, na entrevista Pacheco fala sobre o baixo salário que recebia na época.

No ano de 1987, numa decisão conjunta, Pacheco se afastou temporariamente da instituição para crescimento profissional. O ex-coordenador foi

realocado na sede administrativa da EMPETUR, no setor pessoal. Pacheco afirmou que mesmo longe da instituição a visitava com certa frequência, assim como Petrônio. No mesmo ano, tanto o Horto quanto o museu fecham para reforma. Na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional chegaram a ser localizadas matérias do ano de 1989 e outra de 1990 que retratam essa reforma. A matéria publicada no dia 06 de março de 1989 afirma o seguinte:

O secretário Bruno Ribeiro, de Turismo, Cultura e Esportes, está empenhado em revitalizar o Horto de Dois Irmãos. Já não era sem tempo, pois aquele importante espaço cultural e de lazer dos recifenses está completamente abandonado. Bruno garante que, em seis meses, irá reconstruir o Museu de Ciências Naturais e o prédio da administração, além de restaurar as vias de tráfego internas, o açude e as jaulas dos animais, dando-lhes melhores condições. O Projeto de Revitalização do Horto prevê, ainda, a contenção das barreiras da Mata Atlântica, em avançado processo de erosão. Tudo isso será feito, segundo informa o secretário, com recursos da ordem de NCz\$ 300 mil, com parte já liberada pela Seplan, através do Banco Mundial, pelo Projeto Grande Recife. Trinta homens já estão trabalhando nas obras (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1989).²³

A segunda matéria de 20 de agosto de 1990 trata de uma entrevista com um funcionário do Horto, chamado de Doralécio, e acontece mais de um ano após a matéria sobre a revitalização do horto. No relato de Doralécio, não fica claro sobre o fim da reforma ou muito menos se esta já se iniciou no museu. E o funcionário ainda destaca a mudança de algumas caixas para dentro do museu e estas serão adaptadas para se tornar viveiro de peixes e répteis.

(...) As caixas serão transformadas em aquários e reptários, que serão colocados dentro do Museu de Ciências Naturais "serão aquários tropicais marinhos, com bichos vivos, que é mais dinâmico para o público que os animais empalhados ou no formol", enfatiza, acrescentando que o Horto está aberto às colaborações. O problema de falta de pessoal está sendo estudado, conforme Doralécio, pela Empetur, cujo diretor está vendo a possibilidade de trazer para Dois Irmãos, pessoas que estão em disponibilidade (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1990).²⁴

²³ "Restauração do Horto". Diário de Pernambuco, vol. 00059, no. 1, 06 mar. 1989. Biblioteca Nacional.

https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_16&pasta=ano%20198&pesq=%22mu%20de%20ci%C3%A7ncias%20naturais%22&pagfis=149103. Acesso 05 Jan. 2024.

²⁴ "Reformas no horto não corrigem velhos problemas." Diário de Pernambuco, vol. 0211, no.1, 20 ago. 1990. Biblioteca Nacional.

https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_17&pasta=ano%20199&pesq=%22mu%20de%20ci%C3%A7ncias%20naturais%22&pagfis=92458. Acesso 05 Jan. 2024.

É necessário destacar a fala desse funcionário, onde é perceptível o desmerecimento com o acervo do MCNPEDI. Pois o mesmo ressalta como animais vivos seriam mais interessantes de manter no museu do que os animais empalhados. Essa fala deixa claro o “compromisso” do parque e do estado com todo o conhecimento e valor que essas peças possuíam.

Essa ausência de atenção estatal ao PEDI é inversamente proporcional ao quantitativo de visitantes que o MCNPEDI durante os primeiros anos obteve. É válido mencionar que este êxito de visitas não é um fator exclusivo do MCNPEDI, mas sim uma constante de museus de história natural, até mesmo por conta de seu perfil educativo (SOLER, 2020). Além disso, Soler (2020) destaca que

(...) as quatro últimas décadas do século XX assistiram ao surgimento de duas novas formas de expor os acervos: o espetáculo e o retorno à matriz estética dos gabinetes de curiosidades (SOLER, 2020, p. 22).

No caso do MCNPEDI, o mesmo se insere na lógica do espetáculo a partir do momento em que está num espaço gerido por um órgão público vinculado à secretaria de turismo do Estado. Que possivelmente a exotividade da instituição em exhibir animais taxidermizados, onde o ser humano não teria acesso a esse animal em vida e em seu *Habitat*, seja uma das razões de seu sucesso. Possivelmente fazendo assim com que o órgão voltado ao turismo (EMPETUR) tenha atingido seu objetivo em movimentar o parque, porém, sem contrapartida financeira. Retomando a trajetória do MCNPEDI, segundo relato de Pacheco em entrevista, é no ano de 1991 que o parque e o museu são reabertos. O museu, com uma nova estrutura, sendo essa a que se encontra nos dias atuais. Segundo Pacheco:

No lugar do antigo prédio, havia uma estrutura nova e imponente, apesar de que tecnicamente ainda não atendia todas as necessidades do museu, mas pelo menos as goteiras não mais existiam. Houve algumas infiltrações no teto, mas que vez ou outra eram sanadas (informação escrita digitada).

Nesse mesmo ano, atendendo um pedido do Secretário de Turismo da época, Pacheco relata seu retorno à instituição para a reorganização do acervo e a sua reabertura, com auxílio de colaboradores e estudantes da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) na catalogação das peças. Pacheco conta que a parceria com a UFRPE nesse momento foi crucial para refazer a catalogação das

peças no menor tempo possível, já que as peças tinham sido transferidas para a administração da EMPETUR no período da reforma.

Figura 11. Prédio do museu reformado em 1991.



Fonte: arquivo pessoal do ex-coordenador Gustavo Pacheco.

Ao concluir a catalogação das peças, Pacheco revela que uma outra reinauguração acontece apenas para o museu, onde Petrônio Cavalcanti foi reconhecido e homenageado. Essa reinauguração contou também com a presença de representantes do governo, da imprensa, familiares e amigos. E uma placa foi instalada anunciando a nova fase do museu.

Figura 12. Petrônio e Pacheco na segunda reinauguração do museu em 1991.



Fonte: arquivo pessoal do ex-coordenador Gustavo Pacheco.

A partir dessa nova reforma e novas parcerias, percebe-se que o museu adentra numa segunda fase. Essa nova fase do museu mudou completamente o seu funcionamento. Até antes, como podemos testemunhar com as fontes até aqui

citadas, a instituição carecia de um dos pilares mais importantes de um museu: a pesquisa. Segundo a definição de museu segundo ICOM²⁵.

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Os museus, abertos ao público, acessíveis e inclusivos, fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Os museus funcionam e comunicam ética, profissionalmente e, com a participação das comunidades, proporcionam experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento (ICOM, 2022).

Esta definição é de 2022, mas a instituição museu por volta do século XVII já possuía viés investigativo e científico, ainda que diferentes do atual. Para o MCNPEDI, era notório o esforço do diretor, posteriormente do ex-coordenador, o compromisso com a divulgação científica, mas o museu carecia de espaço adequado, pessoal, e investimento na sua expansão, manutenção e conservação para que se tornasse uma instituição de pesquisa.

Seguindo, entre os anos de 1991 e 1998, o museu presencia um crescimento e investimento, nunca antes tido. Dentre esses, segundo Pacheco, é formada uma parceria com a Associação dos Observadores de Aves de Pernambuco (OAP), que estudavam e catalogavam tudo sobre a avifauna do Estado. Ainda segundo relatos do ex-coordenador, é fundado também com a parceria da OAP um espaço ecológico cultural no espaço do MCNPEDI, que tinha como objetivo divulgar os grupos ou pessoas que realizam trabalhos ligados à natureza. A parceria com a UFRPE traz mais colaboradores para auxiliar, como estagiários (estudantes de veterinária, biologia e zootecnia), no museu e em pesquisas. Segundo declaração de Pacheco:

O Museu já participava e colaborava com a administração do zoológico. Muitos dos nossos amigos do museu, em sua maioria estudantes e profissionais na área de biologia, veterinária e zootecnia foram contratados para iniciar trabalhos e projetos inéditos com resultados extraordinários, como por exemplo, a melhoria e reprodução em cativeiro de muitas espécies de animais. Os trabalhos de pesquisa do museu estavam gerando frutos, havia coleta, participação de outras instituições, coparticipação em publicações e apresentações em seminários e congressos (informação escrita digitada).

²⁵ <https://www.icom.org.br/?p=2756>. Acesso 01 de Jul. de 2024.

A partir de um recorte de matéria e jornal oferecido por Pacheco de seu arquivo pessoal, comprova-se esse investimento pós reforma. A matéria trata de um sistema de som que foi comprado para reproduzir canto de aves e um espaço ecológico cultural, inaugurado pelo OAP, para exposições e cursos referentes ao tema. A matéria destaca também sobre algumas peças raras. A matéria destaca:

(...) Fechado em 1987 por falta de recursos, o Museu só foi reaberto em junho passado após uma reforma, com o apoio da Empetur. Com uma arquitetura moderna e maior espaço para exposição e visitação pública, o Museu é motivo de orgulho para Pernambuco por ser o mais visitado do gênero no Nordeste. (...) Um sistema de som transmite mais de cem cantos de aves, inclusive o canto raro do uirapuru, pássaro originário da Região Amazônica que canta durante quinze minutos em cada temporada enquanto faz seu ninho. Entre as peças raras expostas, destaca-se o ninho do casaca-de-couro, que mede 160 centímetros de altura, e a serra de 1,40m de um peixe serra que media aproximadamente seis metros. Há também, o baiacu-de-espinho, escorpião do mar, borboleta azul da Amazônia, ossos fossilizados do megatherium (preguiça-gigante) e outros exemplares que atraem o olhar do visitante. Além disso, o Museu de Ciências Naturais possui um espaço ecológico cultural, inaugurado há um mês pelos observadores de aves de Pernambuco, para exposições e cursos referentes ao tema. De acordo com Gustavo Pacheco, os observadores tomam conhecimento, estudam e catalogam tudo sobre a avifauna do Estado. Mais de cem observações já foram realizadas em vários municípios da Região Metropolitana, Zona da Mata e Agreste. Das 400 espécies de aves que sobrevoam o espaço aéreo de Pernambuco, 203 já foram catalogadas. Estão expostos no espaço ecológico cultural do Museu, 60 quadros ilustrativos, uma coleção de vinte apitos de arremedo utilizados para atrair aves, 11 discos com sons de pássaros e estampas ecológicas do artista olindense Clóvis Tavares (DIÁRIO OFICIAL, 1992).

Figura 13. Museu de Ciências Naturais restaurado completa 19 anos, Diário Oficial, 1992.

Recife, Quarta-feira, 18 de Novembro de 1992

DIÁRIO OFICIAL

Museu de Ciências Naturais restaurado pela Empetur completa 19 anos

Ariane Amaral *

O Museu de Ciências Naturais de Pernambuco, único do gênero instalado num zoológico, completa no próximo sábado 19 anos de fundação. Com mais de 1.500 peças expostas, o local é uma das atrações do Horto Dois Irmãos que mais desperta a curiosidade de pesquisadores, professores, estudantes e até turistas, segundo informações do coordenador do Museu, Gustavo Pacheco. Lá, podem ser encontradas espécimes raras de mamíferos, aves, vertebrados e invertebrados.

Inaugurado em 14 de novembro de 1973, o Museu de Ciências Naturais é fruto de uma coleção particular de 500 peças doada pelo taxidermista (empalhador de animais) Petronio Machado Cavalcanti, que até hoje desenvolve trabalhos no local. Fechado em 1987 por falta de recursos, o

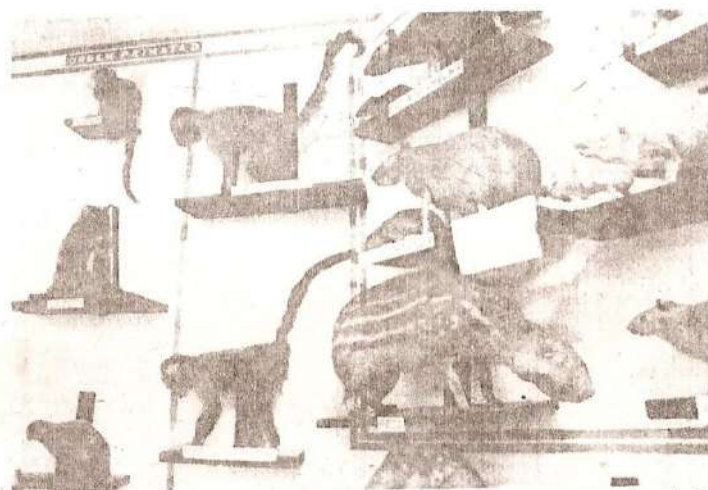


Cerca de 1.500 espécies compõem o acervo do Museu que esteve fechado por longo tempo

cumentando em fita cassete toda a história do Museu.

O espaço também é reconhecido nacional e internacionalmente pela organização estética e riqueza de seu acervo. Cada animal empalhado é identificado por um cartão

serra que media aproximadamente seis metros. Há também, o baiacu-de-espinho, escorpião do mar, borboleta azul da Amazônia, ossos fossilizados do megatherium (preguiça-gigante) e outros exemplares que atraem o olhar do visitante.



O Museu recebe visitantes de vários países, interessados em sua ampla coleção

Museu só foi reaberto em junho passado após uma reforma, com o apoio da Empetur.

Com uma arquitetura moderna e maior espaço para exposição e visitação pública, o Museu é motivo de orgulho para Pernambuco por ser o mais visitado do gênero no Nordeste. "Aos domingos, recebemos cerca de duas mil pessoas", disse Gustavo Pacheco. Os visitantes são orientados pelo próprio coordenador e por seu Petrônio, que está do-

com o respectivo nome vulgar, e científico, família, sexo e procedência. Um sistema de som transmite mais de cem cantos de aves, inclusive o canto raro do uirapuru - pássaro originário da Região Amazônica que canta durante quinze minutos em cada temporada enquanto faz seu ninho.

Entre as peças raras expostas, destaca-se o ninho do casaca-de-couro, que mede 160 centímetros de altura, e a serra de 1,40m de um peixe-

Além disso, o Museu de Ciências Naturais possui um espaço ecológico cultural, inaugurado há um mês pelos observadores de aves de Pernambuco, para exposições e cursos referentes ao tema. De acordo com Gustavo Pacheco, os observadores tomam conhecimento, estudam e catalogam tudo sobre a avifauna do Estado.

Mais de cem observações já foram realizadas em vários municípios da Região Metropolitana, Zona da Mata e Agreste. Das 400 espécies de aves que sobrevoam o espaço aéreo de Pernambuco, 203 já foram catalogadas. Estão expostos no espaço ecológico cultural do Museu, 60 quadros ilustrativos, uma coleção de vinte apitos de arremedo, utilizados para atrair aves, 11 discos com sons de pássaros e estampas ecológicas do artista olindeense Clóvis Tavares. "Trata-se de um local aberto para divulgação de qualquer trabalho ligado à natureza" concluiu Gustavo Pacheco.

* Ariane Amaral é estagiária da Secretaria de Imprensa

Fonte: Arquivo pessoal do ex-coordenador Gustavo Pacheco.

Figura 14. Museu de Ciências Naturais de Pernambuco – Espaço Ecológico Cultural.



Fonte: Arquivo pessoal do ex-coordenador Gustavo Pacheco.

Sobre essas parcerias, Pacheco afirmou que com a OAP todos esses registros que foram citados sobre a avifauna foram datilografados e deixados no museu. Ele afirma: *“Deixei todos os registros e diversos documentos impecavelmente organizados no escritório do museu antes de ir definitivamente para a sede da Empetur”* (informação escrita digitada). Sobre a parceria com a UFRPE, Pacheco relata que *“foi celebrado um convênio junto a Empetur para facilitar o acesso de estagiários estudantes de veterinária, biologia e zootecnia. Trouxe muitos benefícios para o zoológico”* (informação escrita digitada).

Seguindo com os investimentos que o museu passou a ter, Pacheco relata que em 1994, houve a criação do projeto Georama, onde foram investidos 2 mil reais para a criação de salas ambientadas que proporcionam a imersão do visitante na biodiversidade. Foi concedido por Pacheco uma outra matéria de jornal de 1994, novamente de seu acervo pessoal, que dá mais detalhes sobre esse projeto. A matéria sem jornal identificado afirma:

O georama imitação de ambientes geográficos é a nova atração do Horto Zobotânico de Dois Irmãos. São 32 metros quadrados ambientados com vegetação e animais nativos dos ecossistemas costeiro, estuarino e da Mata Atlântica. O espaço integra o Museu de Ciências Naturais de Pernambuco, que completou 21 anos, localizado na entrada do horto. Com o tema biodiversidade, este é o primeiro georama do Nordeste. O ambiente costeiro representa 25% do espaço. Neste setor, as pinturas na parede lembram o litoral, com coqueiros e vegetação de restinga. No piso, coberto de areia de praia, os visitantes podem ver exemplares taxidermizados (empalhados) de tartaruga-verde (*Chelonia midas*) e pardela-de-bico-amarelo (*Puffinus diomedea*), além de sargaço e estrelas-do-mar. Na zona de manguezal, a ambientação do georama é complementada por aves características deste ecossistema, considerado o berçário de 80% das espécies marinhas da zona costeira. Há marcejões, martins-pescadores e garças brancas taxidermizados. O manguezal também corresponde a 25% do georama. A Mata Atlântica, ocupando 50% do georama de Dois Irmãos, reúne mamíferos, répteis, anfíbios, quelônios, roedores e até insetos como besouros e borboletas. Os 60 animais que compõem o acervo do georama são do próprio museu.

Figura 15. Matéria de jornal sobre o Georama, 1994.



Fonte: Arquivo pessoal do ex-coordenador Gustavo Pacheco.

Figura 16. Museu de Ciências Naturais de Pernambuco – Projeto Georama - 1994.



Fonte: Arquivo pessoal do ex-coordenador Gustavo Pacheco.

Quanto ao projeto Georama, é significativo propor uma reflexão baseada na obra “Biodiversidade Musealizada: Formas que Comunicam” (2021) da museóloga Mariana Soler, onde a autora discute sobre o conceito e uso de dioramas em instituições museais de História Natural. Segundo Soler, essa ideia foi criada por volta do século XIX, baseada nos panoramas (sendo este considerável mais estático em comparação aos dioramas). Diorama consiste nas representações pacíficas de paisagens naturais onde tudo que está nessa representação parece exercer um papel para o funcionamento perfeito de um ambiente (SOLER, 2021).

No entanto, o problema dos dioramas apontado por Soler está no fato dessa narrativa construída levar os visitantes a cair no engano de que aquele recorte de cena é o que ocorre frequentemente na natureza, o que de fato não acontece. A narrativa levada ao museu por meio dos dioramas nada mais é que um fato que acontece eventualmente. Além de esconder a realidade da natureza como doenças e desnutrição (SOLER, 2021).

Mesmo como montagens elaboradas e a busca pela fidelidade com a natureza, Reiss (2015) afirma que os dioramas podem ser metaforicamente comparados com as telenovelas: os factos que ocorrem nelas todos os dias que, na realidade, acontecem apenas ocasionalmente. A sensação transmitida remete ao “Jardim do Éden”: não há doença ou desnutrição; os animais são inevitavelmente mostrados no auge da saúde e da aptidão física. Desse modo, os dioramas tornaram-se um dos pilares das exposições biológicas até a primeira metade do século XX, quando começaram a ser considerados desatualizados (conceitualmente e esteticamente) (SOLER, 2021. p. 49-50).

Ainda sobre o georama do MCNPEDI, chama atenção o fato de que tanto o museu, quanto o parque, não possuem especialista nas área da museologia e práticas museográficas, mas mesmo assim buscam formas de tentar trazer essa prática para o museu. Mesmo que este seja um esquema expositivo com críticas, como já citado. Ao mesmo tempo, sem estes especialistas e cuidados, a coleção se perde anos depois.

Segundo, em 1998, o ex-coordenador destaca em entrevista a criação de um outro projeto, que visava melhorias organizacionais e administrativas no Parque. O nome do projeto seria Amigos do Horto. Além disso, o projeto também visava uma

possível unificação dos museus de tipificação ciências naturais. Ele nos detalha mais sobre esse projeto:

Havia um grupo de pessoas que se interessavam muito que o zoológico pudesse de fato assumir o papel que foi criado: Preservação, reprodução e pesquisa. (...) Mas havia uma fragilidade das gestões que muitas vezes estavam condicionadas apenas em administrar o parque na questão funcional (Manutenção, compra de alimentos e medicamentos para os animais). As questões que precisavam avançar, mesmo as funcionais, necessitavam de uma compreensão e reforço que envolvessem profissionais específicos. (...) Foi criado então um estatuto para a Sociedade Amigos do Horto. Essa ONG não conseguiu seguir adiante como personalidade jurídica, não obstante, a sua colaboração foi decisiva no apoio da mudança de mentalidade, ações e logísticas que culminaram com a mudança de gestão do Horto, uma das mais importantes. E isso acabou coroando os esforços com a mudança de gestão, que antes era administrado pela Empetur e passou para a Secretaria de Meio Ambiente (informação escrita digitada).

Além disso, esse projeto tinha também o interesse em salvaguardar os museus de ciências naturais em Pernambuco. Entretanto, a ideia não ganhou fôlego, segundo Pacheco. Ele nos detalha mais sobre como surgiu o intuito dessa salvaguarda e o motivo da ideia não ir adiante.

(...) Quanto à salvaguarda de museus, essa iniciativa foi inspirada com uma visita nos meados dos anos 90 de um representante do Museu Nacional da Geórgia. Ele visitou o museu, o zoológico e fez uma palestra na UFRPE. Ele informou que as principais dificuldades dos museus no mundo são muito parecidas e que na Geórgia não era diferente. Foi então que criaram uma única instituição que acolheu importantes museus e que foi fundamental no desenvolvimento deles em vários aspectos. Apesar das muitas dificuldades e obstáculos que se poderia encontrar em implantar algo semelhante em nossa região, a proposta do “Museu de História Natural de Pernambuco” foi recebida com satisfação, mas a ideia perdeu “fôlego”. Era necessário uma aceitação, assessoria e iniciativa pública, com envolvimento de outras instituições para esse projeto seguir adiante (informação escrita digitada).

Neste relato de Pacheco é relevante destacar a preocupação de profissionais que trabalhavam em instituições de ciências naturais no Estado e que faziam parte desse projeto, já sentiam receio quanto ao futuro dessas instituições, visando formas de manter e assegurar aquilo que seria obrigação do Estado e de seus dirigentes. Como destacado por Pacheco, por falta principalmente da iniciativa pública a ideia

de um “Museu de História Natural de Pernambuco” não vingou, muito menos boa parte de seu acervo.

Ainda em 1998, diante as cobranças, até pelo projeto citado acima, de que o parque tivesse como foco a preservação, reprodução e pesquisa, começa a ser cogitado a transferência da administração do parque da EMPETUR para a Secretaria do Meio Ambiente e Sustentabilidade de Pernambuco (SEMAS-PE). No entanto, a mudança de gestão se tornou de fato efetiva no ano de 1999. Com isso, Pacheco (funcionário da EMPETUR), se afasta definitivamente do museu. Em relato, ele afirma ter apresentado um relatório para o Diretor-Presidente da época, que conversou pessoalmente com ele em seu gabinete. O ex-coordenador relata:

Fui até onde foi possível e deixei o museu em excelentes condições. As peças do acervo bem conservadas e com manutenção em dia, a documentação completa, detalhada e atualizada, além da adição de novos setores: O georama, um conjunto formado por uma pintura na parede representando a praia, manguezal e floresta; e o Espaço Ecológico e Cultural, destinado à exposição de Ongs, artistas e assuntos diversos ligados à natureza (informação escrita digitada).

Também em meados dos anos 90, Petrônio sofre um acidente e é afastado definitivamente do museu. Vindo infelizmente a falecer no ano de 2000. Pacheco relata:

A sua ausência foi muito sentida principalmente quando eu soube por um conhecido que tinha ouvido falar que ele foi morar no Rio de Janeiro. Não tinha mais o contato de sua família e no início dos anos 2000, soube que ele havia falecido (informação escrita digitada).

Pacheco afirma que ao encerrar suas atividades com o museu, devido a troca de administração, a instituição estava com todas as peças do acervo bem conservadas e a documentação sobre cada peça atualizada. Meses depois, Pacheco cita que o convidaram para uma reunião no parque para falar e saber sua opinião sobre mudanças que seriam feitas no museu. O museu se transformaria em um dos serviços oferecidos para o então criado Centro de Educação Ambiental

(CEA). No entanto, Pacheco fala em entrevista que na época já via a criação do CEA como algo que reduziria o MCNPEDI a um “salão de curiosidades empalhadas”. Considerando assim mais uma outra fase, uma terceira, marcada pelo início de sua decadência. Ele afirma:

(...) informaram (na reunião) que o mesmo passaria a ser uma ferramenta didática para um centro de educação ambiental que se estava implantando em seu lugar. (...) e que necessariamente não havia necessidade de extinguir aquele trabalho, tornando-o um salão de curiosidades empalhadas. (...) Achei muito interessante o fato da minha presença ter sido requisitada apenas para, de uma forma muito discreta e tranquila, dizer que o museu como Petrônio, eu e o público conhecia não seria mais o mesmo (informação escrita digitada).

A partir da saída de Pacheco, se tem informação sobre o museu apenas a partir de 2015. Esta informação foi tirada da monografia da pesquisadora Roberta Arimatéia sobre o MCNPEDI. A pesquisa de Arimatéia possui dois principais objetivos: analisar a documentação museológica e realizar um projeto de arrolamento e classificação das peças existentes no museu. Como fontes de sua pesquisa foram utilizadas a experiência pessoal da autora no Museu, pois ela foi estagiária; e a documentação Institucional do museu localizada no arquivo da FUNDAJ/MUHNE.

Segundo Arimatéia, no ano de 2015 não se sabia o quantitativo de peças que o museu possuía diante do extravio de documentação, empréstimos e abandono. Apenas foi apurado que seu acervo ainda possuía algumas peças de: mamíferos, répteis e aves, além de fósseis e peças malacológicas expostas através da técnica da taxidermia natural, em meio fluido e da osteotécnica. Além disso, foi relatado que o espaço ainda era afetado pela grande incidência de umidade, danificando o pouco que ainda restava do acervo. Na pesquisa a autora ainda relata que não foi possível dimensionar a quantidade exata do acervo devido a destruição das peças em meio às condições físicas do museu e aos empréstimos que aconteciam (ARIMATÉIA, 2015).

No início desta pesquisa, em 2022, entrou-se em contato com a EMPETUR para buscar documentações sobre o quantitativo de peças perdidas, mas afirmaram

não possuem documentação alguma. Em contato com SEMAS-PE, foi informado que existiam apenas as documentações que destacamos na introdução (apenas fotografias e 12 peças de animais empalhados, todas em grande estado de deterioração). Reforçando esse cenário citado, Pacheco afirma:

Ocasionalmente anos depois, visitei o zoológico com um amigo que também trabalhou comigo na época. Havia uma sombra imaginária de vestígios que um dia foi o Museu de Ciências Naturais de Pernambuco. (...) A obra não atravessou a fronteira das limitações intelectuais dos que teriam o poder de favorecê-la e do que outros muito tentaram. (...) Cada peça taxidermizada que fazia parte do seu acervo foi morta duas vezes, pois tudo leva a crer que um legado a nível genético teve um destino incerto em sua ascensão ao desmonte, fragmentação e paradeiro desconhecido (informação escrita digitada).

Após a pesquisa de Arimatéia, possuímos apenas as informações atuais sobre o museu. Entre os anos de 2023 e 2024, em contato e em visita ao parque, ao CEA e o próprio museu, após oito anos da pesquisa de Arimatéia, foi possível constatar que o MCNPEDI em sua essência, idealizado e construído por Petrônio Cavalcanti e preservado por Gustavo Pacheco, já não existe mais. Oito anos foram suficientes para não restar nada desse legado. Os funcionários mais antigos do parque alegam que as gestões anteriores do parque não tinham o cuidado e atenção devida.

Não existia plano para o acervo, seja de exposição ou cuidados técnicos, não existia controle para empréstimo, e assim as peças foram se desfazendo. Além de toda a documentação citada por Pacheco ao repassar a gestão ao SEMAS-PE, que não se tem conhecimento do paradeiro. A equipe também alegou que qualquer esforço que era feito para dar continuidade e manter o acervo era em vão devido a ausência de atenção das gestões.

De 2016 até 2020, o ano da pandemia do coronavírus, foi informado pela equipe do CEA, que o museu não possui exposição, que basicamente eram feitas atividades de cunho de responsabilidade ambiental. De 2020 até o primeiro semestre de 2023 o espaço ficou fechado. Abrindo apenas no segundo semestre, com uma exposição permanente chamada “Os sentidos da Natureza”, que tem o intuito de gerar conhecimento aos visitantes sobre a Mata Atlântica.

A exposição atual convida o visitante a conhecer mais sobre a Mata Atlântica por meio do sensorial. O acervo da exposição é composto de árvores, plantas e fungos que compõem este cenário, podendo o visitante interagir com as peças. Um fato interessante para reflexão, é que esta exposição atual é composta por dioramas. Onde essas árvores, plantas e fungos são colocados em um cenário tridimensional para assim representar a Mata, se tornando então datada para a atualidade.

Figura 17. Exposição “Sentidos da Natureza”.



Fonte: o autor, mar. 2024.

Constatando assim que o museu em sua atualidade permanece ainda acessível ao público, apto no quesito pesquisa e que preza por uma representação da natureza, da Mata Atlântica especificamente, também com ênfase na conservação desta, no entanto, sendo essa uma representação de natureza mais científica, o que difere da perspectiva inicial do MCNPEDI. O que comprova isso, é o fato de ter sido idealizada em parceria com o laboratório de ecologia da UFRPE, laboratório de anatomia da madeira da UFRPE, Jardim Botânico do Recife e o herbário Sérgio Tavares, também da UFRPE. Rompendo assim de vez com a antiga perspectiva do MCNPEDI.

Buscou-se também informações atuais sobre o museu na internet. Localizamos um cadastro da instituição na plataforma MuseusBR²⁶ do IBRAM, no entanto, existem algumas informações equívocas com a realidade. No site, o museu ainda está cadastrado pelo nome “Museu de Ciências Naturais do Parque Estadual

²⁶ Plataforma vinculada ao Instituto Brasileiro de Museus, que visa conhecer e mapear os museus brasileiros por meio do Cadastro Nacional de Museus (CNM).

de Dois Irmãos”, no entanto, na placa localizada na fachada da instituição vemos apenas o nome “museu”.

Figura 18. Placa de identificação do CEA/museu e placa comemorativa de abertura do CEA²⁷.



FONTE: o autor, mar. 2024.

O código Identificador Ibram do museu é 6.23.45.7635, além disso, consta também no site que a sua temática é “ciências exatas, da terra, biológicas e da saúde”. Consta que seu ano de abertura foi 1973; sua esfera administrativa consta como pública, logo sua Instituição mantenedora é o Governo do Estado de Pernambuco; que trabalham 40 pessoas (sendo estas vinculadas ao CEA, centro que o museu está inserido); que a instituição possui plano museológico (no entanto, em contato com o CEA foi negado a existência deste documento); que a sua Tipologia do acervo é de Ciências Naturais e História Natural; Por fim, consta que essas informações foram atualizadas no site²⁸ em 26 de março de 2024.

As peças que de fato restaram do MCNPEDI, encontram-se atualmente em um depósito atrás do hospital veterinário do parque. É importante destacar que o

²⁷ Essas placas atuais substituíram a placa anterior comemorando a nova fase do museu em 1991. Perguntado ao PEDI sobre as placas anteriores, afirmaram desconhecer o paradeiro.

²⁸

<https://cadastro.museus.gov.br/museus/museu-de-ciencias-naturais-do-parque-estadual-de-dois-irmaos/>. Acesso em 03 jul. 2024.

depósito possui vários animais empalhados. Inclusive sem identificação de quem fez ou de quando foi taxidermizada.

Figura 19. Imagens do depósito com várias peças.



Fonte: o autor, abr. 2024.

As peças que restaram da época de Petrônio Cavalcanti foram reconhecidas pela bióloga Fernanda Justino, que já possui mais de 10 anos como bióloga do parque. Ela alega que essas peças que ela reconhece serem do fundador do museu já existiam lá desde sua chegada. Sendo as outras peças doações ou feitas por outros funcionários do parque a anos atrás, inclusive algumas peças foram feitas pela própria. As destacadas tendo como procedência o fundador Petrônio Cavalcanti são: 3 corujas, 1 pato, 1 tamanduá, 1 gato do mato, 1 crânio de um primata, 1 cabeça de peixe, 2 juparás, 1 Irara e 1 *Canídeo*. Totalizando 12 peças.

Figura. 20. Coruja.



Fonte: o autor, abr. 2024.

Figura. 21. Corujas.



Fonte: o autor, abr. 2024.

Figura 22. Pato.



Fonte: o autor, abr. 2024.

Figura 23. Tamanduá.



Fonte: o autor, abr. 2024.

Figura 24. Gato do mato.



Fonte: o autor, abr. 2024.

Figura 25. Crânio de grande primata africano.



Fonte: o autor, abr. 2024.

Figura 26. Cabeça de peixe.



Fonte: o autor, abr. 2024.

Figura 27. Jupará 01.



Fonte: o autor, abr. 2024.

Figura 28. Jupará 02.



Fonte: o autor, abr. 2024.

Figura 29. Irara.



Fonte: o autor, abr. 2024.

Figura 30. *Canídeo*.

Fonte: o autor, abr. 2024.

Pode-se observar que as peças estão puídas, todas carecendo de reparos, algumas sem olhos, outras com a pele ressecada e se partindo. Constatando tudo o que foi relatado por Pacheco e Arimatéia. E ainda sem um futuro determinado pela gestão do SEMAS-PE, a não ser pelo fato de continuarem no depósito desgastando-se até possivelmente dissipar-se. Percebendo assim tamanha arbitrariedade com o legado do fundador; o esforço de Gustavo Pacheco; e com a Ciência e o Estado de Pernambuco. Assim, podemos dizer que o MCNPEDI não existe mais enquanto espaço expositivo, ou instituição administrativa, nem como acervo.

2.2 Documentos administrativos.

Este subtópico tratará sobre a documentação administrativa do museu que foi levantada a partir da parceria do MCNPEDI e o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS), hoje a atual Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ). Pode-se constatar na documentação a seguir que essa parceria aconteceu apenas após alguns anos de sua abertura, muito antes da chegada de Pacheco, pois os documentos aqui presentes constam sobre os dados de 1973 até o ano de 1977, ou seja, os quatro primeiros anos. Essa documentação em questão é extremamente

valiosa, pois trata-se da única documentação existente que versa sobre as peças que o museu possuía e informações acerca das visitas recebidas. É uma documentação que nos dá dimensão do quanto foi perdido.

Estas informações foram retiradas do arquivo institucional do MUHNE da FUNDAJ. Os documentos analisados foram localizados na caixa 37 com o título “Pesquisa de Levantamento e Diagnóstico dos Museus de Pernambuco (1980 - 1984)” e são levantamentos e diagnósticos de alguns museus, como por exemplo, Museu do Estado de Pernambuco, Museu do Homem do Nordeste, Museu da Imagem e Som de Pernambuco, Gabinete de História Natural do Ginásio Pernambucano, dentre outros, incluindo um levantamento do MCNPEDI.

O que nos leva a supor que essa documentação seria um possível levantamento (não é especificado no documento) solicitado pelo então Ministério da Educação e Cultura (MEC) em parceria com o IJNPS para saber a quantidade de museus existentes e obter mais informações sobre cada instituição. Este mesmo documento não possui datas, apenas informações burocráticas. O documento de nome “Questionário: Levantamento e Diagnóstico dos Museus de Pernambuco” inicia informando os dados e identificação do museu, como o nome e endereço. Posteriormente trata sobre as instalações físicas de cada um.

No caso do MCNPEDI, é informado que o prédio não é próprio e sim cedido sem cobranças pela EMPETUR, por tempo indeterminado, que o museu pertence à entidade particular, no caso, Petrônio Cavalcanti. Também é informado que o prédio foi adaptado para o museu, ou seja, não foi construído especificamente com esse objetivo. Sobre o histórico e descrição do prédio, o documento afirma: “Prédio onde residia o diretor do horto. Com o projeto de funcionar para um museu, foram feitas pequenas modificações como ampliações das salas, colocação de telas nas janelas e algumas paredes derrubadas. Ampliação da porta principal.”(FUNDAJ - QUESTIONÁRIO: LEVANTAMENTO E DIAGNÓSTICO DOS MUSEUS DE PERNAMBUCO, 1980-1984).

Ainda sobre a instalação, o documento afirma que essas reformas foram feitas no ano de 1972 e que foi pensada pelo próprio diretor com auxílio de pedreiros e ajudantes da obra. Sobre a área construída, o espaço possuía 200 m², contando para exposição com apenas 172 m². Além disso, o espaço continha toda área verde ao redor do museu do próprio horto e com estacionamento. O documento também

relata a ausência de alarme contra incêndio e roubo, extintores, saídas de emergência e ar condicionado.

O museu só possui uma entrada principal, revelando assim uma grande irresponsabilidade com o acervo e seus visitantes. O documento também faz uma descrição atual das instalações físicas que:

“(...) estão em reforma, com um lado do museu funcionando, outro lado completamente em reparo sendo, o motivo principal o problema de goteiras no teto, infiltradas em todas as paredes e vitrines, já há longo tempo (5 anos). O principal motivo da reforma foi por conta das goteiras que há 5 anos persistem sem solução(falta de verba para reforma total, sendo feita em pequenos reparos). Não existe no museu uma planta baixa disponível.” (QUESTIONÁRIO: LEVANTAMENTO E DIAGNÓSTICO DOS MUSEUS DE PERNAMBUCO, 1980-1984).

É evidente o descaso com toda a estrutura do museu. Principalmente se tratando de uma instituição que tem boa parte do seu acervo constituído de peças que são orgânicas, ou seja, que necessitam de um cuidado extremamente especial por se tratar de peças frágeis. Da inauguração em 1973 até 1984, são onze anos, onde quase metade do museu possui esse problema e o Estado juntamente com a EMPETUR não se articulavam para organizar. No entanto, outro ponto se faz necessário refletir quanto a isso. Mesmo que o parque e/ou a EMPETUR se empenhassem na organização do museu, todos os problemas seriam suprimidos? Possivelmente não. Tudo indica que ambas instituições não possuíam profissionais formados e institucionalizados da área que direcionasse o museu para o melhor caminho. Surgindo assim um problema sobre administração adequada para o museu.

Seguindo, o documento começa a tratar sobre dados administrativos. Destaca primeiramente que a categoria administrativa do museu é particular, ou seja, o Petrônio Cavalcanti era o diretor e dono do museu. Cita sua formação acadêmica, que segundo o documento é secundária. O documento também questiona a existência de um regimento interno, que no caso do MCNPEDI não possuía. Além disso, é constatado no documento que a EMPETUR foi colocada como entidade agregada ao museu (QUESTIONÁRIO: LEVANTAMENTO E DIAGNÓSTICO DOS MUSEUS DE PERNAMBUCO, 1980-1984).

O documento ainda ressalta que não existem planos para inclusão do museu em um projeto maior. Sobre a quantidade de funcionários, basicamente o museu não

possui museólogo, antropólogo, zoólogo ou botânico. O único profissional que faz parte do museu é o próprio diretor/fundador. Que executa as atividades de diretor, restaurador e educador. O horto cede apenas zelador e vigilante para auxiliar nestas atividades. O documento também cita que a procedência dos recursos financeiros do museu advém do Estado (QUESTIONÁRIO: LEVANTAMENTO E DIAGNÓSTICO DOS MUSEUS DE PERNAMBUCO, 1980-1984).

Sobre a divulgação, o documento ressalta que o principal meio que a instituição recorre são os jornais. Quanto aos dados técnico-museológicos, o museu se considera de natureza artística e de ciências naturais, com finalidade cultural. Que o projeto museológico foi feito por Petrônio Cavalcanti e que possui inventário, mas que o mesmo está desatualizado. No documento também é registrado que o museu possui 3000 peças no acervo. Que o estado de conservação do acervo é regular. Que o tipo de numeração das peças é corrida e que não utiliza computação para classificação do acervo (QUESTIONÁRIO: LEVANTAMENTO E DIAGNÓSTICO DOS MUSEUS DE PERNAMBUCO, 1980-1984).

Sobre o museu utilizar do acervo para pesquisa, o documento destaca que sim, mas que a maioria das pesquisas são feitas pelo próprio fundador do museu, por se considerar um entusiasta do assunto. O documento ainda cita sobre o tipo de iluminação, que é fria e direta. As vitrines não possuem segurança contra roubo nem proteção contra excesso de umidade, o que se revela problemático, pois o espaço onde o horto se encontra localizado é bastante úmido. Por fim, quanto às coisas que mais danificam o acervo, o documento pontua roubo, agentes químicos-biológicos, poluição e contraste climático (QUESTIONÁRIO: LEVANTAMENTO E DIAGNÓSTICO DOS MUSEUS DE PERNAMBUCO, 1980-1984).

Além desse levantamento, o arquivo do MUHNE possui uma ficha, sem data, intitulada de “Sistema de Informações Museológicas - Cadastramento de Museu”, onde resume todas as informações da documentação de levantamento e diagnósticos, onde nota-se no anexo G e H.

As únicas informações que divergem do levantamento para o sistema de informações é o quantitativo de peças, que sai de 3000 para 3200 peças; E a natureza do museu, que nesta última é identificada como oceanográfico, botânico e zoológico. Uma informação nova que ele acrescenta é quanto às visitas que o museu recebeu. Informando que no ano de 1978 recebeu 66.151 visitas, e no ano

de 1979 recebeu 57.809 visitantes (SISTEMA DE INFORMAÇÕES MUSEOLÓGICAS - CADASTRAMENTO DE MUSEU, SEM ANO).

Uma outra pasta sobre o museu foi localizada no arquivo do MUHNE. A pasta possui numeração 34 e está intitulada de "Museu de Ciências Naturais do Horto Dois Irmãos (1978)". A pasta em questão possui documentos como correspondência, relatórios e levantamentos de visitantes. O primeiro documento a ser analisado é uma correspondência do Petrônio Cavalcanti para o diretor do IJNPS, na época chamado de Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS), datada de 16 de fevereiro de 1978. Nesta correspondência o fundador do museu relata o envio do levantamento dos visitantes dos últimos 4 anos de existência do museu e se compromete a enviar de forma recorrente para contribuir com informações para a recente criação do Sistema Nacional de Museus. Além disso, também é enviado uma relação de peças que existem no museu. A carta diz o seguinte:

Conforme prometi pessoalmente a V. Senhoria, estou encaminhando a esse Departamento uma cópia do relatório das atividades do nosso Museu nos 4 anos de sua existência com relação ao número de visitantes no período de 15 de Novembro de 1973 a 15 de Novembro de 1977. Igualmente segue anexo a relação das peças que constituem o acervo do Museu. Estou anexando também uma cópia do levantamento de visitantes brasileiros e estrangeiros referente ao mês de Janeiro corrente que mensalmente envio a Empresa de Turismo de Pernambuco (Empetur) e que daqui para diante ficarei remetendo também para esse Departamento. Espero que a remessa desses documentos e dos outros que ficarei enviando possam oferecer algum subsídio para o Sistema Nacional de Museus que em tão boa hora se inicia. Continuando ao inteiro dispor de V.Senhoria e do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, subscrevo-me com os votos de maior estima(CORRESPONDÊNCIA DE PETRÔNIO MACHADO PARA A DIRETORIA DO DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA DA IJNPS, 1978).

Leva-se a concluir que esse cadastro no Sistema Nacional de Museus foi em decorrência da parceria com o IJNPS, pois o mesmo era regido pelo o MEC, que na época administrava as áreas da educação e cultura no País. Outro possível motivo do convênio MCNPEDI e IJNPS, foi devido a essa entrada no sistema de museus. Inclusive, foi localizado na documentação a ficha de inscrição e a de confirmação do MCNPEDI no Sistema Nacional de Museus, que constam no anexo C, A e B respectivamente.

Voltando a correspondência, Petrônio Cavalcanti envia quatro relatórios. O primeiro a ser analisado é o relatório geral de visitantes. Onde é apresentado de forma detalhada a quantidade de brasileiros e estrangeiros que visitaram o museu,

quantas nacionalidades o visitaram, quantidade de escola e alunos que estiveram no museu e a quantidade de visitantes do ano anterior (1977).

Importante destacar que as fichas a seguir e que estão aqui transcritas, possuem os textos originais, fiel a como consta nos documentos.

Atividades de Museus de Ciências Naturais do Horto de Dois Irmãos no período de 4 anos (15 de novembro de 1973 a 15 de novembro de 1977) inaugurado pela Empresa de Turismo de Pernambuco - 14/11/1973

Resumo

Visitantes Estrangeiros	2.656
Visitantes Brasileiros	274.347
Visitação Total	277.003
Países do Estrangeiros	75
Visitantes em 1977	56.180
Educandários que visitaram o museu durante os 4 anos de sua existência procedentes de vários pontos do Brasil	1.064
Estudantes dos Referidos Educandários	47.132
Estudantes visitantes durante a semana da criança nos 4 anos	14.947
Os referidos estudantes pertencem a educandários num total de	257
Visitantes de Pernambuco nos 4 anos	238.816
Visitantes de outros estados e territórios	35.531

É possível inferir que do total de visitantes dos últimos 4 anos a parcela de 17,01% é de estudantes da educação básica, segundo os dados na tabela acima (47.132 estudantes de um total de 277.003). Percebe-se que da quantidade total apenas esta porcentagem é um valor bastante baixo. Vale refletir os possíveis motivos que levaram a este resultado. Falta de divulgação, falta de acesso das escolas públicas para se deslocar até o museu, desinteresse do Estado em utilizar o espaço do museu para complementar na educação. Certeza é: o MCNPEDI possuía um acervo riquíssimo em conhecimento que não era aproveitado.

O segundo relatório também trata sobre visitantes, mas agora detalhando a quantidade de visitantes a partir do estado de origem destes. Os três estados que

mais possuem recorrência de visitas são respectivamente: Pernambuco com 238.816 mil, Ceará com 4.520 mil e Alagoas com 3.867.

Relação das pessoas que visitaram o Museu durante 4 anos. 15 de novembro de 1973 a 15 de novembro de 1977, procedentes de todos os Estados e Territórios do País.
Total 274.347 visitantes

Roraima	30
Acre	33
Amapá	29
Rondônia	10
Fernando Noronha	29
Amazonas	358
Pará	765
Maranhão	791
Piauí	899
Ceará	4.520
Rio Grande do Norte	2.938
Paraíba	7.434
Pernambuco	238.816
Alagoas	3.867
Sergipe	835
Bahia	2.681
Espírito Santo	325
Rio	3.695
São Paulo	3.330
Brasília	430
Goiás	115
Mato Grosso	140
Minas Gerais	771
Paraná	499

Santa Catarina	252
Rio Grande do Sul	755
Total	274.347

O terceiro relatório é o último a tratar sobre visitantes, sendo desta vez sobre os que são de fora do Brasil. Os três Países com mais recorrência de visitas são respectivamente: Estados Unidos com 585, Portugal com 247 e Alemanha com 222.

Relação dos estrangeiros que visitaram o Museu durante 4 anos. 15 de novembro de 1973 a 15 de novembro de 1977.

Total 2.656 visitantes

Países: 75

Canadá	70	Itália	88
E.U.A	585	Bélgica	34
México	23	Holanda	81
Paraná	10	Polônia	10
Costa Rica	5	Suíça	63
El-Salvador	18	Grécia	59
Haiti	1	Irlanda	1
Guatemala	5	Inglaterra	80
Honduras	11	Tchecoslováquia	6
Venezuela	55	Áustria	2
Colômbia	27	Finlândia	1
Guiana Francesa	6	Suécia	11
Peru	19	Hungria	7
Bolívia	25	Luxemburgo	1
Chile	53	Dinamarca	3
Paraguai	8	Rússia	15
Uruguai	10	Estonia	1
Argentina	78	Espanha	50

Nicarágua	8	Escócia	1
Porto Rico	1	Iugoslávia	2
Equador	8	Líbano	1
Cuba	5	Jordânia	1
Suriname	3	Paquistão	1
Jamaica	1	Singapura	1
Noruega	5	Indonésia	5
Portugal	247	Índia	19
Alemanha	222	Formosa	15
França	138	Japão	188
China	97	Quênia	2
Israel	27	Angola	39
Coreia	49	Moçambique	9
Palestina	3	África do Sul	5
Hong-Kong	6	Loanda	1
Ilhas Canárias	1	Guiné	1
Islândia	1	Filipinas	7
Síria	3	Nova Zelândia	2
Uganda	1	Austrália	5
Camarão	3	Total	2.656

O último relatório é acerca da quantidade de peças por grupo que o museu possui e seu acervo. São ao todo 22 grupos zoológicos, destacando-se em quantidade respectivamente: Moluscos com 977, Lepidoptera com 420 e somando ave e cabeças de ave com 364. A partir desse relatório é possível concluir que no ano de 78 o acervo contabilizava 3000 mil peças.

Relação das peças que constituem o arquivo do Museu de Ciências Naturais do Horto de Dois Irmãos - Recife - Pernambuco.

GRUPOS	PEÇAS	QUANTIDADES
01	Moluscos	977
02	Equinodermos	18
03	Lepidoptera	420
04	Celeéptares	176
05	Minerais ²⁹	196
06	Himenópteros	36
07	Aracnídeos	20
08	Hemípteros	39
09	Hemépteres	06
10	Ortópteros	21
11	Odenatas	03
12	Dípteros	05
13	Crustáceos	26
14	Dermápteros	03
15	Miriápodes	03
16	Répteis	74
17	Peixes	85
18	Aves	306
19	Mamíferos	81
20	Numismática (moedas) ³⁰	334
21	Ovos diversos	78
22	Cabeças de aves	58
	TOTAL	2.965

²⁹ “Minerais” não está separado do restante do acervo, pois isso é uma transcrição da ficha “Relação das peças que constituem o arquivo do Museu de Ciências Naturais do Horto de Dois Irmãos - Recife - Pernambuco”. A mesma se encontra digitada dessa forma.

³⁰ “Numismática (moedas)” não está separado do restante do acervo, pois isso é uma transcrição da ficha “Relação das peças que constituem o arquivo do Museu de Ciências Naturais do Horto de Dois Irmãos - Recife - Pernambuco”. A mesma se encontra digitada dessa forma.

Constam ainda fósseis de Megatherium, peixes, algas marinha, madeira e mousses	21
Amostras de peles de animais diversos	12
Anelídeos, terrestres e marinho	2
Total geral	3.000

Constata-se perante a essa relação de peças a riqueza que possui esse acervo. E que a perda dele ecoa de maneira negativa perante a sua importância científica e biológica que esta possuía. Não será possível quantificar essa lastimável perda. Comprovando assim a falta de responsabilidade com esse valioso patrimônio biológico.

O outro documento a ser analisado da mesma pasta 34 é uma outra correspondência. Esta está acompanhada de um relatório sobre 50% do acervo, e também é enviada por Petrônio Cavalcanti para o diretor do departamento de museologia do IJNPS. A correspondência data do dia 13 de abril de 1978:

Estou remetendo anexo a esse Departamento a relação dos 22 Grupos que constituem 50% do acervo do Museu de Ciências Naturais do Horto de Dois Irmãos, perfazendo o total de 1.501 peças devidamente classificadas, cujas medidas foram tomadas por uma equipe desse Departamento nos meses de setembro e outubro de 1977. Acompanham a referida relação 120 laudas datilografadas com a classificação científica de todas as peças que compõem os aludidos Grupos. Sem outro assunto para o momento, continuando ao inteiro dispor de V.Senhoria, subscrevo-me com estima a consideração (CORRESPONDÊNCIA DE PETRÔNIO MACHADO PARA A DIRETORIA DO DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA DO IJNPS, 1978).

Além das informações acerca dos 22 grupos, Petrônio Cavalcanti ressalta desta vez a parceria que foi firmada entre o MCNPEDI e o IJNPS no ano de 1977. Não se tem muitos detalhes sobre como essa parceria se deu nas fontes localizadas, mas subentende-se o fato de Petrônio Cavalcanti não possuir uma equipe para organizar o museu em suas burocracias, segundo o levantamento já analisado, e que por isso a parceria possivelmente chegou em boa hora para instrução do fundador. Os 22 grupos tratados na correspondência, segundo a documentação, são:

Grupo n°	Livro n°	Peças	Quantidade
01	01	Moluscos	177
02	01	Equinodermes	08
03	01	Lepidópteros	125
04	01	Coleópteros	56
05	01	Minerais	156
06	02	Hymenópteros	16
07	02	Aracnídeos	10
08	02	Hemípteros	19
09	02	Homópteros	06
10	02	Ortópteros	11
11	02	Odonatas	03
12	02	Dípteros	05
13	02	Crustáceos	21
14	02	Dermápteros	03
15	02	Miriápodes	03
16	02	Répteis	20
17	02	Peixes	50
18	02	Aves	266
19	02	Mamíferos	81
20	02	Numismática	334
21	02	Ovos diversos	73
22	02	Cabeças de Aves	58
		Total	1.501

Nas documentações localizadas no arquivo do MUHNE, não fica evidente se o levantamento e a ficha de sistema de informações vinham antes ou depois desse apoio dado pelo IJNPS, devido à falta do ano nos documentos anteriores. Porém, compreende-se que o IJNPS teve suma importância na tentativa de ajudar a

organizar o museu no ponto tecno-museológico, já que Petrônio Cavalcanti não possuía essa formação.

Outra informação que é possível levantar é a de que possivelmente essa organização das peças por grupos foi feita a partir da catalogação das peças por fichas. Sendo essas fichas que contribuirá com a análise no capítulo 3. No anexo F, é possível ver como exemplo a primeira página do relatório do grupo 4. Onde consta as informações divididas em: phylum, classe, gênero, espécie, vulgar e procedência. Presenciando novamente, a partir dessa documentação o valor científico e biológico que essas informações teriam para possíveis estudos na atualidade.

Após traçar a trajetória do MCNPEDI, podemos debruçar-se na difícil tarefa de tentar entender o que era esse museu. A dificuldade encontra-se em diversos fatores: no fato do fundador ser uma pessoa física sem condições financeiras e de formação acadêmica que garantisse a permanência do museu e a segurança de seu acervo; pela confusão em sua classificação de museu privado, mas em um espaço público, gerido não só por Petrônio mas também pela Secretaria de Turismo do Estado; no fato desse museu possuir três fases distintas, como já destacado neste capítulo; pelo fato da História Natural não ser mais prioridade dentro da configuração científica moderna no Brasil; pelo museu não ter pessoal ou financiamento ou prédio próprio .

Tudo isso marca e ressalta que essa instituição e sua história foram complexas, no primeiro momento, trata-se do sonho de um comerciante que dedica-se a taxidermização em prol do conhecimento e da importância da preservação da natureza, como cita o biólogo Antônio Gonçalves Cunha Neto no documento "Impressões de Visitantes do Brasil e do Estrangeiro Deixadas no Museu de Ciências Naturais, instalado no Horto de Dois Irmãos – Recife – Pernambuco". Então, é possível definir este museu primeiramente como um espaço que surge da motivação de uma pessoa que reconhece a importância de conservar, pesquisar e estudar a flora e a fauna brasileira.

Assim, pode-se concluir que os valores iniciais do museu estão pautados na conservação do conhecimento e do meio ambiente. Pelo menos em teoria, pois como já destacado, Petrônio Cavalcanti era um naturalista autodidata. Não possuía formação em História Natural, nem em outra área afim. Então, nesse primeiro momento o museu expressa o sentido ambicioso do fundador em criar um espaço que viesse a ser científico.

Prova disso é a parceria com o IJNPS. Buscando nessa instituição federal formas de colocar o MCNPEDI como uma instituição museal perante o Estado de Pernambuco. Essa não foi a única forma recorrida pelo fundador para ter essa atenção do Estado. Como vimos neste capítulo e também veremos no capítulo 4, Petrônio Cavalcanti reuniu vários relatos de diversos profissionais como, médicos, políticos, professores e estudantes que visitaram o museu para mostrar o potencial que a instituição possuía.

Possivelmente essa parceria com o IJNPS foi frutífera, pois anos depois vemos finalmente o Estado de Pernambuco por meio da EMPETUR oficializar o museu como de esfera pública e comprar todo o acervo do fundador. A partir disso vemos o museu despontar em sua segunda fase. Essa segunda fase define o museu como tudo aquilo que estava nas projeções de Petrônio Cavalcanti, mas não obteve fôlego de conseguir na primeira fase. O museu fecha parceria com instituições que prezam pela pesquisa e põe à disposição todo o acervo para isso. Reafirmando e confirmando assim os valores de conhecimento e conservação, expressando o sentido de um museu que reverencia o conhecimento científico.

Logo, baseado na teoria bourdieusiana e na trajetória da instituição, concluímos que a legitimação do Estado de Pernambuco ao MCNPEDI ressalta como o Estado exerce influência no microcosmo que é o museu, segundo Bourdieu (2014). E que essa influência além de disciplinar, como destaca Bennett (1995), ela também valida e influi em sua continuidade. Vimos que a atenção dada pelo Estado de Pernambuco ao MCNPEDI foi temporária. Posteriormente não fazia mais sentido para a nova gestão do parque, do SEMAS-PE, e por isso o mínimo de investimento que era feito foi sofrendo descontinuidade, como constatamos com as fontes até aqui trabalhadas.

É importante ressaltar o motivo da saída da EMPETUR pelo SEMAS-PE. Segundo relato de Pacheco, foi devido ao fato da EMPETUR levar em conta apenas o turismo, deixando a desejar outros aspectos importantes, como a conservação do parque e da Mata Atlântica que este possui ao seu redor, por exemplo. Então, o SEMAS-PE substitui a antiga gestão levando em conta os aspectos esquecidos, mas não se comprometendo com a importância do acervo do MCNPEDI, com a História Natural e com a ciência. E dessa forma, o Estado de Pernambuco sofre uma perda imensurável de patrimônio biológico, genético e também cultural.

É altamente evidente ao analisarmos a trajetória da instituição o quanto o Estado de Pernambuco teve influência direta em todas as três fases aqui destacadas. Desde a busca do fundador em obter esse espaço, e para isso a contactação da EMPETUR para ter esse apoio necessário, até à sua última fase, quando o SEMAS-PE não encontra sentido mais na permanência de seu acervo. Em face disso, comprova-se a importância do Estado como elemento basilar para a permanência de uma instituição museal.

Em suma, após essas reflexões e entender a trajetória do MCNPEDI e sua importância, é significativo seguir para a análise da coleção da instituição a partir das fichas de catalogação das peças durante a parceria MCNPEDI e IJNPS.

CAPÍTULO 3. ANÁLISE DA COLEÇÃO DO GRUPO AVES

Neste capítulo, trataremos acerca da análise da coleção do MCNPEDI, visando contribuir na perspectiva de representação da natureza que a instituição buscava.

3.1 Conceito de musealização

Antes de seguir com a análise, se faz necessário tratar de um termo muito pertinente a disciplina científica museologia, mas também a esta pesquisa. Pois, como faremos a análise de um acervo de uma instituição museológica, trataremos de forma objetiva sobre o conceito de musealização. Na área da museologia, o primeiro a cunhar este termo foi o museólogo tcheco Zbyněk Zbyslav Stránský, pioneiro na configuração da museologia científica, no ano de 1972 (BRULON, 2019).

Essa primeira definição de musealização atribuída por Stránský, destacava que isso seria uma tendência universal humana em busca por preservar, evitando assim degradação ou mudança. E isso se daria com qualquer elemento da realidade humana, objetivando então a representação de valores culturais, se tornando assim um propósito da humanidade (BRULON, 2019).

Stránský também cunhou outro termo que é intrínseco à ideia de musealização. É o termo musealia, que nada mais é que a ideia de valor atribuída ao objeto que assim o faz se tornar musealizado. Desta forma, o objeto de estudo da museologia é deslocado da ideia de museificação, ou seja, do simples objeto de museu para a musealização, como o processo que leva a específica apropriação da realidade natural e humana (BRULON, 2019).

O autor (Stránský) ainda destaca que a musealização precisa de uma abordagem ativa que envolve três elementos identificados em sua teoria para a museologia: seleção, tesauroização (ou documentação) e comunicação (BRULON, 2019). Esse conceito de musealização atribuído por Stránský, foi ganhando espaço na museologia, e uma definição mais atual desse conceito foi trabalhada pelos museólogos André Desvallées e François Mairesse, na famosa obra “Conceitos Chaves da Museologia” (2013). Nesta obra, os autores tratam dos principais conceitos desta área. Quanto a este, eles delimitam que:

O processo de musealização não consiste meramente na transferência de um objeto para os limites físicos de um museu, como explica Zbyněk Stránský [1995]. Um objeto de museu não é somente um objeto em um

museu. Por meio da mudança de contexto e do processo de seleção, de “thesaurização” e de apresentação, opera-se uma mudança do estatuto do objeto. Seja este um objeto de culto, um objeto utilitário ou de deleite, animal ou vegetal, ou mesmo algo que não seja claramente concebido como objeto, uma vez dentro do museu, assume o papel de evidência material ou imaterial do homem e do seu meio, e uma fonte de estudo e de exibição, adquirindo, assim, uma realidade cultural específica (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013. p. 57).

Nessa atualização feita por Desvallées e Mairesse trata a musealização como uma operação que vai modificar radicalmente o objeto que foi retirado da realidade para o museu. Neste sentido, é assim que o objeto torna-se diferente da ideia de “coisa” e adquire um caráter funcional para a lógica museológica. Portanto, a musealização na ótica de Desvallées e Mairesse é um processo que inicia-se pela suspensão de seu contexto base, com o objetivo de ser estudado como parte de uma realidade, fazendo assim com que este objeto se transforme em um testemunho da realidade (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013).

Rejeitando assim a ideia de que o museu é um depósito sem parâmetros para o testemunho dessa realidade, aplicando então uma ideia de musealização crítica dos resultados alcançados pela instituição. Tudo isso desenvolvido por meio da preservação, aquisição, gestão, conservação, pesquisa e comunicação. Os autores ainda destacam que esse movimento de musealização propõe à ciência museológica um desvio da perspectiva de uma instituição tradicional ortodoxa para uma perspectiva mais científica (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013).

Trazendo a musealização para a perspectiva do museu de ciências naturais, é importante entender como os animais possuem uma forte relação com as práticas culturais humanas. E que esta relação histórica revela o caráter polissêmico desses seres. Com os museus dessa tipologia, a chegada desses animais está vinculada a partir da morte do animal, sendo esse o pontapé inicial de sua preservação (SOLER; LANDIM, 2017).

A multifacetada natureza do significado e valor simbólico, que pode ser definido no estudo de um objeto de museu, constantemente desafia o campo das definições museológicas. O animal, ao tornar-se musealia, sofre uma série de procedimentos relacionados a práticas humanas, e sua categorização no campo da museologia promove debates: Van Mensch (1984) entende a taxidermia como um tipo de “artesanato” e o animal taxidermizado como um artefato; já Alberti considera que toda taxidermia é uma forma de arte; Silva, em consonância com Pearce, afirma que um animal taxidermizado numa vitrine de um museu de história natural não

representa um animal morto, mas sim a natureza musealizada, configurando-se como um elemento de cultura material (SOLER; LANDIM, 2017. p. 272)

Logo, é plausível concluir que estes acervos são representantes de uma realidade, da ciência, a partir do momento que viram objetos de estudo, e do seu significado dentro de um contexto cultural. E esses animais podem possuir três funções quando se tornam musealia: representação taxonômica (para representar a diversidade de formas do grupo taxonômico em que se inserem), representação conceitual (quando os animais se tornam exemplificação de conceitos que são explicitados em textos) e representação cultural (quando o animal é utilizado para apresentar alguma atividade científica ou cultural) (SOLER; LANDIM, 2017).

Em vista de tudo isso, enxerga-se como o acervo de uma instituição em prol da história natural pode assim apresentar sua importância para a sociedade. Trazendo isso para a realidade do MCNPEDI, como destacado no capítulo anterior, o fundador do museu não possuía formação científica nem na área da História Natural, nem na área Museológica. Já dificultando assim o processo de musealização e conservação. No entanto, o apoio do então IJNPS, que aliás já possuía um departamento de museologia, muito provavelmente o ajudou a direcioná-lo por um viés mais científico/museológico, que contribuiu na legitimação perante ao Estado de Pernambuco, como cogitado no capítulo anterior, contribuindo assim na geração de uma representatividade por meio deste acervo. Sendo assim, no subtópico a seguir analisaremos as peças existentes a partir das fichas de informações das peças do acervo.

3.2 Análise

A fonte utilizada neste subtópico também foi localizada no arquivo do MUHNE da FUNDAJ. A fonte em questão se trata de fichas cadastrais das peças que o museu possuía. Como já foi citado anteriormente, essa primeira organização e catalogação das peças possivelmente surgiu a partir da parceria do museu com a FUNDAJ, na época IJNPS. Não foi localizado documentos que tratam dessa aproximação ou de quando e como começou.

Porém, como visto no capítulo anterior, no documento “Correspondência de Petrônio Machado Para a Diretoria do Departamento de Museologia do IJNPS, 1978”, Petrônio Cavalcanti cita medidas que foram tomadas nos meses de setembro

e outubro do ano de 1977. Chegamos a conclusão que a parceria se efetivou nesse ano não só porque o documento cita, mas também devido ao fato de que boa parte das catalogações das fichas localizadas foram feitas nesses mesmos meses do mesmo ano, como veremos mais à frente. Outra informação válida a destacar é que a quantidade de fichas encontradas totaliza 50% do acervo, como citado na carta enviada por Petrônio Cavalcanti em 1978.

Estas fichas cadastrais estão divididas em duas caixas, numeradas em 22 e 23. Ambas caixas estão identificadas com o seguinte título: “Projeto Levantamento dos Acervos dos Museus das Capitais do Nordeste, Recife/PE: MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS DO HORTO DE DOIS IRMÃOS (PE 006) (1977)”. As duas caixas totalizam 1507 fichas.

As informações que constam nas fichas sobre as peças são as seguintes: cabeçalho, número de ordem, Estado, instituição, número de registro, assunto, matéria-prima, técnica, medidas, unidade de medida utilizada para medir, tema, ags (se a peça foi doada, comprada ou troca), condição (estado físico da peça), origem, autor, procedência, grupo cultural, marca, título, observação, coordenador, responsável e data, como podemos ver no anexo D.

No geral, as peças se dividem em três tipos de assunto: mineralogia, zoologia e numismática. Algumas informações das fichas se repetem em várias ocasiões. Por exemplo, a unidade de medida para medir as peças é sempre milímetro. A grande maioria tem como origem o estado de Pernambuco e o espaço autor/procedência é preenchido com o nome do fundador do museu, logo o fornecedor do acervo. Quando as peças são de mineralogia a matéria prima é inorgânica; quando zoologia é orgânica; quando numismática é metal. Para idealização melhor das informações, segue abaixo transcrição de uma ficha:

MEC - DAC - FUNARTE IJNPS - DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA CENTRO DE PROCESSAMENTO DE DADOS BOLETIM MUS - 1 / FICHA CADASTRAL DADOS BÁSICOS	
--	--

Número de ordem: 7710100003	Est: PE
Inst: 006	Número de ordem: L1.G3.71
Assunto: zoologia	Matéria-prima: orgânica.

Técnica: embalsamado	medidas: 160 (largura), 80(comprimento).
Und: milímetro.	Tema:
Ags:	Con: 1 - bom
Origem: PE	Autor: Petronio M. Cavalcanti PE.
Procedência: Petronio M. Cavalcanti PE.	Grupo cultural:
Marca:	Título: <i>Frebus Odora</i> , Mariposa.

Diante da grande quantidade de fichas para análise, foi selecionado apenas o grupo 18, que é o grupo das aves. O motivo foi a quantidade de peças que este grupo constava no relatório enviado para o diretor do departamento de museologia do IJNPS em 1978. Ao todo são 266 peças que o relatório cita, sendo o grupo com maior quantidade, ficando atrás apenas do grupo 20, o de numismática, constando 334 peças.

Todavia, há uma divergência de fichas do grupo 18 com o que consta no relatório das que foram localizadas nas duas caixas já mencionadas. Ao todo, as duas caixas totalizam 389 fichas de aves. Todas as fichas analisadas neste subcapítulo foram preenchidas no período de 07 de setembro de 1977 a 30 de outubro de 1977.

Devido ao grande quantitativo de aves, outro recorte se faz necessário. Nesta primeira etapa, utilizaremos para análise apenas as aves que possuem como origem o Estado de Pernambuco. Podendo assim ser feita uma análise mais minuciosa e voltada para o Estado que abriga a instituição, focando assim na possível importância deste acervo para Pernambuco.

A lista completa contabiliza no acervo do museu um total de 244 aves provenientes do Estado, como podemos ver no anexo E. Com o intuito de exemplificar, abaixo listamos apenas 10 exemplos de peças que foram catalogadas. Na lista, destacamos o número de ordem, número de registro, origem e título. É importante salientar, que as fichas foram transcritas de forma como constam nas fontes. Sendo assim, algumas terão erros e ausência de acento ou cedilha. Por esse motivo, as peças que foram digitadas com algum erro serão corrigidas em nota de rodapé. Segue lista:

NÚMERO DE ORDEM	NÚMERO DE REGISTRO	ORIGEM	TÍTULO
770923021	L2G18.37	PE	<i>CHIROXIPHIA CAUDATA</i> , TANGARA DANCARINO, FEMEA
770927020	L2G18.2	PE	<i>FORMICIVORA GRISEA</i> , CORRUIRA ACU
770927022	L2G18.3	PE	<i>TRGLODITYDES AEDON</i> , ROUXINOL OU CAMBAXIRRA
770927023	LZG18.4	PE	TANGARA CAYANA FLAVA SAI AMARELO ³¹
770927025	L2G18.6	PE	<i>TRAUPIS SAYACA SAYACA</i> , SANHACO AZUL ³²
770928002	L2G18.18	PE	<i>FORMICIVORA RUFA</i> , PAPA TAIUCA, FEMEA
770928003	L2G18.19	PE	<i>THAMNOPHILUS DOLIATUS</i> , CHOCA OU CHORÃO
770928011	L2G18.27	PE	<i>LEISTE MILITARIS</i> , FEITOR OU PADO DE FOGO ³³
770929005	L2G18.57	PE	<i>MYACHUS F. AUSTRALIS</i> , PAPA MOSCA
770929009	L2G18.55	PE	<i>HERGAHYNCHUS PITANGUA PITANGUA</i> , BEM TE BICO CHATO, FE ³⁴
770929016	L2G18.68	PE	<i>ZONOTRICHIA CADENSIS MATUTINA</i> , TICO TICO ³⁵

Para a análise dessas informações acima, recorreu-se ao site “Wikiaves”³⁶. Essa plataforma foi criada no ano de 2008, pelo analista de sistemas Reinaldo César Guedes, ornitólogo amador. O intuito do site é apoiar, divulgar e promover a observação de aves para assim fornecer ferramentas para o controle de imagens, sons, identificação de espécie, entre outras funções, segundo o portal G1 de notícias³⁷, tornando-a assim uma aliada da ciência e conservação, com a divulgação de informações científicas atualizadas e referenciadas .

A partir disso, utilizamos o site para conferir o estado de conservação dessas aves que faziam parte do acervo do MCNPEDI. Para isso, constatamos que o site utiliza a Lista Vermelha da União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais (IUCN) das espécies ameaçadas. Esta lista, criada em 1963,

³¹ *Stilpnia Cayana*

³² *Thraupis Sayaca*

³³ *Leistes Defilippii*

³⁴ *Megarynchus Pitangua*

³⁵ *Zonotrichia Capensis*

³⁶ <https://www.wikiaves.com/index.php> Acesso em 03 de jun. de 2024.

³⁷ <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/terra-da-gente/noticia/2019/06/06/acessivel-para-todos-os-observadores-wikiaves-e-santuário-de-aves-na-rede.ghtml>. Acesso em 03 de jun. de 2024.

segue critérios para avaliação de risco de diversas espécies e subespécies em todas regiões do mundo, com o intuito de tratar sobre a urgência de conservação de diversas espécies para assim diminuir o impacto negativo da extinção³⁸. Segundo o site:

Os seus principais conselheiros sobre as espécies incluem a BirdLife International, a World Conservation Monitoring Centre e outros grupos da especialidade no âmbito do Comité de Sobrevivência das Espécies, Species Survival Commission (SSC), da IUCN. Cerca de metade das espécies incluídas na lista são acompanhadas por estas organizações (WIKIAVES, 2024).

A IUCN classifica em sete categorias o estado de conservação das espécies, sendo as seguintes: “pouco preocupante”, “quase ameaçada”, “vulnerável”, “em perigo”, “em perigo crítico”, “extinto na natureza” e “extinto”. O objetivo dessa classificação visa fornecer informações com base científica sobre o estado de conservação das espécies para dar visibilidade à biodiversidade comprometida para criar políticas internacionais.

Dentre as sete categorias, às 244 aves com procedência em Pernambuco se reagruparam em apenas três. São elas em suas respectivas porcentagens: “pouco preocupante” 92,2%, “quase ameaçada” 2,9% e “vulnerável” 4,1%, como consta no gráfico do apêndice D. Além desses, foi necessário criar a categoria “não localizada”, pois não foram encontradas informações no Wikiaves a partir dos dados das fichas cadastrais.

As aves que não foram localizadas totalizam 0,8% das 244. São as seguintes, conforme as fichas: 1 - “CABEÇA PRETA” (a ficha não possui nenhuma outra informação para saber que ave é esta) e 2 - “*MYACHUS F. AUSTRALIS*, PAPA MOSCA” (existem 9 tipos da ave papa mosca, sem mais informações não é possível definir o estado de conservação).

Seguindo com a análise, é possível perceber que o grupo aves do acervo do MCNPEDI possuía boa parte de peças em estado de conservação “pouco preocupante”, o que resulta no fato de boa parte do acervo ter um risco muito baixo

³⁸ https://www.wikiaves.com.br/wiki/lista_vermelha_iucn. Acesso em 03 de jun. de 2024.

de extinção. Logo, essas peças se qualificam como espécies ainda numerosas na biodiversidade³⁹. Essa porcentagem de 92,2% quantifica no acervo 225 peças.

Já a categoria seguinte, “quase ameaçada”, denota que a espécie está relativamente próxima de ser classificada como ameaça, podendo assim ser incluída futuramente entre “criticamente em perigo”, “em perigo” ou “vulnerável”⁴⁰. Portanto, essa categoria já destaca uma certa atenção com as espécies que estão incluídas nelas. Quanto ao acervo do MCNPEDI, essa porcentagem de 2,9% nesta categoria, trata-se de 7 peças. São elas: O sanhaço-pardo (1 peça), anambé-de-rabo-branco (2 peças), maracanã (1 peça) e ema (3 peças). Abaixo, destacamos as aves por imagem, nome popular, família, nome científico e região onde a ave está em extinção.

Figura 31. O sanhaço-pardo.



O sanhaço-pardo é uma ave passeriforme da família *Thraupidae*.

Nome científico: *Orchesticus Abeillei*.

Região onde a ave está em extinção: Nordeste e sudeste.

Fonte da imagem e informação: Wikiaves⁴¹.

³⁹ Entenda a classificação da Lista Vermelha da IUCN. O eco, 2024. Disponível em: <https://oeco.org.br/dicionario-ambiental/27904-entenda-a-classificacao-da-lista-vermelha-da-iucn/>. Acesso em 05 de jun. de 2024.

⁴⁰ Entenda a classificação da Lista Vermelha da IUCN. O eco, 2024. Disponível em: <https://oeco.org.br/dicionario-ambiental/27904-entenda-a-classificacao-da-lista-vermelha-da-iucn/>. Acesso em 05 de jun. de 2024.

⁴¹ <https://www.wikiaves.com/wiki/sanhaco-pardo>. Acesso em 05 de jun. de 2024.

Figura 32. O anambé-de-rabo-branco.



O anambé-de-rabo-branco é uma ave passeriforme da família *Cotingidae*.
Nome Científico: *Xipholena Lamellipennis*.
Região onde a ave está em extinção: Em alguns Estados da região Norte.
Fonte da imagem e informação: Wikiaves⁴².

Figura 33. Maracanã.



A maracanã é uma ave psitaciforme da família *Psittacidae*.
Nome científico: *Primolius Maracana*.
Região onde a ave está em extinção: Em alguns Estados da região Norte e Sul.
Fonte da imagem e informação: Wikiaves⁴³.

⁴² <https://www.wikiaves.com.br/wiki/anambe-de-rabo-branco>. Acesso em 05 de jun. de 2024.

⁴³ <https://www.wikiaves.com.br/wiki/maracana>. Acesso em 05 de jun. de 2024.

Figura 34. Ema.



Ema (*Rhea Americana*), também conhecida como nandu, nandu-grande, nhandu, guaripé e xuri, é uma ave da família *Rheidae*.

Nome científico: *Rhea Americana*

Região onde a ave está em extinção: Em alguns Estados da região Norte, Nordeste e Sudeste.

Fonte da imagem e informação: Wikiaves⁴⁴.

Por último, trataremos sobre a categoria “vulnerável”. Como destacada anteriormente, esta categoria está inserida no grupo “ameaça”. Uma espécie se torna vulnerável quando lida com um risco excessivo de extinção em poucos anos. Essa vulnerabilidade normalmente ocorre devido a destruição do habitat da espécie⁴⁵. Logo, essa categoria já destaca como os animais que estão inseridos nelas precisam de uma intervenção imediata para reverter a ameaça.

No acervo do MCNPEDI, o grupo que corresponde a essa categoria é referente a 4,1% do acervo, tratando-se então de 10 peças. São elas: araponga (2 peças), araçari-de-bico-de-marfim (3 peças), tucano-de-bico-preto (3 peças), tucano-de-papo-branco (1 peça) e peito-vermelho-grande (1 peça). Abaixo, destacamos as aves por imagem, nome vulgar, família e nome científico.

⁴⁴ <https://www.wikiaves.com.br/wiki/ema>. Acesso em 05 de jun. de 2024.

⁴⁵ Entenda a classificação da Lista Vermelha da IUCN. O eco, 2024. Disponível em: <https://oeco.org.br/dicionario-ambiental/27904-entenda-a-classificacao-da-lista-vermelha-da-iucn/>. Acesso em 05 de jun. de 2024.

Figura 35. Araponga.



A araponga é uma ave passeriforme da família *Cotingidae*.
Nome científico: *Procnias Nudicollis*.
Região onde a ave está em extinção: Em alguns Estados da região Sudeste.
Fonte da imagem e informação: Wikiaves⁴⁶.

Figura 36. Araçari-de-bico-de-marfim.



O araçari-de-bico-de-marfim é um gênero de aves Piciformes da família *Ramphastidae*.
Nome científico: *Pteroglossus*.
Região onde a ave está em extinção: Em alguns estados da região Norte e Nordeste.

⁴⁶ <https://www.wikiaves.com.br/wiki/araponga>. Acesso em 05 de jun. de 2024.

Fonte da imagem e informação: Wikiaves⁴⁷

Figura 37. Tucano-de-bico-preto.



O tucano-de-bico-preto é um piciforme da família *Ramphastidae*. Conhecido também como canjo (Mato Grosso), tucano-de-peito-amarelo e tucano-pacova.

Nome científico: *Ramphastos Vitellinus*.

Região onde a ave está em extinção: Em alguns Estados da região Nordeste.

Fonte da imagem e informação: Wikiaves⁴⁸.

Figura 38. Tucano-de-papo-branco.



⁴⁷ <https://www.wikiaves.com.br/wiki/pteroglossus>. Acesso em 05 de jun. de 2024.

⁴⁸ <https://www.wikiaves.com.br/wiki/tucano-de-bico-preto>. Acesso em 05 de jun. de 2024.

O tucano-de-papo-branco é um *Piciforme* da família *Ramphastidae*. Conhecido também como cachorro, pia-pouco, quirina, tucano-assobiador, tucano-cantador, tucano-de-peito-branco, e tucano-grande-de-papo-branco.

Nome científico: *Ramphastos Tucanus*.

Região onde a ave está em extinção: Em alguns Estados da região Norte.

Fonte da imagem e informação: Wikiaves⁴⁹.

Figura 39. Peito-vermelho-grande.



O Peito-vermelho-grande é uma ave da ordem dos *Passeriformes* da família *Icteridae*.

Nome científico: *Leistes Defilippii*.

Região onde a ave está em extinção: Em todas as regiões do Brasil.

Fonte da imagem e informação: Wikiaves⁵⁰.

Diante dessas informações, é provado a importância desse acervo para a atualidade. Um museu de ciências naturais é um espaço altamente privilegiado quando o assunto é a promoção da cultura científica. Podemos identificar como essas peças teriam uma grande relevância aos estudos biológicos atuais por meio de investigações, assim promovendo a ciência. Podendo essa investigação ganhar diversos desdobramentos, influenciando para além do âmbito científico da biologia, como por exemplo, a paleontologia, mineralogia, botânica, zoologia, entre outras.

Sendo essas investigações e promoções científicas produzidas pelo MCNPEDI, possivelmente resultaria em parcerias com instituições da educação básica, para formação desse corpo discente, além de possíveis parcerias com

⁴⁹ <https://www.wikiaves.com.br/wiki/tucano-de-papo-branco>. Acesso em 05 de jun. de 2024.

⁵⁰ <https://www.wikiaves.com.br/wiki/peito-vermelho-grande>. Acesso em 05 de jun. de 2024.

instituições de ensino superior, contribuindo assim também com o apoio ao ensino em todas os níveis de educação.

Perante a ameaça de extinção das aves aqui tratadas mediante a análise é conclusivo afirmar que o MCNPEDI e todo seu acervo certamente seria um repositório que asseguraria para gerações futuras a transmissão de um variado patrimônio genético e biológico. A conservação desse acervo poderia fornecer variadas técnicas de preservar os animais taxidermizados, fazendo com que esse acervo se torne apto para a realização de extração de partes para análise de material genético, por exemplo. A riqueza desse acervo também contribuiria positivamente para a promoção da educação ambiental e os riscos ecológicos que as mais variadas biodiversidades estariam expostas.

Além de Pernambuco, o acervo de aves contava com peças de mais outros 16 estados brasileiros. Após Pernambuco, o que mais contabilizava peças era o estado da Paraíba, totalizando 60 peças. É importante lembrar que o fato de ter esse quantitativo de peças relevante provenientes da Paraíba, provavelmente advém do fato de Petrônio Cavalcanti ter vivido um período no estado, como mencionado segundo o relato do Prof. Antônio Gonçalves Cunha Neto em 1986.

Os outros estados possuem um número de peças bastante inferior. São eles: Maranhão (11 peças), Goiana (10 peças), Pará (9 peças), Amazonas (7 peças), Minas Gerais (6 peças), Ceará (6 peças), Rio Grande do Sul (6 peças), Alagoas (5 peças), Rio grande do Norte (4 peças), Mato Grosso (3 peças), Piauí (2 peças), Espírito Santo (2 peças), Bahia (1 peças), Sergipe (1 peça) e Rio de Janeiro (1 peça). Somam-se também 11 peças de países estrangeiros. São eles: Índia (3 peças), China (2 peças), Alemanha (2 peças), Argentina (1 peça), Austrália (1 peça), Indochina (1 peça) e Continente Africano (1 peça), como consta no gráfico do apêndice C. Por último, existem 9 fichas onde a origem das peças não foram informadas.

Em consideração a tudo aqui destacado, é válido a seguinte reflexão: esse museu, neste período, é uma instituição de ciências naturais? Esta instituição, nesses primeiros anos, serviu para investigar as ciências naturais? Analisando principalmente as fichas das peças, fica evidente que o museu se propôs inicialmente a construção da ambição de seu fundador. De ser uma instituição em prol da preservação do meio ambiente e do conhecimento, porém, sem projetos científicos e pesquisa, como constatado no capítulo 2.

Logo, essa constatação deixa óbvio as respostas das perguntas destacadas no parágrafo anterior, onde o MCNPEDI nesse primeiro momento poderia ser associado a um tipo de gabinete de curiosidades. Nesse primeiro momento o MCNPEDI não era uma instituição a serviço das ciências naturais, muito menos as informações destacadas nas fichas cadastrais, por exemplo, onde não existe nenhuma informação de cunho científico como local de procedência ou a família que o animal faz parte.

Segundo Zaher e Young (2003), a partir do século XIX, os museus de ciências naturais já possuíam como objetivo o conhecimento acerca da biodiversidade planetária, devido ao início massivo do comércio marítimo. Sendo o museu de ciências naturais um espaço onde a biodiversidade se tornaria o principal objeto de estudo.

Nessa época de ouro da Zoologia, os museus de história natural já haviam conquistado um papel preponderante nas ciências biológicas como centros de estudo da biodiversidade. A associação feita entre os museus de história natural e o estudo da biodiversidade não parou de se estreitar e se fortalecer no decorrer dos anos. Da mesma forma, a pesquisa em sistemática, que trata dessas coleções científicas, passou a representar a espinha dorsal do conhecimento em biodiversidade (ZAHER; YOUNG, 2003. p. 24).

Por isso, constata-se mais uma vez que o MCNPEDI estava na contramão sobre o que se fazia em instituições de história natural na época. E isso, nos leva a ponderar na escolha da instituição em optar pela nomenclatura “museu de ciências naturais”. Possivelmente optou-se por este termo como forma de chamar a atenção da sociedade e do Estado de Pernambuco para a importância de existir um museu com um acervo dessa tipologia. Pois, a terminologia museu poderia dar um aspecto a instituição de um campo de influência, de conhecimento e saber científico, assim facilitando a aceitação.

Por fim, a diversidade de tipos de aves presente no acervo do MCNPEDI comprova a importância desse acervo para o Estado de Pernambuco, e o quanto seria importante preservá-lo para futuros estudos biológicos e genéticos. Isso sem contar com os outros grupos de espécies de animais que constituía o seu acervo e que a instituição possuía para promover importantes estudos científicos pertinentes para a atualidade. No capítulo a seguir iremos debruçarmos sobre o que esse

museu busca entender e representar enquanto natureza e seus significados, por meio de seu acervo.

CAPÍTULO 4. REPRESENTAÇÃO DA NATUREZA ATRAVÉS DA NATUREZA “MUSEALIZADA”

Neste capítulo, faremos a análise iconográfica executada por meio de fotografias feitas pelo fundador do museu. Além disso, trataremos da análise dos relatos dos visitantes do MCNPEDI. Para isso, além das fontes escritas, as fontes materiais também são objeto desta pesquisa.

4.1 Histórico e metodologia da análise de fontes iconográficas

As fontes iconográficas para o desenvolvimento desta pesquisa são de extrema importância. Pois, por meio delas conseguiremos ter uma melhor compreensão sobre a natureza que era representada nesse espaço. Mas, primeiramente é necessário entender como a fotografia é um documento de extrema relevância para esta análise.

Toda fotografia é uma forma de retomar o passado, pois, a fotografia se torna um artefato que possui fragmentos de um momento da realidade. Nos fornecendo assim, indícios sobre os elementos constitutivos como por exemplo, o assunto que a fotografia trata; o fotógrafo e seu contexto histórico; e a tecnologia então usada para o registro. Tudo isso fornece um inventário de informações acerca do fragmento de espaço/tempo. Logo, é evidente que a fotografia por meio de sua materialidade expressa informações que logo a constitui como uma fonte histórica (KOSSOY, 2012).

Por consequência, isso significa dizer que “uma única imagem contém em si um inventário de informações acerca de um determinado momento passado; ela sintetiza no documento um fragmento do real visível, destacando-o do contínuo da vida.” (KOSSOY, 2012. p. 113)

Sendo assim, para esta pesquisa a análise iconográfica se faz muito enriquecedora. Além do fotógrafo, teórico e historiador da fotografia, Boris Kossoy, para validar a importância da fotografia, recorreremos a alguns teóricos da área. O primeiro a destacar aqui é o historiador Peter Burke e sua obra “Como ler uma fotografia” (2004). Ele destaca como a imagem deve extrapolar a mera ideia de “evidência”. A imagem precisa de alguma forma impactar a imaginação histórica, pois, a imagem nos concede o compartilhamento de experiências e conhecimento de culturas anteriores a nossa. Logo, isso nos induz ao fato de que a imagem nos concede o “imaginar” o passado (BURKE, 2004).

Uma vantagem particular do testemunho de imagens é a de que elas comunicam rápida e claramente os detalhes de um processo complexo que um texto levaria muito mais tempo para descrever, e de forma mais vaga, como no caso da impressão, por exemplo (BURKE, 2004. p.143).

É necessário que o historiador leia as imagens nas entrelinhas. Isso significa que esta leitura precisa levar em conta as ausências significativas, pois, assim se obtém informações que até quem produziu a imagem não sabia ou não conseguiu revelar. Assim, o historiador precisa encarar a imagem como testemunhas mudas. Além de apreender aquilo que a imagem foi criada para passar, o historiador precisa fazer essa leitura para além do que foi exposto, assim atingindo a entrelinha ali existente (BURKE, 2004).

No entanto, o processo de leitura seguro da imagem deve contar com as fragilidades existentes desta. E essas fragilidades devem se dar na “crítica da fonte”, sendo essa crítica algo presente na qualificação dos historiadores na análise das fontes (BURKE, 2004).

Outro fator importante para Burke, é pensar para quem que esse significado que a imagem produz foi feito. E isso porque o significado que a imagem carrega está inserida de forma ampla no contexto que ela foi construída. Precisando assim levar em conta as circunstâncias que levou a encomenda e produção da imagem.

Para isso, Burke evidencia quatro princípios universais para a interpretação de uma imagem. O primeiro envolve o fato de que a imagem nos dá acesso a visões contemporâneas de mundos anteriores; a segunda é sobre o testemunho da imagem que precisa ser colocado em um contexto plural; a terceira versa sobre a preferência por pluralidade de imagens, pois apenas uma única não é confiável; e por último a quarta, onde o historiador destaca o que já foi citado, a necessidade da leitura da entrelinha existente na imagem. Assim, seguindo esses princípios assegura-se uma leitura de imagem eficaz (BURKE, 2004).

Somando a teoria de Burke, o professor e jornalista Richard Salkeld trata em sua obra “Como ler uma fotografia” (2014), como os significados são produtos de um sistema de representação e pensamento. Enfatizando como a semiótica se torna uma ferramenta eficaz para a análise desse sistema de representação e pensamento.

Quanto à definição de semiótica, Salkeld afirma que “a semiótica é um método de interpretar o mundo e analisar a produção de significado por meio de uma abordagem em que tudo é tratado como um sistema de signos a ser lido” (SALKELD, 2014. p. 45). Ou seja, faz parte da humanidade a leitura de signos de tudo que existe no mundo. Desde fotos até a cheiros. Assim, essa abordagem soma-se a teoria de Burke na análise de iconografias. Reforçando assim que tudo deve ser tratado como um texto a ser lido.

Seguindo ainda com a contribuição de Salkeld, o autor enfatiza a importância da tomada de decisão em um registro fotográfico. Essa tomada de decisão consiste na escolha de ângulo de visão e foco, por exemplo, e tudo isso influenciará diretamente na leitura que será feita nesta análise. Assim, conclui-se que a fotografia nada mais é do que o resultado de escolhas e decisões de quem registrou.

Por último, reforçando a análise iconográfica, com base no crítico de arte John Berger na obra “Para entender uma fotografia” (2017), a “fotografia ao registrar o que foi visto, sempre e por sua própria natureza se refere ao que não é visto. Ela isola, preserva e apresenta um momento tirado de um *continuum*” (BERGER, 2017. p. 31). Desse modo, é possível entender que a fotografia não possui uma linguagem própria, mas que é possível aprender a lê-la por meio da linguagem do acontecimento. E por esse motivo, Berger trata do *continuum*, pois todas as referências que fazem parte da análise iconográfica são externas à fotografia (BERGER, 2017).

Levando em conta tudo isso na análise iconográfica que será realizada a seguir, as fotografias serão abordadas para além de evidências. Todos os elementos presentes nas fotos que analisaremos, passam conhecimento sobre algo anterior ao presente. E que a leitura que realizaremos levará em conta as ausências presente em cada uma.

4.2 Análise das fotografias

Recorremos ao arquivo do CEA no PEDI, onde localizamos três álbuns (sem nomes ou identificação) de fotografia. Estes álbuns, não possuem identificação alguma, as fotos que existem neles não são todas referente ao museu.

A bióloga Fernanda Justino, que está há mais de 10 anos no parque, nos auxiliou na busca das fotografias que seriam de fato do MCNPEDI. Para esta identificação, a bióloga utilizou como pressuposto peças que ela não reconhecia.

Para isso, ela tinha como referência o depósito atrás do hospital veterinário onde encontram-se todas as peças de animais taxidermizados existentes no PEDI.

Assim como os álbuns, as fotografias não possuem legendas, datas e também estão em alto estado de deterioração, não podendo nem ser retiradas do compartimento onde se encontram. Todavia, as fotos são bastante importantes na tentativa de reconstrução deste acervo, na tentativa de imaginar a disposição da exposição e como esta tenta reproduzir a fauna local.

Ao todo, conseguimos encontrar sessenta e cinco fotos sobre o museu. Porém, para esta análise serão utilizadas vinte fotografias devido ao fato de muitas imagens se repetirem nas situações que são abordadas. As outras cinquenta e cinco fotos retratam visitas ao museu de diversos grupos diferentes, que alternavam entre visita escolar e visitas avulsas. Notamos também repetições nestas cinquenta e cinco fotografias, retratando o mesmo grupo mais de uma vez. Então, devido a isso, se priorizou apenas duas fotos de visitação e as outras dezoito retratam a exposição.

É necessário destacar que o foco na análise das fotografias nesta dissertação visa a reconstituição do museu e da exposição para assim entender a representação de natureza. Logo, o referencial teórico citado acima serve como base para uma análise fotográfica mais densa e detalhada, o que não é o caso nesta pesquisa. Levando em consideração isso, a bibliografia sobre análise iconográfica a partir de Burke (2004), Salkeld (2014) e Berger (2017), servirá como base para nos auxiliar na busca em responder aos seguintes pontos: descrição da imagem; para que e com qual intenção a imagem foi produzida?; o que possivelmente foi ocultado nas imagens?

Figura 40. Vitrine 1.



Fonte: o autor, nov. 2023.

Na figura quarenta, constata-se uma vitrine onde todas as peças aparentam ser de aves. Junto a estas é possível também identificar uma decoração de festa de final de ano. É possível visualizar que todas as peças estão com identificação. É perceptível que a disposição das peças é bastante confusa, dando a impressão de que estão amontoadas, mas na realidade as peças estão em suportes individualizados. A maior parte das aves são corujas e outros pássaros de médio e pequeno porte.

Além disso, é possível interpretar que Petrônio Cavalcanti tenta contar histórias por meio das peças. A forma como ele destaca os animais soa como uma narrativa, onde podemos interpretar uma cena de ataque entre animais. Nesta fotografia acima podemos perceber isso na coruja que fica ao centro da imagem.

Outro ponto a ser tratado é como toda essa lógica das peças e narrativas juntamente a ideia de comércio remete bastante às exposições universais do século XIX. Essas exposições eram uma espécie de laboratórios exibicionistas, onde o objetivo era mostrar o progresso da modernidade e do avanço tecnológico, aliado ao nacionalismo, a burguesia, a expansão do comércio e a ciência (SANTOS, 2013).

Figura 41. Vitrine 2.



Fonte: o autor, nov. 2023.

A figura quarenta e um também é uma vitrine que possui bastante peças de aves, porém, no meio da vitrine um outro elemento se destaca na fotografia, uma cobra de grandes proporções, além de pequenos mamíferos como saguis e coelhos na parte de baixo da vitrine, ou ainda uma iguana no meio da mesma do lado direito. Nessa imagem pode-se perceber também a impressão de amontoação de itens, o

que é bem recorrente em várias imagens. Contudo, é válido apontar uma possível lógica de disposição das peças, que seria do mais pesado para o menos pesado. Pois, vemos alguns mamíferos no solo como coelho, e no topo pequenas aves. Esta mesma lógica se dá na imagem seguinte que analisaremos a seguir. Porém, mesmo que esta fosse a lógica utilizada pelo fundador do museu, as peças ainda estão situadas de forma amontoadas, o que remete a uma ideia de desorganização.

É possível também verificar que todas as peças possuem identificação. As aves presentes na foto tem diferentes tamanhos, incluindo algumas de grande porte, e foram colocadas em diferentes posições, de asas abertas e fechadas, outras simulando voo ou nados.

Vale salientar que o espaço que o museu utilizava era relativamente pequeno para o quantitativo grande de peças que são mostradas nas vitrines ou ainda na lista do acervo. Nessa imagem também é possível associar o intuito de tratar sobre narrativas que existem por trás de cada peça para o fundador, como também está vitrine remete a ideia de exposição universal, como citado na imagem anterior.

Figura 42. Vitrine 3



Fonte: o autor, nov. 2023.

A figura quarenta e dois aparenta também ser uma vitrine. Essa diferente das outras, possui um quantitativo de peças bem menor onde vemos que a predominância de peças são de jacarés e outros répteis. Destoando, na parte direita vemos o que possivelmente pode ser um felino. Todas as peças também estão identificadas e a foto foi tirada de um ponto de vista lateral, e não de frente, como se espera de um visitante, ou seja, esta foto provavelmente foi tirada por alguém que trabalhava nesse espaço e viu sentido em realizar uma foto deste ponto de vista.

Figura 43. Parede 1.



Fonte: o autor, nov. 2023.

A figura quarenta e três retrata uma parede com várias peças de animais que aparentam ser todos mamíferos, representando diferentes grupos biológicos. À esquerda percebe-se a presença de alguns felinos, no lado direito ratos e coelhos. Na parte de cima é possível reconhecer alguns primatas. Nota-se identificação nas peças também. Mais acima e a esquerda suportes com artrópodes e conchas.

Figura 44. Fonte: Parede 2.



Fonte: o autor, nov. 2023.

Na figura quarenta e quatro percebe-se mais uma vez a predominância de aves. Além destas, um exemplar de peixe voador ao centro, mamíferos como preguiças de duas espécies diferentes subindo em um galho na parte esquerda, gambás e outros não identificáveis na parte inferior direita alguns potes de vidro com peixes marinhos. É perceptível a identificação nas peças e novamente a quantidade expressiva de peças expostas.

Figura 45. Parede 3.



Fonte: o autor, nov. 2023.

Na figura quarenta e cinco vemos a mesma parede da figura quarenta e quatro, só que de outro ângulo. Nesse outro ângulo, vemos que as vitrines não tem espaço livre com um grande número de peças sendo expostas.

Todas as imagens até aqui deixam bem evidente que Petrônio Cavalcanti é um naturalista autodidata. Nas imagens é possível entender que não existe uma perspectiva de apresentação dos animais pela classificação taxonômica. Pelas imagens, percebe-se que não existe uma apresentação dos animais a partir da lógica do Evolução, da ecologia ou ainda da biodiversidade dos animais destacados em exposição. E isso fica claro pela ausência de uma narrativa museográfica coerente.

Figura 46. Composição de peças 1.



Fonte: o autor, nov. 2023.

As duas partes da figura quarenta e seis se complementam. A primeira é a parte superior da foto, onde constata-se algumas aves como ema e uma papagaio, todas com suas respectivas identificações. A segunda imagem é a parte inferior do

mesmo espaço. Nota-se pela parte inferior da ema, que também está presente na sétima foto. Além da ema, nota-se também a presença de um felino, uma cobra e mais aves.

Figura 47. Composição de peças 2.



Fonte: o autor, nov. 2023.

Na figura quarenta e sete podemos ver com mais detalhes algumas peças da figura quarenta e seis. Nota-se dois felinos e algumas aves e outros pequenos mamíferos em meio a algumas plantas. Na segunda fotografia é possível notar mais aves como papagaios e araras e uma ema a direita. Todas as peças parecem estar identificadas em ambas as fotos.

Figura 48. Vitrine 4.



Fonte: o autor, nov. 2023.

Nota-se na figura quarenta e oito um tatu no canto inferior direito, duas preguiças no centro (possivelmente a mesma preguiça que consta na figura sessenta e quatro), um possível tamanduá atrás de uma das preguiças, uma cabra

com chifres, além de saguis, macacos e veados pequenos, outros mamíferos não identificáveis, além de uma coruja. Todos identificados com placas.

Figura 49. Parede 4.



Fonte: o autor, nov. 2023.

Na figura quarenta e nove vemos uma parede composta de peças diversas, como felino, um primata e várias aves em diferentes posições anatômicas. Mais uma vez, todas identificadas.

Figura 50. Parede 5.



Fonte: o autor, nov. 2023.

Na figura cinquenta pela primeira vez vemos o acervo destoar da predominância de aves e felinos. Vemos vários compartimentos com o que parece serem conchas do mar. Mais acima um compartimento com borboletas. No canto esquerdo da imagem mais uma ema e abaixo dela um ninho com uma ave e dois

ovos. No canto direito vê-se um mamífero que não é possível identificar, junto a um outro objeto não identificável grande.

Figura 51. Parede 6 e anatomia da preguiça.



Fonte: o autor, nov. 2023.

Nota-se na primeira imagem da figura cinquenta e um, mais uma vez, compartimentos com insetos, como borboletas, mariposas, libélulas e bicho-pau. Na segunda imagem vemos uma cena até então inédita nas fotografias até aqui. Um esqueleto de um bicho preguiça, destacado algumas partes do corpo do animal. O que destoa do que até então foi mostrado, pois os animais normalmente no museu estão sempre sendo representados empalhados.

Figura 52. Vitrine 5.

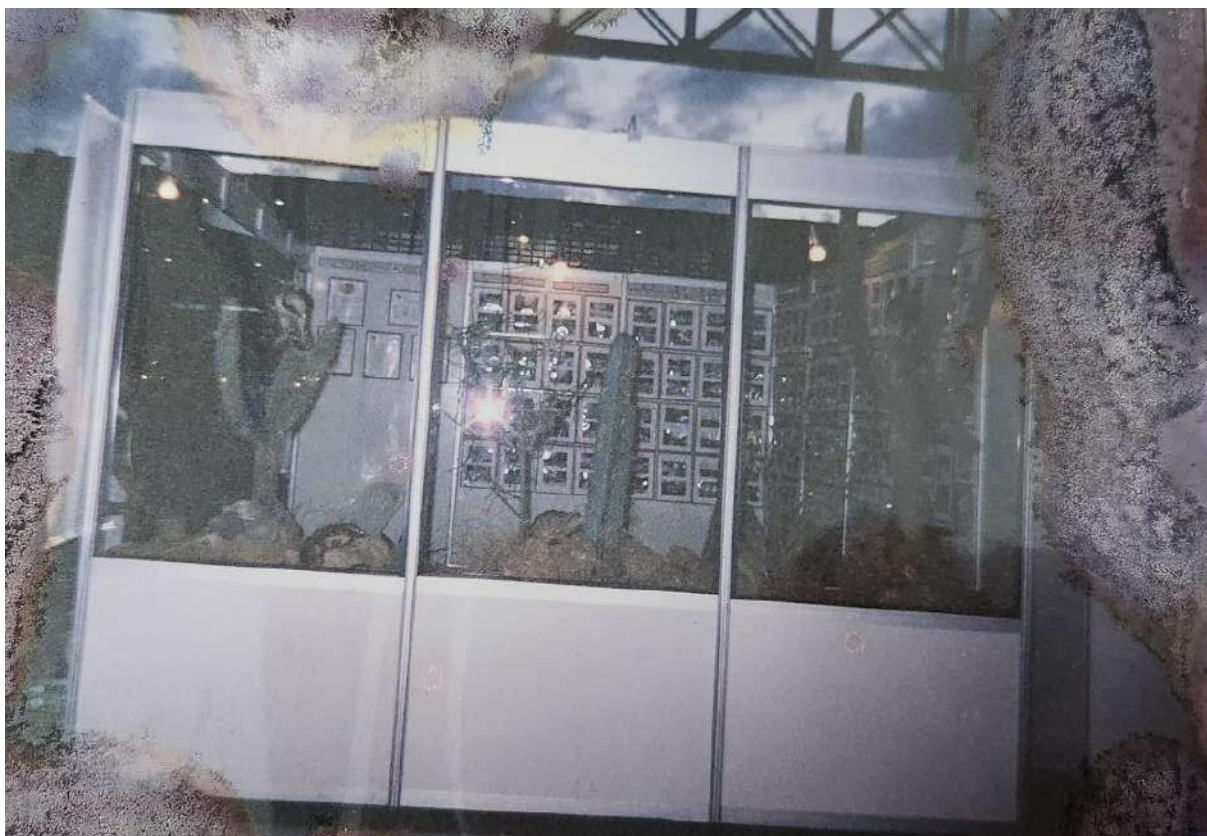


Fonte: o autor, nov. 2023.

A partir da figura cinquenta e dois vemos uma mudança de padrão nas exposições. Observamos nesta figura uma outra vitrine, se comparada com as anteriores. É bastante diferente das outras até aqui, pois é possível observar um espaço amplo e pela primeira vez com poucos animais, sem amontoado de peças. Os animais dentro da vitrine não é possível identificar. Fora da vitrine vemos um primata, um babuíno, e na sua frente uma mesa que possivelmente tinha algo em exposição em seu interior. Levando-nos a supor que possivelmente as outras quinze primeiras imagens fez parte da primeira fase do museu, enquanto esta vitrine seria

da segunda fase, onde temos uma instituição a partir de uma perspectiva mais científica.

Figura 53. Diorama 1.



Fonte: o autor, nov. 2023.

A figura cinquenta e três nos mostra uma vitrine onde possivelmente vê-se um diorama sobre a caatinga, pois na vitrine vemos alguns cactos acompanhados do que parece ser um solo amarelo seco na base. Em cima do primeiro cacto do canto esquerdo vemos uma possível ave. Ao fundo, vemos o que parece ser várias fotografias, provavelmente retratando imagens reais desse diorama. Podendo assim conjecturar que por meio desta fotografia presenciamos o museu da segunda fase, onde o mesmo tenta renovar-se com os investimentos em dioramas.

Até aqui, vemos diversas vitrines com animais em exposições. E diante dessas imagens podemos afirmar que a natureza tratada pelo fundador do museu nada mais é que seu recorte e interpretação do mundo natural, de forma bastante subjetiva.

Petrônio Cavalcanti era um comerciante, que segundo os variados tipos de documentos que abordamos, até comentários do ex-coordenador Gustavo Pacheco

em entrevista, que admirava a natureza. Que almejava abrir uma instituição museológica para tratar sobre a importância da fauna e sua conservação com o público que essa instituição poderia vir a angariar, mas sobretudo para mostrar também sua coleção e seu talento de taxidermista. Nesse sentido o MCNPEDI apresenta uma musealização da natureza?

A musealização da natureza vai muito além de tudo isso destacado no parágrafo anterior. Este processo precisa de várias etapas que envolve a seleção e retirada de objetos de seu ambiente original, para assim executar a formação de coleções de pesquisa e formas de salvaguardar estes objetos. A partir do momento que a peça está em exposição, por meio de sua materialidade e representação, ela comunica ao seu público. Tudo isso para caracterizar esses espaços como apropriados, transformando-as em elementos culturais para serem tratados por meio do olhar humano sobre a natureza (SOLER, 2015).

"A este processo de transferência de elementos naturais para o interior dos museus, para composição de coleções científicas, cenário e vitrinas das exposições didáticas adota-se aqui a ideia de Musealização da Natureza. Tal noção é entendida como conjunto de ações que envolvem uma coleção de objetos naturais apresentados em exposições, envolvendo, principalmente os aspectos institucionais que sistematizam suas ações a partir da formação (aquisição), documentação, conservação, pesquisa e extroversão (disponibilização pública) de rochas, plantas e animais" (SILVA, 2013, p. 24 apud Soler, 2015, p. 24)⁵¹

⁵¹ SILVA, M. C. **Musealização da natureza**: exposições 'em museus de história natural como representação cultural. 2013. 377 f. Universidade de São Paulo, 2013.

Foto 54. Diorama 2.



Fonte: o autor, nov. 2023.

Na figura cinquenta e quatro, nota-se mais outro diorama. Na base do diorama vemos o que provavelmente seriam rochas. Constata-se no canto esquerdo uma ema, junto a ela uma pequena ave de um lado, já do outro lado um possível mamífero. Ao centro da imagem há uma planta. No canto direito vê-se o que seria talvez um primata, ao lado de outras duas plantas. No fundo do diorama vemos quadros com animais, juntamente a possíveis informações sobre os animais das figuras.

Figura 55. Visitações.



Fonte: o autor, nov. 2023.

Na figura cinquenta e cinco, vemos na primeira imagem o que parece ser o interior do diorama destacado na figura sessenta. É notável perceber a interação de

algumas crianças e uma mulher adulta com uma ave em cima de um cacto. Possivelmente a imagem se passa no contexto de uma visita escolar, por perceber o fardamento das crianças na imagem. Na segunda imagem percebe-se mais um cenário de visita ao museu. Um grupo de mulheres observa a vitrine onde se vê algumas peças de aves. Com estas duas últimas fotografias dá para notar como esta instituição tinha como base a utilidade pública por poder observar na prática o público do museu e seu acervo em contato em prol do conhecimento.

Contrastando as quinze primeiras imagens com as últimas cinco, fica evidenciado a forma como a natureza era representada de maneiras bem distintas. Mesmo sem as imagens possuírem datas, é notório como as exposições destoam uma da outra e assumem as duas distintas primeiras fases do museu.

As quinze primeiras imagens correspondem à fase onde as peças eram postas de maneira aglomerada, onde os animais contavam uma história de predador e caça. Já as cinco últimas imagens mostram um museu relativamente mais maduro. Com a disposição dos animais de maneira mais sóbria, sem amontoados. Vemos animais em sua grande maioria serem representados de forma mais anatômica, com os quatro membros no solo, alinhados e paralelos entre si, com a cabeça erguida, contemplando o horizonte. Além da representação por meio de dioramas, como destacado anteriormente. Indicando uma representação de natureza mais técnica com a perspectiva mais alinhada com um museu de história natural.

Outro fator que diferencia bastante as primeiras imagens destas últimas é que dentre as quinze primeiras fotografias temos um total de oito fotos em preto e branco. As outras setes são fotografias coloridas, mas que já estão adquirindo uma tonalidade mais amarelada, mostrando assim ser mais antigas. Diferentemente das últimas cinco fotos, onde todas são coloridas. Reforçando assim a ideia de cada uma pertencer a uma fase.

Por fim, é possível presenciar em todas as imagens aqui analisadas que estas foram produzidas como forma de registrar o museu, suas vitrines e suas atividades. Possivelmente, com o intuito de mostrar sua importância, sobretudo nas fotos de visita. Logo, subentende-se que estas imagens foram feitas para a legitimação do museu como uma importante instituição para o Estado, que até então carecia de um acervo tão diverso da fauna local e com o foco em ciências naturais.

E isso fica óbvio por todas as imagens deixarem de mostrar as carências que a instituição possuía. Não houve registros do quão o espaço do museu era pequeno

para abrigar todos as peças; não possui registro das goteiras que existiam e foram tratadas em relatos no capítulo 2, não existe registro da ausência de laboratórios com materiais equipados para taxidermização de animais e manutenção das peças existentes.

No entanto, fica evidente também nas imagens analisadas que a falta formação na área da museologia do fundador evidencia a desorganização das peças, principalmente em sua primeira fase, o que leva a concluir o intuito do fundador em querer firmar o conceito de museu, porém, não obteve êxito. Pela análise dos documentos e das fotos, não é possível visualizar um conceito de exposição claro. Como citado anteriormente, o fundador possivelmente utiliza da lógica do mais pesado para o menos pesado, como vimos nas imagens 48 e 49, mas mesmo assim apresenta uma desordem.

É necessário destacar também que a interpretação sobre a “falta de lógica” na disposição das peças se dá também por termos chegado ao limite da análise desta pesquisa. Pois, a falta de mais fontes, que pudessem detalhar e informar mais sobre a exposição, fez com que não pudéssemos dissertar mais sobre. Sendo assim, é recorrente essa ideia de um amontoado de peças, agrupadas a partir do grupo que os animais estão inseridos. Seguindo essa lógica, a museóloga Soler afirma o seguinte:

(...) as exposições não são apenas um grupo aleatório de objetos dispostos numa opulenta galeria (Dolák & Šobánková, 2018) ou a expressão de um tema sob uma narrativa determinada e diagramada em normas técnicas museográficas (Corral-Guillé, 2015). As exposições são construções coletivas, refletem pontos de vista de seus autores cuja informação é necessariamente o produto de disputa e seleção. Além dos conteúdos e objetos, o modo como os objetos são dispostos refletem concepções científicas; estão presentes determinadas representações de ciência e investigadores, que são produto da estruturação do campo científico subjacente e destinadas a exercer influência sobre as percepções e atitudes do público. Tais representações procuram gerar confiança, interesse e apoio face à ciência (SOLER, 2020, p. 3).

Logo, não é notório na exposição do MCNPEDI uma concepção científica clara. Como afirmou Soler, é necessário organizar uma narrativa expositiva científica para influenciar e persuadir os visitantes. No caso do MCNPEDI, mesmo com ausência de uma concepção científica eficiente, os visitantes, por meio dos relatos que serão analisados mais à frente, identificavam de alguma maneira a importância da instituição existir.

Porém, o mesmo não acontecia da perspectiva do Estado de Pernambuco. Os fatos levam a uma possível análise: a falta dessa organização talvez tenha sido um dos elementos de sua desvalorização pelo Estado Pernambucano.

Por fim, faz-se importante destacar a seguinte reflexão acerca do que foi mencionado acima. Um museu de ciências naturais precisa ir além dessa representação rasa acerca da natureza. Não pensar além disso é restringir a instituição museu a um depósito de objetos sobre uma determinada temática. Então essa narrativa, que precisa tratar de uma concepção científica destacada por Soler, precisa ser um dos principais objetivos para levar o museu ao patamar de uma instituição associada ao conhecimento.

Assim, limitar o papel dos museus de história natural a um repositório do testemunho de existência de espécies no tempo e no espaço (Meerhoff, 1997) restringe o papel dessas instituições para a compreensão da biodiversidade. Nesse contexto, Davallon e colaboradores (1992) apontam que a “entrada” do meio ambiente nos museus causou mudanças na museografia e Museologia, pois colocou estas entidades à frente de tópicos que pertencem ao tempo presente e solicita que seja emitido um posicionamento crítico (SOLER, 2020, p. 284)

É preciso validar que o MCNPEDI, a partir da figura do Petrônio Cavalcanti, buscava aprimorar a instituição, sendo exemplo disso a parceria com o IJNPS, por exemplo, que auxiliava com o setor de museologia. Mas o esforço de manter a instituição e sua importância não obtinha tanto êxito e aderência por parte do Estado.

4.3 Análise dos relatos dos visitantes

Neste subcapítulo, analisaremos o documento "Impressões de Visitantes do Brasil e do Estrangeiro Deixadas no Museu de Ciências Naturais, instalado no Horto de Dois Irmãos – Recife – Pernambuco".

No entanto, antes de realizarmos esta análise é necessário entender sobre representação, pois a análise desses relatos está atrelado a forma como a ideia de natureza era representada e como isso chegava até aos visitantes do MCNPEDI. Para argumentar sobre esse conceito é significativo trazer para a reflexão o historiador francês Roger Chartier.

Para o teórico, representação é a forma como os seres humanos constroem cognitivamente seus mundos/realidades. Para Chartier, essa representação não é

universal, pois ela se dá a partir das posições sociais dos indivíduos que a projetam; mas também ela não é neutra, pois ela surge por meio dos interesses, conectada a necessidades sociais. Logo, esse conceito se torna base para a história cultural, pois a noção faz referência a como os seres humanos constroem o mundo, sentidos e significados (CHARTIER, 1990).

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. [...] as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. (CHARTIER, 1990, p. 17).

Logo, segundo Chartier, os grupos criam suas representações para lidarem com necessidades reais. Isso implica em disputas, pois cada grupo de alguma maneira vai impor sua representação. Fazendo com que as lutas aconteçam para além do plano econômico e político, mas também no plano simbólico e cultural, tornando assim a representação como algo concreto na perspectiva prática. Assim, para Chartier, a representação é uma noção coletiva, que implica na construção simbólica de mundo, formas de apreender a realidade social vivida em grupo (CHARTIER, 1990).

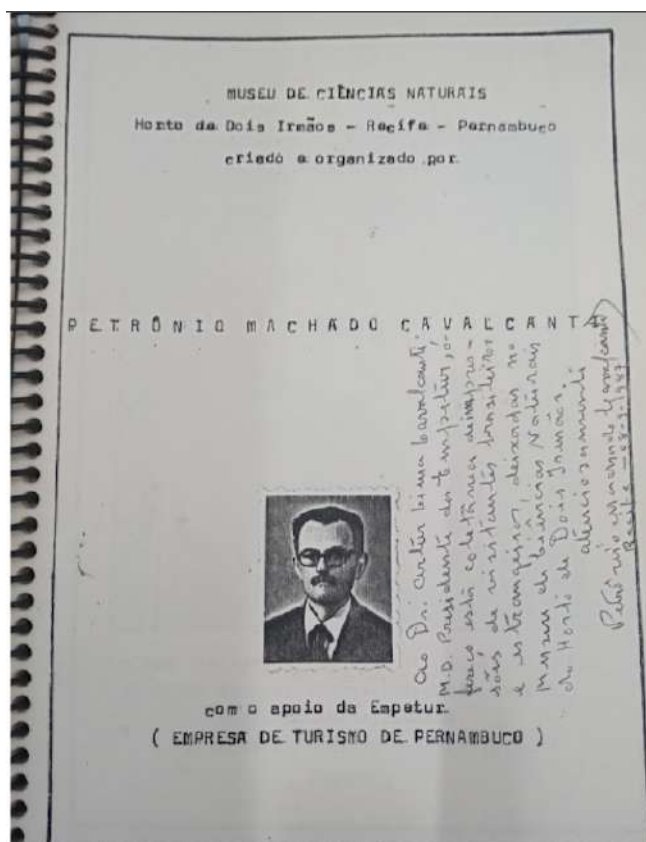
A partir da compreensão de representação é viável entender a lógica de funcionamento da sociedade e a luta pelo poder e dominação do simbólico/cultural. Fazendo com que assim, este conceito permita demonstrar que os grupos sociais ultrapassem as vontades individuais para assim perpetuar a existência do grupo, levando o indivíduo a reconhecer o seu lugar social (CHARTIER, 1990).

O poder e a dominação estão sempre presentes. As representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas. Ora, é certo que elas colocam-se no campo da concorrência e da luta. Nas lutas de representações tenta-se impor a outro ou ao mesmo grupo sua concepção de mundo social: conflitos que são tão importantes quanto as lutas econômicas; são tão decisivos quanto menos imediatamente materiais. (CHARTIER, 1990, p. 17).

Assim, conforme o que foi exposto, neste subcapítulo será analisado o documento "Impressões de Visitantes do Brasil e do Estrangeiro Deixadas no

Museu de Ciências Naturais, instalado no Horto de Dois Irmãos – Recife – Pernambuco". Este documento está disponibilizado no blog do ex-coordenador do museu, Gustavo Pacheco, sendo este documento de sua posse. O nome do Blog é Atrativo Pernambuco⁵². Ao todo, o documento possui duzentos e dezenove relatos, de variados tipos de visitantes (estudantes, professores, políticos, médicos, advogados, engenheiros, entre outros). Importante colocar que estes comentários tiveram curadoria do fundador do museu, com a compilação dos comentários realizados entre os anos 1973 a 1986 pelos visitantes. O que implica que a maior parte destes comentários, de alguma forma, são elogiosos. Isso é perceptível a partir do teor dos comentários e o fato de existirem relatos de amigos próximos ao Petronio Cavalcanti. O que nos leva mais uma vez a refletir sobre até que ponto essa narrativa é totalmente inquestionável. No entanto, não foram controlados no momento da escrita e, por isso, são válidos para análises de representações espontâneas.

Figura 56. Capa do documento sobre os relatos dos visitantes.



Fonte: Blog Atrativo Pernambuco.

⁵² Link do documento:

<https://atrativope.blogspot.com/search/label/Museu%20de%20Ci%C3%A7ncias%20Naturais%20de%20Pernambuco?m=0>.

A partir da análise desses visitantes, busca-se compreender a forma como estes percebem a representação da natureza que o museu expõe, e como eles enxergam a importância que este acervo possui. Para realizar a análise, foi feito um recorte onde foram escolhidos comentários que tratavam da importância do museu e comentários advindos de parte do público que se beneficiava do acervo para estudo ou divulgação do conhecimento. Dos duzentos e dezenove comentários do documento, escolhemos nove que entendemos como significativos para nossa proposta.

O primeiro é o relato de número 5, do médico Mauro Pedrosa, datado em 18 de novembro de 1973.

Na época atual, onde a depredação a flora e a fauna são feitas indiscriminadamente a ponto de levar a extinção inúmeras espécies, e de se louvar a instalação de um Museu de Ciências Naturais. Talvez, conhecendo melhor a natureza; o homem possa amá-la e preservá-la em seu próprio benefício e sobrevivência. Esta de parabens esta iniciativa; faço votos para que frutifique e produza os frutos que são tão necessários ao conhecimento humano. (IMPRESSÕES DE VISITANTES DO BRASIL E DO ESTRANGEIRO DEIXADAS NO MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS, INSTALADO NO HORTO DE DOIS IRMÃOS – RECIFE – PERNAMBUCO, 1973-1986).

A opinião do médico é válida de destaque devido ao reconhecimento que é dado sobre a destruição da flora e fauna e de que a relação natureza e sociedade reflete todo o descuido que existe nessa relação. Mauro Pedrosa consegue identificar como o MCNPEDI pode ajudar nessa relação, a partir da preservação das espécies em extinção e a partir dos benefícios que esta pode oferecer.

O segundo relato é o de número 17, do estudante de direito Cleônio José da Silva. Datado em 25 de novembro de 1973.

Poucas vezes tive oportunidade de visitar um museu desta natureza. Numa época em que o homem numa sede desesperada de progresso, extingue constantemente todas as criações próprias da natureza; nada mais oportuno do que mostrar principalmente às crianças o que é belo: a fauna brasileira. Parabéns aos que fazem o Museu de Ciências Naturais (IMPRESSÕES DE VISITANTES DO BRASIL E DO ESTRANGEIRO DEIXADAS NO MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS, INSTALADO NO HORTO DE DOIS IRMÃOS – RECIFE – PERNAMBUCO, 1973-1986).

No relato de Cleônio Silva, percebe-se a mesma preocupação do relato anterior. O estudante cita sua inquietação com essa busca de progresso e em como esse vem destruindo a fauna local e que o museu teria esse papel também de denunciar essa destruição, por meio do seu acervo.

O próximo relato é o de número 31, feito pelo Diretor do Ginásio do Instituto Bom Conselho Cicero Dantas - BA, Manoel Moreira Costa. O relato foi feito no dia 31 de janeiro de 1974.

Foi com uma satisfação imensa que visitamos o "Museu de Ciências Naturais". Causa-nos espécie verificar não só a arte da taxidermia verificada nesse Museu, como ainda a organização e a maneira gentil como é recebido o visitante. O empalhamento é verdadeiramente perfeito, dando-se a impressão de que os animais estão com vida. É uma pequena Fauna, não só regional como ainda testemunha a presença de outras partes do nosso Brasil. Trabalho como esse merece todo apoio e admiração, principalmente um nossa época quando verificamos, lamentavelmente, que a nossa fauna tão rica, tende a desaparecer. Testemunhamos, aqui, a nossa admiração, os nossos votos para que esse trabalho não sofra solução de continuidade. Parabéns, pois, ao abnegado e paciente, Petrônio Machado Cavalcanti, pelo seu esforço, pela sua arte, sobretudo pelo amor dedicado à natureza, dando-nos condições de conhecer em poucos minutos o mundo maravilhoso que encanta e canta as maravilhas do Criador (IMPRESSÕES DE VISITANTES DO BRASIL E DO ESTRANGEIRO DEIXADAS NO MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS, INSTALADO NO HORTO DE DOIS IRMÃOS – RECIFE – PERNAMBUCO, 1973-1986).

O relato de Manoel Costa reverencia o trabalho e paixão do fundador do museu. Ele ressalta a organização do museu e o trabalho de Petrônio Cavalcanti com as peças taxidermizadas. Outro destaque é o reconhecimento de como o pequeno espaço conseguia replicar parte da fauna local, além disso, com peças de outro lugar. Também está presente em seu relato a preocupação com o desaparecimento da fauna, sendo o museu um espaço significativo para conservar essa fauna.

O relato seguinte é o de número 167 do Museólogo da Bahia, Reginaldo Rodrigues Guimaraes. O relato consta na data de 29 de Setembro de 1977.

Foi uma grande alegria visitar este Museu. Prova que o amor verdadeiramente constrói. Sem ajuda, lutando contra todas as adversidades e incompreensões, o Sr. Petrônio Machado Cavalcanti, ergueu um monumento de ciência e de lazer que nos comove. Sem curso universitário, mas pleno de bom senso e de intuição, este homem mostrou, que é um naturalista nato, sem perder a modéstia e a simplicidade, tão incomum no tempo de hoje. É um grande brasileiro, e um dia virá que o seu valor será reconhecido sem favor nenhum. Obrigado, Petrônio (IMPRESSÕES DE VISITANTES DO BRASIL E DO ESTRANGEIRO DEIXADAS NO MUSEU

DE CIÊNCIAS NATURAIS, INSTALADO NO HORTO DE DOIS IRMÃOS – RECIFE – PERNAMBUCO, 1973-1986).

O relato do Reginaldo Rodrigues possui o mesmo teor do anterior. Ressalta a força de vontade de Petrônio Cavalcanti em tocar o museu, mesmo sem formação específica. O valor que o museólogo ressalta em seu discurso, na prática nunca se concretizou em nenhum aspecto: científico, educacional, museológico ou para com o fundador.

Os próximos dois relatos são de professores. O primeiro de número 131, do grupo de professoras de Zoologia e Enfermeiras de Mossoró - RN, Maria das Graças Arruda, Ivaneide Fernandes Costa, Maria de Fátima Chagas e Antonia Pereira. De 2 de fevereiro de 1977. O segundo relato de número 147, é do professor Risonildo Santos de Aquino de 11 de junho de 1977.

Como professoras de Zoologia e Enfermeiras, tivemos uma visão muito ampla do que é o que representa o museu como ponto turístico, sobretudo como fonte de pesquisa e observações. Temos apenas que parabenizar a todos que deram o seu apoio e contribuição para uma obra tão fabulosa e científica (IMPRESSÕES DE VISITANTES DO BRASIL E DO ESTRANGEIRO DEIXADAS NO MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS, INSTALADO NO HORTO DE DOIS IRMÃOS – RECIFE – PERNAMBUCO, 1973-1986).

Após inúmeras visitas ao Museu de Ciências Naturais do Horto de Dois Irmãos organizado pelo autodidata Petrônio Machado Cavalcanti, declaro como professor de Biologia, licenciado pela Universidade Católica de Pernambuco, que é um dos poucos ou quase o único local de que dispõem os professores desta área de ensino, para aulas práticas. Graças a variedade de espécimes devidamente catalogadas, prestando assim uma relevante ajuda (e motivação) aos nossos carentes estudantes. Finalizo dizendo que, este Museu, pelos serviços que vem prestando, pode e deve ser considerado de utilidade pública (IMPRESSÕES DE VISITANTES DO BRASIL E DO ESTRANGEIRO DEIXADAS NO MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS, INSTALADO NO HORTO DE DOIS IRMÃOS – RECIFE – PERNAMBUCO, 1973-1986).

Ambos os relatos dos professores ressaltam a importância da instituição para o conhecimento e a ciência no estado de Pernambuco. Um dos relatos acima, cita a falta de espaços no estado que proporcione o reconhecimento da fauna local e sua preservação que o museu dava.

O relato a seguir é o de número 11, feito pelo estudante de medicina da UFPE, Valdir Filgueiras Pessoa. O relato data de 20 de novembro de 1973, ano de abertura do museu.

Ensinar e divertir: eis a fórmula certa para a educação. Desenvolver o amor pela Natureza: eis uma tarefa louvável. E tudo isto foi realizado de uma maneira bem/ inteligente e dinâmica. Para comprovar isso, veja-se a sequência evolutiva que vai da lagarta a borboleta, a dança dos tangerás, o gato e o rato expostos, conservando seus lugares na cadeia trófica: um predador, outro o predador... Está de parabéns, a Empetur e o Sr. Petrônio Machado (IMPRESSÕES DE VISITANTES DO BRASIL E DO ESTRANGEIRO DEIXADAS NO MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS, INSTALADO NO HORTO DE DOIS IRMÃOS – RECIFE – PERNAMBUCO, 1973-1986).

No relato de Valdir Pessoa, pela primeira vez temos algo que nenhuma fonte utilizada até então mostrou que é Evolução. O estudante diz presenciar sobre a metamorfose de uma borboleta e a cadeia de predador e presa. Com isso, abre-se brecha para pensar que existiam sim temas pertinentes à história natural, e a zoologia, mas isso não fica evidente com todas as peças, como mostram as imagens analisadas no subtópico anterior.

Os dois relatos a seguir tratam sobre visita de grupos de colégios particulares ao museu. O primeiro, de número 21, de grupos de dois colégios do Estado de Sergipe. O relato foi feito pelo diretor do Colégio Estanciano, José Alceu do Nascimento, data de 01 de dezembro de 1973. O segundo relato é o de número 54, da professora de Ciências do Colégio Santa Maria de Timbaúba, Maria Lucia de Vasconcelos, datado de 7 de novembro de 1974. Em ambos os relatos constam o agradecimento perante a oportunidade de acesso à riqueza científica que o espaço possui.

A Direção dos Colégios Estanciano e Graciliano Cardoso de Sergipe, os alunos acompanhantes de excursão 1973, dos seus formandos, agradecem a oportunidade de ter visto o "Museu de Ciências Naturais" ao Sr. Petrônio Machado, ao mesmo tempo que se sente maravilhado com esta obra de pesquisa, de paciência e da riqueza científica tão do alcance de quantos admiram as coisas sérias e nobres. Ao povo culto de Pernambuco o apreço e admiração dos sergipanos (IMPRESSÕES DE VISITANTES DO BRASIL E DO ESTRANGEIRO DEIXADAS NO MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS, INSTALADO NO HORTO DE DOIS IRMÃOS – RECIFE – PERNAMBUCO, 1973-1986).

Quero agradecer ao autodidata/ Petrônio Machado Cavalcanti a oportunidade maravilhosa que deu às alunas do Colégio Santa Maria, em passarem uma manhã de estudo no Museu de Ciências Naturais. Fiquei encantada com a organização e beleza do mesmo (IMPRESSÕES DE VISITANTES DO BRASIL E DO ESTRANGEIRO DEIXADAS NO MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS, INSTALADO NO HORTO DE DOIS IRMÃOS – RECIFE – PERNAMBUCO, 1973-1986).

O último relato é o de número 69, do Advogado e Professor de História e Geografia do Colégio Nóbrega do Recife, Alberto José Carneiro Campelo. O relato consta da data de 1 de março de 1975. No relato vemos o professor falar da importância do museu para a cidade e o estado, e de como seu acervo é tão rico que o mesmo utiliza de fotos da instituição para as suas aulas.

Como amante de natureza, já visitei várias vezes este museu de ciências naturais, chegando até a fotografá-lo em Slides para aulas de Geografia. Ele é algo notável aqui no Recife, tão carente desses tipos de atrações, tão necessárias a quem deseja fugir do burburinho do centro da cidade, depois de uma semana de forte canícula e trabalho estafante. O Sr. Petrônio, está de parabéns não só pelo seu admirável trabalho pioneiro como pela iniciativa turística que deve ser imitada (IMPRESSÕES DE VISITANTES DO BRASIL E DO ESTRANGEIRO DEIXADAS NO MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS, INSTALADO NO HORTO DE DOIS IRMÃOS – RECIFE – PERNAMBUCO, 1973-1986).

É notável a presença da admiração de todos os comentários aqui destacados no documento sobre o esforço do fundador em manter a instituição com poucos recursos e sem o apoio devido do estado. É relevante afirmar que o provável motivo do fundador em reunir todos esses relatos visando a construção desse documento representa mais um esforço do mesmo para mostrar à EMPETUR e às autoridades públicas de Pernambuco a importância da permanência do museu e seu acervo.

Para além disso, presencia-se como a representação de natureza abordada pelo MCNPEDI conversa e fala com a sociedade de alguma forma. Prova disso, além dos comentários citados neste subtópico, são os altos números de visitação que o museu obteve em seus anos de existência, como destacado no capítulo 2 por meio das fontes advindas dos jornais.

Por mais que existisse uma lacuna da instituição em se guiar pelos princípios de um museu de ciências naturais, o público via uma importância científica e ecológica na representação do MCNPEDI.

No entanto, apenas esses fatores seriam suficientes para sua permanência e preservação? Talvez não.

Como já evidenciado no subtópico da análise iconográfica, o acervo e a exposição do MCNPEDI espelhavam uma perspectiva de representação da natureza baseada na realidade cognitiva de Petrônio Cavalcanti, de naturalista autodidata. Um admirador da natureza que tentava trazer sua narrativa de importância, estudo e atenção ao tema. Retomando Chartier (1990), a representação trata sobre a posição social de onde ela vem. Juntamente a isso, Chartier ressalta que ela promove disputas. Logo, isso envolve disputa de espaço e validação.

Talvez, a representação de um naturalista autodidata sobre natureza proferida pelo MCNPEDI foi insuficiente para se validar enquanto uma narrativa pertinente perante ao Estado. Mesmo em sua fase mais científica, onde vimos investimento e parceria importantes com instituições como a UFRPE, por exemplo, ainda assim, não foi suficiente para a permanência do acervo, para a permanência da instituição.

Por meio das análises feitas até aqui e dessa reflexão, finalizamos este capítulo retomando os problemas de pesquisa elencados nesta dissertação, com suas respectivas respostas. Tanto as fotografias, como os relatos dos visitantes nos mostram perspectivas de naturezas. O MCNPEDI possui distintas fases. Nestas distintas fases, vemos distintas representações de natureza. Inicialmente uma perspectiva naturalista autodidata, partindo de seu fundador. Posteriormente uma perspectiva um pouco mais científica. E os significados, sentidos e valores que o MCNPEDI transmitia eram também adaptados por essas representações das duas fases iniciais.

É interessante que independente da fase, vemos o público compactuar com a representação tratada. Vemos os visitantes reconhecerem a importância do acervo e isso é nos relatos analisados acima. Porém, nenhuma representação abordada sobre a natureza, de nenhuma das duas primeiras fases do museu foi levada a sério pelo Estado. A pior consequência disso foi o desaparecimento desse valioso acervo, onde comprovamos na análise da coleção no capítulo 3.

O acervo do MCNPEDI possuía uma importância imensurável do ponto de vista dos estudos biológicos e genéticos atuais, mediante a crise ambiental que enfrentamos e a extinção de diversas espécies de animais, onde este acervo se faria mais uma vez valioso para o estudo da biologia da conservação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para execução desta pesquisa, foi primordial o levantamento de fontes. Para isso, utilizamos as seguintes fontes primárias: vinte fotografias tiradas pelo antigo fundador da antiga exposição do museu; o documento de relatos de visitantes, intitulado "Impressões de Visitantes do Brasil e do Estrangeiro Deixadas no Museu de Ciências Naturais, instalado no Horto de Dois Irmãos – Recife – Pernambuco", também organizado pelo fundador; os documentos administrativos do MCNPEDI; e as matérias de jornais do Diário de Pernambuco sobre o museu. Além disso, utilizamos também fonte do tipo oral. Realizamos entrevistas com o ex-coordenador do museu, Gustavo Pacheco e com a bióloga do PEDI, Fernanda Justino.

Todas estas fontes foram primordiais para atingirmos o primeiro objetivo específico da pesquisa, que foi a reconstrução da trajetória do museu, e por consequência, realizarmos o objetivo geral, podendo assim entender a ideia de natureza produzida pelo museu por meio de sua trajetória. Em sequência, tocamos os outros dois objetivos específicos por meio da análise das fontes citadas, para assim analisarmos a coleção da instituição e entendermos a sua representação de natureza a partir da natureza musealizada. Contemplando assim todos os objetivos traçados.

Sendo assim, após a análise das fontes podemos separar a história deste museu em três fases. A primeira fase (1973-1987) trata da abertura da instituição até o ano em que fechou para a sua primeira reforma. Nesse primeiro momento, identificamos uma representação de natureza a partir da ótica de um naturalista autodidata. Petrônio Cavalcanti era um comerciante que admirava a natureza e que por meio dessa admiração passou a ter como hobby a taxidermia. Logo, ele era um pessoa física, sem formação no âmbito das ciências naturais, que possui como motivação o desejo de fundar um espaço onde a natureza possa ser estudada, pesquisada, conservada e preservada e suas obras, no casos os animais taxidermizados, pudessem ser admirados e talvez até com um certo retorno financeiro ao fundador do museu.

Sendo assim, reafirmamos essa representação autodidata de natureza nesse momento inicial, onde a natureza é mostrada a partir do recorte e interpretação de natureza que Petrônio Cavalcanti possuía. Posto isto, o significado, sentido e valor de natureza desse primeiro momento estava pautada nessa perspectiva mais subjetiva de natureza, onde Petrônio Cavalcanti tentava buscar uma objetividade

científica por meio de seus conhecimentos prévios de história natural, numa perspectiva de definição e representação de natureza que Daston e Galison (2007) aborda por meio da “avaliação instruída” (*trained judgment*).

Desse modo, apreendemos que a atitude do fundador em rotular esse espaço de “Museu de Ciências Naturais”, mesmo não atendendo aos requisitos mínimos de uma instituição museológica, foi movido pela vontade de conferir ao espaço inaugurado em 1973 uma certa relevância. De fazer a sociedade e o Estado reconhecerem a pertinência de possuir uma instituição museológica voltada à história natural. Pois, “é possível, assim, definir o museu, de maneira ampla e mais objetiva, como uma instituição museal permanente, que preserva as coleções de documentos físicos e produz conhecimento a partir deles” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013. p. 65).

O fato do termo “museu” atribuir o adjetivo “produz conhecimento”, de ser um espaço, muitas vezes, inquestionável, possivelmente levou Petrônio Cavalcanti a lutar pela legitimação perante ao Estado de Pernambuco. Legitimação esta, que levou o fundador a traçar diversas rotas para garantir a existência de sua ambição. Comprovamos isso por meio da associação do MCNPEDI ao IJNPS; no documento “Impressões de Visitantes do Brasil e do Estrangeiro Deixadas no Museu de Ciências Naturais, instalado no Horto de Dois Irmãos – Recife – Pernambuco”; e nas fotografias que tentam registrar como esse espaço é rico e necessário.

Conectando a ambição do fundador em legitimar o MCNPEDI ao Estado de Pernambuco, abordamos a teoria de Bourdieu (2014) e Bennett (1995) para explicar essa relação museu e Estado. O Estado é um campo de regras e interesses sociais que possui diferentes formas de capital. O museu se configura como um capital. Fazendo assim com que este fique à mercê dos valores e crenças do Estado, visando utilizar deste capital para a regulação da conduta de indivíduos e populações. Logo, percebe-se que é fundamental para a permanência de qualquer instituição o apoio do Estado, caso não, esta é suprimida.

Ainda por meio das fontes levantadas na pesquisa, atestamos que o museu obteve temporariamente a legitimação do Estado, que acontece após seu fechamento temporário para reforma (1987-1990). Nesta segunda fase (1991-1999), o museu é comprado pela administração do PEDI, na época, a EMPETUR, e a partir disso a instituição ganhou um novo fôlego. Foram feitos investimentos financeiros em dioramas e na criação de um espaço cultural ecológico. Sobre os dioramas,

segundo Soler (2021), essa forma de representar a natureza, criada por volta do século XIX, possui críticas, pois esta forma de representação fornece ao espectador um funcionamento perfeito da natureza. Fato que não ocorre rotineiramente. Os dioramas excluem acontecimentos que são frequentes na natureza, como doenças e desnutrição.

Além disso, foram realizadas parcerias com instituições em prol de pesquisas científicas, como com a OAP e a UFRPE. Houve um aumento no quadro de colaboradores, devido aos estagiários fornecidos pelo PEDI a partir do convênio com a UFRPE.

Neste segundo momento, o MCNPEDI procura adquirir um caráter mais científico, buscando uma representação da natureza não mais ditada por uma perspectiva de um naturalista autodidata. Expressando assim valores e sentidos de uma natureza mediada pela história natural e a subjetividade de quem compunha sua equipe. Porém, quando essa curta fase de apoio do Estado de Pernambuco começou a se findar, a EMPETUR passou a não dar garantias da preservação ao parque e seus animais. O que também nos leva a acreditar que desde o início da trajetória do MCNPEDI, a EMPETUR apenas enxerga o museu como um espaço atrativo aos turistas por meio da exotividade de seu acervo.

Neste cenário, a administração do PEDI é concedida ao SEMAS-PE, com a promessa de garantir ao parque o cuidado necessário que esse precisava. A partir desse momento, temos o início da última fase (2000-atual), a fase de decadência. A partir dessa mudança presenciaram-se variadas ações da nova administração que dá início ao desmonte do acervo do MCNPEDI diante do extravio de documentação, empréstimos e abandono, como constatado por Arimatéia (2015) e pela atual situação de abandono do pequeno acervo existente da época de Petrônio Cavalcanti.

Baseado em Chartier (1990), a representação de natureza do MCNPEDI era tratada de acordo como os seres humanos envolvidos com a instituição construíam cognitivamente o seu mundo, a sua realidade, assim influenciando na narrativa de natureza ali exposta. No entanto, o teórico afirma que as representações variam de grupo para grupo. Isso implica em disputas, pois cada grupo de alguma maneira vai impor sua representação. No caso do MCNPEDI, é possível notar que o SEMAS-PE discorda da representação até então pautada pelo MCNPEDI. Mesmo com a importância do antigo acervo e todo o trabalho do fundador sendo reconhecido pela

sociedade, onde presenciamos isso nos relatos dos visitantes, mostrando assim que o acervo dialogava com a sociedade.

Portanto, a representação de natureza do antigo acervo do MCNPEDI é substituída pela representação do SEMAS-PE, o que acabou culminando no fim do antigo acervo e de seu legado.

E que provavelmente essa não validação da representação do MCNPEDI foi sucumbida devido a ausência de uma narrativa científica, que fosse suficientemente possível de persuadir o Estado. Soler (2020) deixa claro isso ao afirmar que o museu precisa de uma concepção científica sólida para validar sua existência, e que no caso de museus com a temática história natural, a representação de natureza não pode ser rasa, senão a instituição adquire a roupagem de depósito de objetos sobre a natureza. Tudo isso só comprova como o desmontar do museu na sua primeira fase tratando a natureza a partir da ótica de um naturalista autodidata, marca toda a trajetória da instituição. Pois, mesmo com uma segunda fase mais científica, o museu declinou.

Para validar essa argumentação, abordaremos brevemente a legitimação de uma outra instituição museológica de história natural pelo o Estado de Pernambuco, o Museu Louis Jacques Brunet (MLJB), já citado nesta pesquisa. Como referencial para isso, traremos a tese do museólogo Rômulo Gonzales, intitulada “A musealização de coleções de ensino no século XIX: o caso do Ginásio Pernambucano” (2022).

Nesta tese, o autor investiga o processo de musealização da coleção do museu entre os anos de 1855 e 1863. Em um dos capítulos da tese, o autor certifica que a consolidação da instituição se deu a partir do naturalista de formação Louis Jacques Brunet, tornando assim o museu uma referência em ensino e pesquisa em ciências naturais no século XIX. E quem além disso, a sua criação foi um grande avanço para a institucionalização das ciências no país naquele período. Que em determinados momentos de crises financeiras da instituição, outras importantes instituições vinculadas ao Estado saíam em defesa da existência do MLJB e reconhecimento social, como por exemplo, o Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano (GONZALES, 2022).

E esse reconhecimento ao legado e importância do acervo dessa instituição, por meio do Louis Jacques Brunet, permanece até os dias atuais. E que apesar das dificuldades encontradas na atualidade, ele segue sendo uma das mais antigas

coleções de história natural formadas no século XIX preservadas no país (GONZALES, 2022). Dessa forma, comprova-se que o reconhecimento do Estado e a forma como este valida as representações é extremamente importante para a permanência de uma instituição, o que não foi o caso do MCNPEDI.

Quanto às contribuições que os estudos desta pesquisa proporcionam à sociedade, destacamos a relevância que o acervo dessa instituição possuía e que poderia contribuir para os estudos biológicos e genéticos atuais. Ressaltamos isso a partir da análise do acervo da instituição, por meio das fichas de catalogação localizadas no arquivo da FUNDAJ/MUHNE. Evidenciamos por meio da análise da coleção de aves que existia no museu, a necessidade de salvaguardar e valorizar o patrimônio cultural de ciência e tecnologia brasileiro. Isso por constatarmos na análise que a instituição possuía peças de aves que correm risco de extinção e que poderiam ser muito úteis para o estudo da biologia da conservação.

Além disso, acreditamos que esta pesquisa demonstra a importância para a sociedade em buscar reconstruir o acervo que resta da coleção de Petrônio Cavalcanti (12 peças), e dar continuidade adquirindo/construindo novas peças. Isso por meio de políticas públicas de preservação e conservação de bens patrimoniais por meio do Estado de Pernambuco e apoio do SEMAS-PE, visando retomar a visão do fundador em preservar a natureza, dando ênfase principalmente à fauna local, já que esse é um dos objetivos do novo plano diretor do PEDI atualizado em 2021.

Este novo plano diretor busca reposicionar a missão do equipamento e despertar a sua vocação natural. Este documento é um instrumento de gestão que define diretrizes de funcionamento, como missão, pilares e valores. Ainda sobre este novo plano diretor, é preciso evidenciar o seguinte fato: nem o MCNPEDI, nem o CEA, foram incluídos no plano. O que mostra a não valorização desses importantes equipamentos e que precisam impreterivelmente serem inseridos.

Quanto aos limites de estudo que essa pesquisa possuiu, além do curto tempo que uma pesquisa de mestrado disponibiliza, destacamos a dificuldade de localizar fontes sobre a instituição, devido ao fato de quase tudo relacionado ao MCNPEDI não existir mais. Assim criando muitas lacunas para tratar sobre a trajetória do museu. Ainda assim, os métodos de pesquisa aplicados às fontes consultadas se mostraram eficientes. Esperamos também que essa pesquisa tenha contribuído para tratar da urgência e importância de atenção ao patrimônio científico e tecnológico brasileiro. Incentivamos que outros pesquisadores, de distintas áreas,

realizem trabalhos sobre o museu, já que trabalhos sobre essa importante instituição e seu valioso acervo perdido são escassos. O arquivo da FUNDAJ/MUHNE possui cerca de 1507 fichas (apenas 244 foram analisadas nesta pesquisa), das áreas de mineralogia, zoologia e numismática, que este museu possuiu e que podem basear futuras pesquisas sobre a instituição.

Por fim, esperamos que esse trabalho tenha contribuído para a memória do, do MCNPEDI e do fundador Petrônio Cavalcanti, e sua vontade de reconhecer a importância e atenção devida à natureza.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2005. p.155-202.
- ARIMATEIA, R. M. de M.. **Museu de ciências do Parque Estadual Dois Irmãos: história e trajetória da documentação museológica**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.
- BACELLAR, Carlos. **Uso e mau uso dos arquivos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História – especialidades e abordagens**, Petrópolis: Vozes, 2004.
- BENNETT, T. **The Birth of the Museum: History, Theory, Politics**. London and New York: Routledge, 1995.
- BERGER, John. **Para entender uma fotografia**. São Paulo. Companhia das Letras. 2017.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre o Estado: cursos no collège de France**. São Paulo: Companhia das letras, 2014 (P. 208-222).
- BRULON, Bruno. **A History of Museology: Key authors of museological theory**. Paris: ICOFOM, 2019.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica**. São Paulo. Editora UNESPE, 2017
- CASSIRER, Ernst. **A filosofia do Iluminismo**. 3ed. Tradução Álvaro Cabral. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- CATANI, Afrânio Mendes; NOGUEIRA, Maria Alice; HEY, Ana Paula; MEDEIROS, Cristina Carta Cardoso de. (Organização). **O Vocabulário Bourdieu**. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro/Lisboa: Betrand/Difel, 1990.
- DASTON, Lorraine; GALISON, Peter. **Objectivity**. New York: Zone Books, 2007.
- DE M. FIGUEIRÔA, S. F. Mundialização da ciência e respostas locais: sobre a institucionalização das ciências naturais no Brasil (de fins do século XVIII à transição ao século XX). **Asclépio**, [S. l.], v. 50, n. 2, p. 107–123, 1998. DOI: 10.3989/asclepio.1998.v50.i2.338. Disponível em: <https://asclepio.revistas.csic.es/index.php/asclepio/article/view/338>. Acesso em: 30 set. 2023.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

FÁBIAN M. E.; SILVA, M. C. P.; VEITENHEIMER-MENDES, I. L. Museu de História Natural. In: LOPES, C. G. et al. (Orgs.). **Memória e cultura: perspectivas transdisciplinares**. Canoas: Salles, v. 1, p. 189-209, 2009.

FERREIRA, Hugo; ALVES, Romulo. Legislação e mídia envolvendo a caça de animais silvestres no Brasil: uma perspectiva histórica e socioambiental. **Gaia Scientia**, Paraíba. v. 8, n. 1, p. 1-7, 2014.

GONZALES, Rômulo José Benito de Freitas. **A musealização de coleções de ensino no século XIX: o caso do Museu do Ginásio Pernambucano**. Tese (Doutorado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, 2022.

Impressões de visitantes do Brasil e do estrangeiro deixadas no museu de ciências naturais, instalado no horto de dois irmãos – Recife – pernambuco em 14/11/1973 - criado e organizado por Petrônio Machado Cavalcanti a partir de 1958. **Blog Atrativo Pernambuco**, 2021. Disponível em: <https://atrativope.blogspot.com/search/label/Museu%20de%20Ci%C3%A2ncias%20Naturais%20de%20Pernambuco?m=0>. Acesso em: 18 de Jan. de 2024.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 4ª ed. rev. São Paulo, Ateliê Editorial, 2012.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LIMA, Tania Andrade. Cultura Material: a dimensão concreta das relações sociais. Bol. Mus. Para. **Emílio Goeldi. Cien. Hum.**, Belém, v.6, n.1, p.11-23, jan.-abr. 2011.

LOUREIRO, José Mauro Matheus. Entre "natureza morta" e cultura viva: os museus de história natural. **Revista Brasileira de História da Ciência (Rbhc)**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 159-172, 2007. Disponível em: https://www.sbhrc.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=93. Acesso em: 08 set. 2023.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p.111-153.

MARANDINO, Martha. Museus de Ciências, Coleções e Educação: relações necessárias. **Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 01-12, 2009. Semestral. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/63/68>. Acesso em: 08 out. 2023.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. O **campo do Patrimônio Cultural: uma revisão de premissas**. In: FÓRUM NACIONAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL, 1., 2009, Ouro Preto. Anais.Brasília: IPHAN, 2012. v. 2, t. 1, p. 25-39. Disponível em:

<<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/4%20-%20MENESES.pdf>>.
Acesso: 8 out. 2023.

MENESES, Ulpiano Bezerra. O museu e o problema do conhecimento. **Anais do IV Seminário sobre Museus-Casa**, 2002. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2002.

MUTSCHLER, Hans-Dieter. **Introdução à filosofia da natureza**. Tradução de Enio Paulo Giachini. São Paulo: Loyola, 2008.

NETTO, C. X. A. A importância da cultura material e da Arqueologia na construção da História. **História Unisinos**. 14(1): 62-76.

OLIVEIRA, Ana Amélia Rodrigues de. Culto da saudade na Casa do Brasil: Gustavo Barroso e o Museu Histórico Nacional. Trajetos - **Revista de História da UFC**, Fortaleza, v. 6, n. 11, p. 167-169, jun. 2008. Resenha da obra de: MAGALHÃES, Aline Montenegro. Culto da saudade na Casa do Brasil: Gustavo Barroso e o Museu Histórico Nacional. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará, 2006 (Coleção Outras Histórias, vol. 49).

PÁDUA, José Augusto. **As bases teóricas da história ambiental**. 2010, vol.23, n.68, pp. 81-101.

PASSMORE, John. Atitudes frente à natureza. Tradução: Christine Rufino-Dabat; **Revista de Geografia**. Recife, v. 11, n. 2, jul/dez, p. 91-102. 1995.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAFFAINI, Patrícia. Museu contemporâneo e os gabinetes de curiosidades. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia - Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 159-176, 1993. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmae/issue/view/8295>. Acesso em: 05 out. 2023.

REDE, Marcelo. História e cultura material. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, 133-150.

RAIMUNDO, Silvia. Bandeirantismo e identidade nacional. **Terra Brasilis**, São Paulo, v. 6, n.1, p. 1-19, 2004.

SALKELD, Richard. **Como ler uma fotografia**. São Paulo. Gustavo Gilli. 2014.

SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismênia S. Silveira. **História & documento e metodologia de pesquisa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SANTOS, Paulo César dos. **Um olhar sobre as exposições universais**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 22-26 jun. 2013, Natal (RN). Anais... Natal (RN): ANPUH, 2013. Tema: Conhecimento histórico e diálogo social.

SILVA FILHO, Jorge Luiz Veloso da. **Do teatro ao museu**: a criação do museu do mamulengo - espaço tiridá. 2017. 178 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2017. Disponível em: <http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/handle/tede2/6944>. Acesso em: 10 out. 2023.

SILVA, Sabrina Damasceno. **Curadoria em museus de história natural**: processos disruptivos na comunicação da informação em exposições museológicas de longa duração. 2015. 239 f. Tese (Doutorado) - Curso Ciência da Informação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/786/1/tese%20Sabrina%20Damasceno%20vers%C3%A3o%20aprovada.pdf>. Acesso em: 14 set. 2023.

SOLER, Mariana Galera. **Biodiversidade Musealizada**: Formas que Comunicam. 2020. Tese (Doutorado) - Curso Museologia, Programa de Doutorado em História e Filosofia da Ciência, Universidade de Évora - Instituto de Investigação e Formação Avançada, Évora, 2020. Disponível em: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/27868>. Acesso em: 21 fev. 2024.

SOLER, Mariana Galera. **Musealização da zoologia**: narrativas evolutivas construídas com animais. 2015. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Museologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/D.103.2015.tde-12112015-152426. Acesso em: 23 jun. 2024.

SOLER, Mariana Galera; LANDIM, Maria. O silêncio dos inocentes: o papel dos animais em narrativas expositivas. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Sér. v.25. n.2. p. 269-289.

SOUZA, Marcelo de Lopes. **Ambientes e territórios**: uma introdução à ecologia política. 1ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987. p. 124-131.

WILLIAMS, Raymond. **Keywords**: a vocabulary of culture and society. New York: Oxford University Press, 2007.

WORSTER, D. Para fazer história ambiental. **Estudos Históricos**. v. 4, n. 8, 1988.

ZAHER, H. & YOUNG, P. S. **As coleções zoológicas brasileiras**: panorama e desafios. *Ciência e Cultura*, v.55. N.3. P.24-26. 2003.

DOCUMENTOS NÃO PUBLICADOS:

Ministério da Educação e Cultura. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Social. Museu do Homem do Nordeste. **Confirmação de dados**. Recife, s/pág. 1978.

Ministério da Educação e Cultura. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Social. Museu do Homem do Nordeste. **Correspondência de Petrônio Machado para a diretoria do departamento de museologia do IJNPS**. Recife, s/pág. 1978.

Ministério da Educação e Cultura. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Social. Museu do Homem do Nordeste. **Ficha Cadastrais**. Recife, s/pág. 1977.

Ministério da Educação e Cultura. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Social. Museu do Homem do Nordeste. **Ficha de Inscrição**. Recife, s/pág. 1978.

Ministério da Educação e Cultura. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Social. Museu do Homem do Nordeste. **Questionário: Levantamento e Diagnóstico dos Museus de Pernambuco**. Recife, s/pág. 1980-1984.

Ministério da Educação e Cultura. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Social. Museu do Homem do Nordeste. **Relatórios**. Recife, s/pág. 1978.

Ministério da Educação e Cultura. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Social. Museu do Homem do Nordeste. **Sistema de Informações Museológicas - Cadastramento de Museu**. Recife, s/pág. Sem ano.

APÊNDICES

APÊNDICE - A

Entrevista realizada no dia 29 de junho de 2024, digitada e enviada ao ex-coordenador do museu, Gustavo Pacheco

Gustavo, bom dia! Inicialmente, gostaria mais uma vez de agradecer pela disponibilidade e simpatia. Reafirmo a honra que é poder conversar com o discípulo/aprendiz de uma pessoa tão importante para a ciências naturais em nosso Estado, como foi o genial Petrônio Cavalcanti. Afirmo que um dos intuitos desta pesquisa é transmitir todo o empenho, esforço e comprometimento do Petrônio e do senhor com a ciência. Bem, as perguntas são as seguintes:

1 - O senhor poderia comentar como foi o seu primeiro contato com o Petrônio? Dar mais detalhes sobre sua chegada ao museu? Como era a sua relação com o fundador?

Nas minhas idas e vindas ao Horto, sempre entrava no museu e conseqüentemente, sempre encontrava o enigmático “Seu Petrônio”. Não tínhamos diálogos, ele era automático no mesmo tom de voz em convidar para entrar e depois oferecer o brasão de nobreza das famílias. Um dia, seu Petrônio me fez um convite inusitado. Ele me pediu para voltar no dia seguinte, pois gostaria de mostrar algumas coisas no museu e que iria abrir as vitrines para restaurar algumas peças. Mostrou peça por peça e os problemas que elas tinham. as peças sofriam com o excesso de umidade. Aos poucos, Seu Petrônio mostrava as peças com cuidado e indicando os problemas: Asas caídas devido às oxidações dos arames, penas e pelos se deteriorando por conta da umidade e outros inúmeros e pequenos detalhes. Falava de como poderíamos, baseado em suas experiências, aproveitar peças danificadas ou mal taxidermizadas em incluí-las no cenário dinâmico. Isso aconteceu uma vez em suas primeiras peças. Seu Petrônio aprendeu a empalhar utilizando um livro de taxidermia em espanhol. Com a ajuda da esposa, traduziram os textos e então ele começou a testar na prática. Uma vez ele errou em “empalhar” um macaco-prego, havia espichado demais a pele e a cauda. Esteticamente não ficou bom, mas quando depois preparou um gavião e colocou suas garras na cabeça do primata e o poderoso bico puxando a cauda, tudo se encaixou. Vez ou outra a umidade fazia cair

um dente da arcada dentária de algum pequeno mamífero, o que era substituído por uma unha de galinha.

2 - Segundo documentos, o museu foi inaugurado no ano de 1973, em parceria com a instituição EMPETUR. Essa parceria me deixa bastante curioso Gustavo, pelo motivo de que nessa década a Ciência Biológica já predominava sob as ciências naturais. Mas, Petronio juntamente a EMPETUR, seguiu o caminho contrário. Assim, devido a ausência de documentos, gostaria de saber se o Sr Petrônio alguma vez comentou contigo como ocorreu as negociações para o convênio com a EMPETUR?

Sim. Ele disse que procurou a Empetur e apresentou a sua proposta de criar um museu num antigo prédio localizado no Horto de Dois Irmãos. Justificou que o museu de animais empalhados seria mais uma atração e esse argumento foi bem aceito. Um dos grandes admiradores do trabalho dele foi o ex-secretário de turismo, cultura e esportes, escritor e jornalista Francisco Austerliano Bandeira de Mello. Seu Petrônio lhe enviava relatórios mensais de visitação do museu que o deixava muito satisfeito e que também, sempre que tinha oportunidade, visitava o amigo para educadas e construtivas conversas.

A empresa concedeu o espaço e autorizou que ele cobrasse um ingresso, desde que fosse abaixo do preço de entrada do parque. Na prática, Petrônio aceitava qualquer valor que o visitante quisesse depositar na caixinha. Depois que ele implantou os brasões de nobreza de família ele aboliu a “cobrança”. Após a primeira reforma no início dos anos 90, como uma forma de estimular as visitas es do museu, foi impresso no bilhete de entrada um destaque que daria direito a entrar no museu. Pouco tempo depois, a visita o tornou-se livre.

3 - O museu possuía outros funcionários?

Ele me dizia que os pequenos serviços de pintura, elétrica ou limpeza eram executados pelo pessoal que trabalhava no próprio zoológico, para isso, ele sempre destinava uma gratifica o satisfatória que agradava a eles que se mostravam sempre bastante solícitos. Estava claro pra mim que Seu Petrônio não gostava que nenhum serviço, por mais simples que fosse, não tivesse uma pequena recompensa financeira. Os s l rios naquele logradouro não eram relevantes e compatíveis com a

nobreza das atividades. Foi então que os brasões de nobreza das famílias se tornaram a principal atividade e que poderia fornecer alguma renda, que não só justificaria o projeto pessoal de Petrônio Cavalcanti, como também fazer frente às despesas do museu.

4 - Quando o senhor passou efetivamente a integrar o museu como funcionário?

Um dia nós fomos para frente do museu, era um dia de semana no mês de abril de 1984. Havia pouco movimento de visitantes. Seu Petrônio, que aqui tardiamente, passo a chamar apenas de Petrônio, como ele desejava, revelou que precisava fazer uma cirurgia de hérnia no abdômen. Este delicado problema de saúde não poderia ser mais adiado pelo médico e ele não gostaria de deixar o museu em sua ausência sob a responsabilidade de alguém que ele não conhecia. Disse que não tinha recursos para me garantir um salário justo, mas que pagaria um valor por semana e ajudaria nos custos com as passagens de ônibus e almoço. Eu respondi que não estava pronto para receber salário de algo que ainda precisava aprender e que a ajuda de custo seria bem-vinda. E foi assim que naquele mesmo dia, comecei a “por a mão na massa” como ele dizia e começamos a organizar o museu que deveria está pronto, junto comigo, em exatamente 1 ano.

5 - Como se deu essa organização? Como era o acervo? Poderia dar mais detalhes desse primeiro contato?

Começamos o trabalho de restauração e melhoramento do acervo em exposição por etapas. Era prioridade iniciarmos com os animais “empalhados” que eram ali representados pelos vertebrados e suas respectivas seções: peixes, répteis, aves e mamíferos. Com a logística de trabalho definida, iniciamos com as aves, os vertebrados que mais sofriam com a umidade no museu. Depois teríamos que seguir pelos artrópodes e seus quadros. Por último, avaliariamos as peças avulsas e uma “faxina geral” do que de fato poderia ser guardado, quase tudo no museu era aproveitado.

Não havia área de depósito no museu, não tinha um local específico para guardar materiais. O depósito era 98% do próprio acervo em exposição e dentro do quartinho ficava apenas o que de fato ainda não poderia ser exposto. Lá também se guardava

ferramentas de marcenaria, alguns químicos como álcool e formol, seringas descartáveis e jornais velhos. Petrônio lamentava aquela situação, já havia algumas vezes conversado em melhorar aquele ambiente, conseguir uma ampliação lateral do prédio para novas instalações, inclusive um solário, mas a resposta da administração do zoológico é que não havia dinheiro. Ainda tinha o maior de todos os problemas, na verdade um martírio que vivenciaria na prática, as goteiras.

A promessa de conseguir algum apoio da administração do zoológico estava concentrada em reformar o telhado, mas o máximo que se conseguia era pequenos e improdutivos reparos. As chuvas que caíam no Horto de Dois Irmãos eram intensas e não raros os relâmpagos e o som dos trovões faziam as vitrines vibrarem. Fomos aos poucos avançando com as aves e os demais vertebrados. Improvisamos novas situações cobrindo falhas impossíveis de serem restauradas como penas, pernas, pelos e asas danificadas usando folhas e galhos artificiais. Raras vezes, deixamos a culpa da umidade recair sobre a “fome ou agressividade de algum predador empalhado”. Sempre usando muito arame, olhos artificiais e às vezes contrariando um pouco o bom senso, usando um pouco de tinta óleo diluída para “reacender” uma cor que o tempo apagou, o museu sempre tinha o que fazer. Para manter as peças as mais protegidas possíveis do mofo, queimávamos formol três dias na semana.

Havia meia dúzia de pequenos fogareiros de latão que uma vez acesas com álcool, colocávamos uma latinha em cima com aproximadamente 50 ml de formol. Aquele vapor iria impregnar nas peles e naquele ambiente fechado, afastando também insetos intrusos. Petrônio revelou que essa técnica foi lhe repassada por um visitante que trabalhava num museu similar no Chile e que estava de passagem conhecendo o Brasil. A grande maioria dos animais expostos no museu foram caçados por Petrônio no Engenho Sacramento, localizado no município de Água Preta, Zona da Mata Sul de Pernambuco, a 102 km do Recife. O engenho era originado de sesmaria, pertencente à família Azevedo e Silva. Eram ancestrais de Petrônio Cavalcanti. Uma das peças do museu, na seção dos mamíferos, chamava a atenção. Tratava-se exatamente de um macaco guariba (*Alouatta caraya*), muito bem taxidermizado e fixado na bifurcação de um galho grosso. Seu Petrônio afirmou que não foi caçado por ele no engenho e sim uma permuta com um museu no centro oeste do Brasil. Existiam outras peças, aves em sua grande maioria derivadas de

permutas. As placas de identificação indicavam o estado de origem das peças. As que eram de Pernambuco, a grande maioria, foram taxidermizadas por Petrônio.

6 - *Essas permutas que aconteciam com peças do acervo, como funcionavam?*

As permutas ocorreram anteriormente à minha chegada ao museu. Baseava-se pelo interesse em determinadas peças e havia a permuta. Petrônio, na época em que se poderia caçar e, após aprender taxidermia, reuniu um boa coleção de espécies nativas que ocorrem na mata meridional de Pernambuco e tinha algumas duplicatas. O museu funcionava dentro de um zoológico e ocasionalmente quando algum animal de pequeno porte morria ele “empalhava” e adicionava ao acervo. Na maioria das vezes as novas peças chegavam por doações.

7 - *Posteriormente a essa primeira restauração das peças e afastamento do fundador, quais acontecimentos se sucederam?*

Numa segunda-feira do dia 1 de abril de 1985, eu assinava meu contrato e tornava-me funcionário lotado na Diretoria de Parques e Hotéis, no setor do Horto Zobotânico de Dois Irmãos, especificamente no Museu de Ciências Naturais, recentemente adquirido e tendo seu acervo adicionado ao seu patrimônio. No outro dia encontrei Petrônio sorridente no museu. Havia me dito que havia negociado o museu por um preço considerado irrisório pelo valor que possuía. - Fiz um preço quase simbólico – disse ele – seria o preço daquele mandril empalhado. Petrônio revelou-me que a condição especial do preço era que o museu permanecesse onde está, que ele pudesse ter sempre livre acesso ao zoológico e continuasse colaborando e vendendo seus brasões. Mas a maior barganha foi que “o rapaz que eu preparei e ensinei tudo o que sabia sobre o museu fosse meu substituto”.

Anos depois o museu juntamente com o Parque precisou fechar por motivos de reforma. Pedi transferência para a sede da empresa. Petrônio continuou dando apoio ao museu e eu sempre que podia aparecia por lá para ver como estavam as coisas. Fiquei trabalhando no setor pessoal. Em 1991, atendendo um pedido do Secretário de Turismo, retornei ao zoológico para reorganizar o acervo do museu que se encontrava acumulado numa sala do prédio da administração. No lugar do antigo prédio, havia uma estrutura nova e imponente, apesar de que tecnicamente ainda não atendia todas as necessidades do museu, mas pelo menos as goteiras

não mais existiam. Houve algumas infiltrações no teto, mas que vez ou outra eram sanadas.

Com a ajuda de alguns preciosos amigos e colaboradores estudantes da UFRPE, conseguimos refazer a catalogação das peças no menor tempo possível. Ao concluirmos, uma nova reinauguração foi anunciada e mais uma vez Petrônio foi reconhecido e homenageado. Havia representantes do governo, da imprensa, familiares e amigos. Uma nova placa foi instalada anunciando a nova fase do museu. O Museu já participava e colaborava com a administração do zoológico. Muitos dos nossos amigos do museu, em sua maioria estudantes e profissionais na área de biologia, veterinária e zootecnia foram contratados para iniciar trabalhos e projetos inéditos com resultados extraordinários, como por exemplo, a melhoria e reprodução em cativeiro de muitas espécies de animais.

Os trabalhos de pesquisa do museu estavam gerando frutos, havia coleta, participação de outras instituições, coparticipação em publicações e apresentações em seminários e congressos. Surgiram iniciativas como a criação de um estatuto dos Amigos do Horto e depois uma ousada campanha em off de uma fundação que reunisse os museus de ciências em Pernambuco em uma só plataforma administrativa, respeitando seus espaços e localizações físicas tradicionais. Era a única solução que se apresentava naqueles finais dos anos 90. Os problemas dos museus de ciências seriam equacionados mediante uma união saudável e com o importante apoio e orientação dos órgãos oficiais dos governos.

8 - O museu sempre contou com um quantitativo de funcionários bem resumidos. Pode-se afirmar que basicamente era você e o Sr Petrônio. Antes do convênio com a UFRPE, vocês dois foram os únicos restauradores do museu?

Até março de 1985, Petrônio era proprietário do acervo do museu e me tinha como ajudante e aprendiz. Em abril, só existia Gustavo como funcionário e responsável pelo museu. Posteriormente, tive apoio de dois colegas de trabalho que tinham interesse apenas de serem escalados nos fins de semana (horas extras). A limpeza e manutenções físicas, do salão e dependências eram feitas por funcionários do parque. Esses colegas de trabalho não tinham acesso e manuseio do acervo, registros, pesquisas e atendimentos. O senhor Petrônio era um membro benemérito do museu, de livre acesso e atividade, uma presença ilustre e a para mim, a

principal atração. Sempre que possível ajudava nas restaurações e no atendimento ao público. O museu não tinha um convênio com a UFRPE, não era uma entidade jurídica e nem mesmo fazia ou fez parte do organograma da empresa, mas foi celebrado um convênio junto a Empetur para facilitar o acesso de estagiários estudantes de veterinária, biologia e zootecnia. Trouxe muitos benefícios para o zoológico. Essa realização foi uma das ações positivas de um gestor que era solidário com as sugestões de um pequeno grupo de pessoas que viriam depois a formar a base fundadora dos Amigos do Horto.

9 - Você poderia falar mais um pouco sobre o projeto “amigos do horto” e se ele conseguiu surtir algum efeito na salvaguarda dos acervos dessa tipologia de museus no estado?

Havia um grupo de pessoas que se interessavam muito que o zoológico pudesse de fato assumir o papel que foi criado: Preservação, reprodução e pesquisa. O local servia apenas para atender as inúmeras expectativas do visitante e render uma boa bilheteria, e no caso dos animais eram apenas objetos de curiosidade. Após a primeira reforma, um novo paradigma foi implantado e decisões difíceis foram tomadas, como por exemplo: A proibição de bares, restaurantes e vendedores ambulantes. Mas havia uma fragilidade das gestões que muitas vezes estavam condicionadas apenas em administrar o parque na questão funcional (Manutenção, compra de alimentos e medicamentos para os animais). As questões que precisavam avançar, mesmo as funcionais, necessitavam de uma compreensão e reforço que envolvessem profissionais específicos. Foi então que esse pequeno grupo de pessoas, que com o tempo tinha novos colaboradores, do qual eu também participava e usava o museu como ponto de encontro. A nossa pauta era focar os pontos problemáticos, deficiências e as soluções mais viáveis para resolvê-las. Foi pensado em criar uma ONG que pudesse ser uma facilitadora de captar recursos financeiros e parcerias técnicas entre o público (zoológico) e outras instituições privadas e não governamentais.

Foi criado então um estatuto para a Sociedade Amigos do Horto. Essa ONG não conseguiu seguir adiante como personalidade jurídica, não obstante, a sua colaboração foi decisiva no apoio da mudança de mentalidade, ações e logísticas que culminaram com a mudança de gestão do Horto, uma das mais importantes e

coroaram os esforços foi a mudança de gestão, que antes era administrado pela Empetur e passou para a Secretaria de Meio Ambiente. Após esse ocorrido e outras circunstâncias, esse grupo de pessoas não mais se reuniram. Quanto à salvaguarda de museus, essa iniciativa foi inspirada com uma visita nos meados dos anos 90 de um representante do Museu Nacional da Geórgia. Ele visitou o museu, o zoológico e fez uma palestra na UFRPE.

Ele informou que as principais dificuldades dos museus no mundo são muito parecidas e que na Geórgia não era diferente. Foi então que criaram uma única instituição que acolheu importantes museus e que foi fundamental no desenvolvimento deles em vários aspectos. Apesar das muitas dificuldades e obstáculos que se poderia encontrar em implantar algo semelhante em nossa região, a proposta do “Museu de História Natural de Pernambuco” foi recebida com satisfação, mas a ideia perdeu “fôlego”. Era necessário uma aceitação, assessoria e iniciativa pública, com envolvimento de outras instituições para esse projeto seguir adiante.

10 - Como se deu a troca de administração do parque? Como isso afetou no museu e na sua coordenação?

Já se questionava a permanência do zoológico sob a administração da Empetur, não pelo fato da atenção dada pelo órgão oficial de turismo, mas pelas razões de identidade com o que se propõem. A Secretaria de Meio Ambiente e seus órgãos diretos seriam uma melhor opção para administrar o futuro parque e seus recursos. E no meio de todas essas efervescências, surgiu a notícia de que Petrônio havia sido atropelado por um ônibus na Rua do Sol, em frente aos correios no centro do Recife. Ele foi atravessar a rua para apanhar o transporte para vir ao museu. Sofreu alguma fratura e escoriações, mas depois do acidente, suas vindas para o museu deixou, com razão, seus familiares preocupados. A sua ausência foi muito sentida principalmente quando eu soube por um conhecido que tinha ouvido falar que ele foi morar no Rio de Janeiro. Não tinha mais o contato de sua família e no início dos anos 2000, soube que ele havia falecido.

No final do ano de 1998, já sabia, extra oficialmente, que o zoológico seria administrado pela Secretaria de Meio Ambiente. A Empetur não mais seria responsável e os funcionários seriam remanejados para a sede da empresa.

Apresentei um relatório para o Diretor-Presidente da época que fez questão de conversar pessoalmente comigo. Em seu gabinete, elogiou o trabalho do museu, que ele conhecia e já visitou algumas vezes e confirmou que o zoológico mudaria de secretaria. Fui até onde foi possível e deixei o museu em excelentes condições. As peças do acervo bem conservadas e com manutenção em dia, a documentação completa, detalhada e atualizada, além da adição de novos setores: O georama, um conjunto formado por uma pintura na parede representando a praia, manguezal e floresta; e o Espaço Ecológico e Cultural, destinado à exposição de Ongs, artistas e assuntos diversos ligados à natureza.

11 - O senhor chegou a visitar o museu posteriormente? Se sim, qual a sua percepção sobre? Houve mudanças?

Em outro momento, acredito que alguns meses depois, fui convidado para uma reunião no zoológico com a nova gestão. Nesse curto encontro haviam pessoas muito conhecidas e que já estavam dando um novo perfil ao parque. Eles elogiaram o trabalho do museu e informaram que o mesmo passaria a ser uma ferramenta didática para um centro de educação ambiental que se estava implantando em seu lugar. Lembro que eu ainda questionei que o trabalho de educação ambiental é muito relevante e que poderia ser uma das muitas atividades que estariam sobre a plataforma do museu instituição e que necessariamente não havia necessidade de extinguir aquele trabalho, tornando-o um salão de curiosidades empalhadas.

Achei muito interessante o fato da minha presença ter sido requisitada apenas para, de uma forma muito discreta e tranquila, dizer que o museu como Petrônio, eu e o público conhecia não seria mais o mesmo. Ocasionalmente anos depois, visitei o zoológico com um amigo que também trabalhou comigo na época. Havia uma sombra imaginária de vestígios que um dia foi o Museu de Ciências Naturais de Pernambuco e uma confirmação de uma frase que eu havia lido naqueles dias que dizia: “Não há nada que o tempo não corroa ou destrua”. Sair daquele espaço pensando qual seria o dia em que voltaria novamente ali.

Ironicamente, o museu se tornou de fato aquilo que ele mais se esforçava em preservar que era um passado e com um agravante que lhe concebeu um status nada feliz de uma obra extinta, que foi imaginada, executada, concluída e não perpetuada como deveria ser. “Teve seu tempo!”, diria alguns. A obra não

atravessou a fronteira das limitações intelectuais dos que teriam o poder de favorecê-la e do que outros muito tentaram. Poderia uma pequena chama iluminar toda uma cidade? Cada peça taxidermizada que fazia parte do seu acervo foi morta duas vezes, pois tudo leva a crer que um legado a nível genético teve um destino incerto em sua ascensão ao desmonte, fragmentação e paradeiro desconhecido.

12 Por fim, é destacado em um recorte de jornal de seu acervo pessoal sobre uma parceria e produção de material com a OAP. Todo o material referente às catalogações sobre a avifauna e todos os documentos gerados do período, ficaram todos na instalação do museu? A OAP possui esses documentos atualmente?

A OAP no período da segunda reforma do museu colaborou na atualização científica das aves taxidermizadas e posteriormente iniciou um levantamento de avifauna na Mata de Dois Irmãos. Uma das coisas que eu mais sentia orgulho era o esmero que tínhamos com o registro do acervo, Tudo era datilografado por Petrônio e posteriormente por mim. Deixei todos os registros e diversos documentos impecavelmente organizados no escritório do museu antes de ir definitivamente para a sede da Empetur. A OAP ainda tem o registro da avifauna da Mata de Dois Irmãos, inclusive foi artigo publicado.

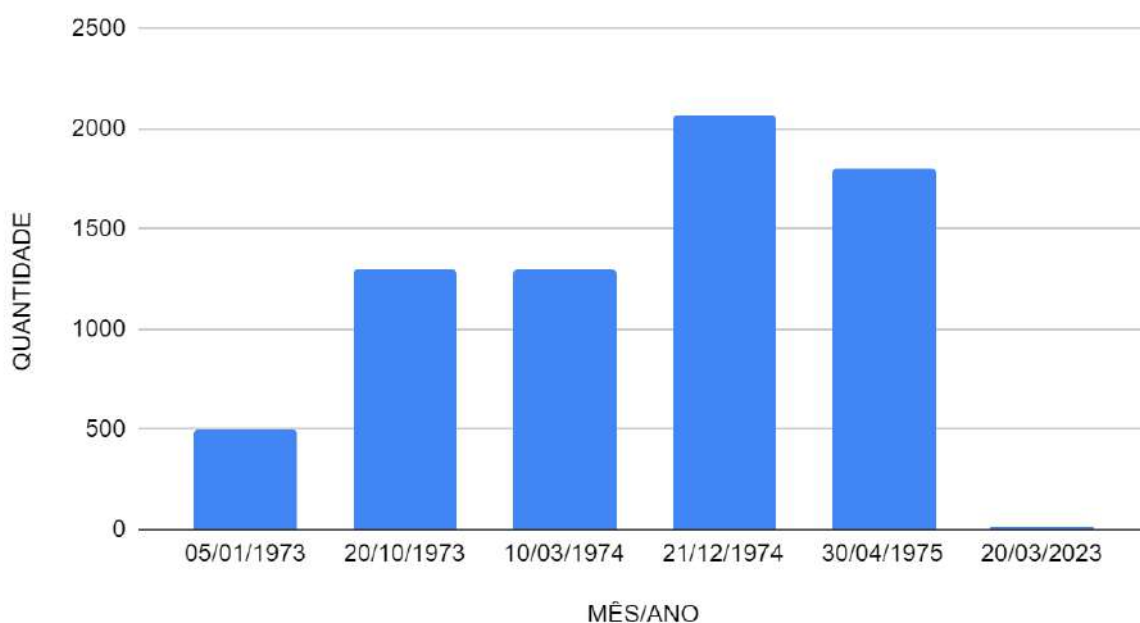
Muito obrigado pelas respostas e atenção, Gustavo.

Abraço!

APÊNDICE - B

Gráfico com a quantidade de peças do MCNPEDI ao longo dos anos

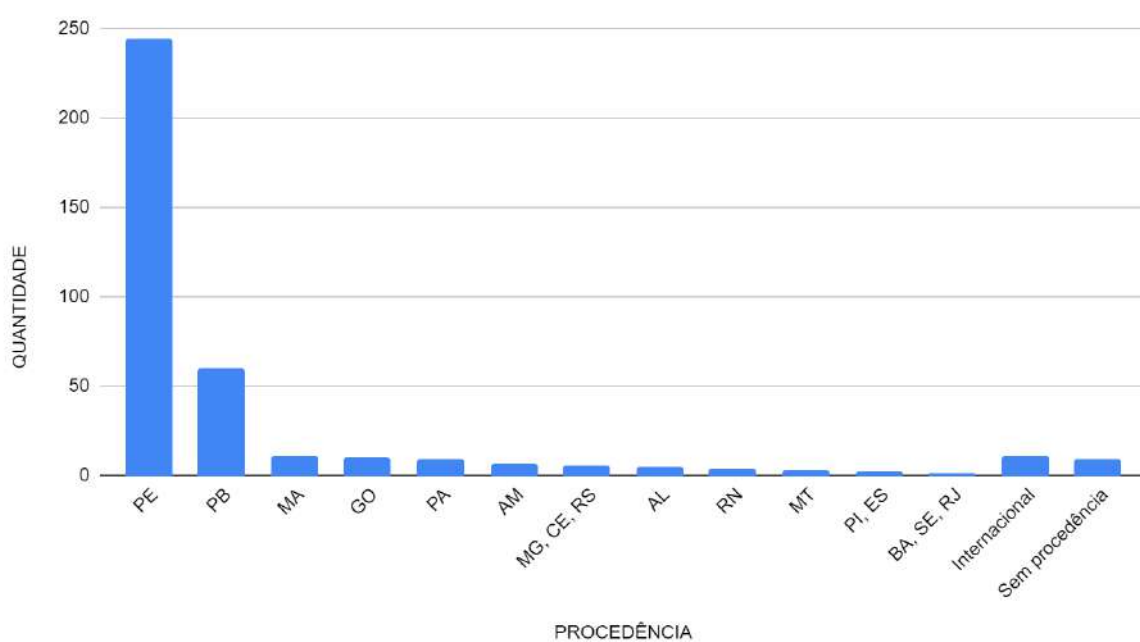
Quantitativo de peças ao longo dos anos



APÊNDICE - C

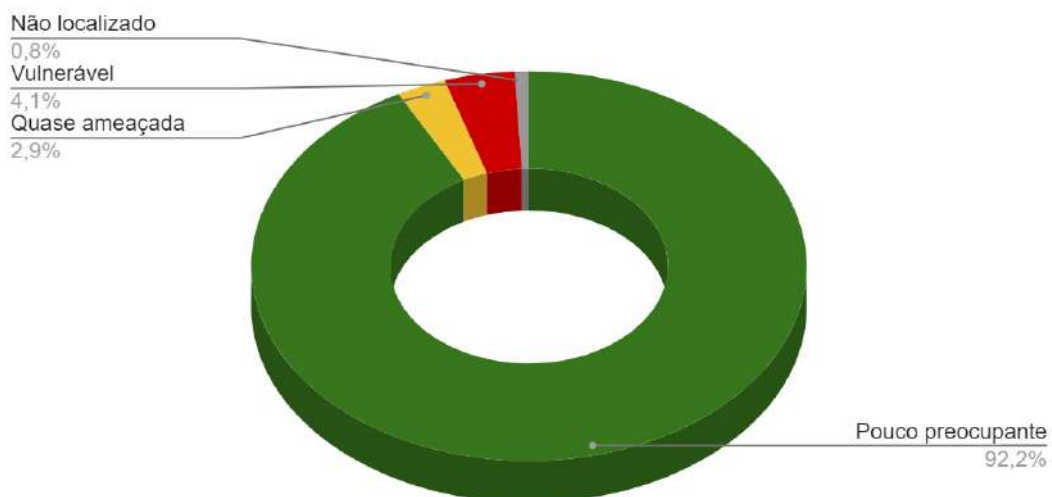
Gráfico com a quantidade por procedência das peças do grupo aves

Quantidade por Procedência - Grupo Aves / MCNPEDI



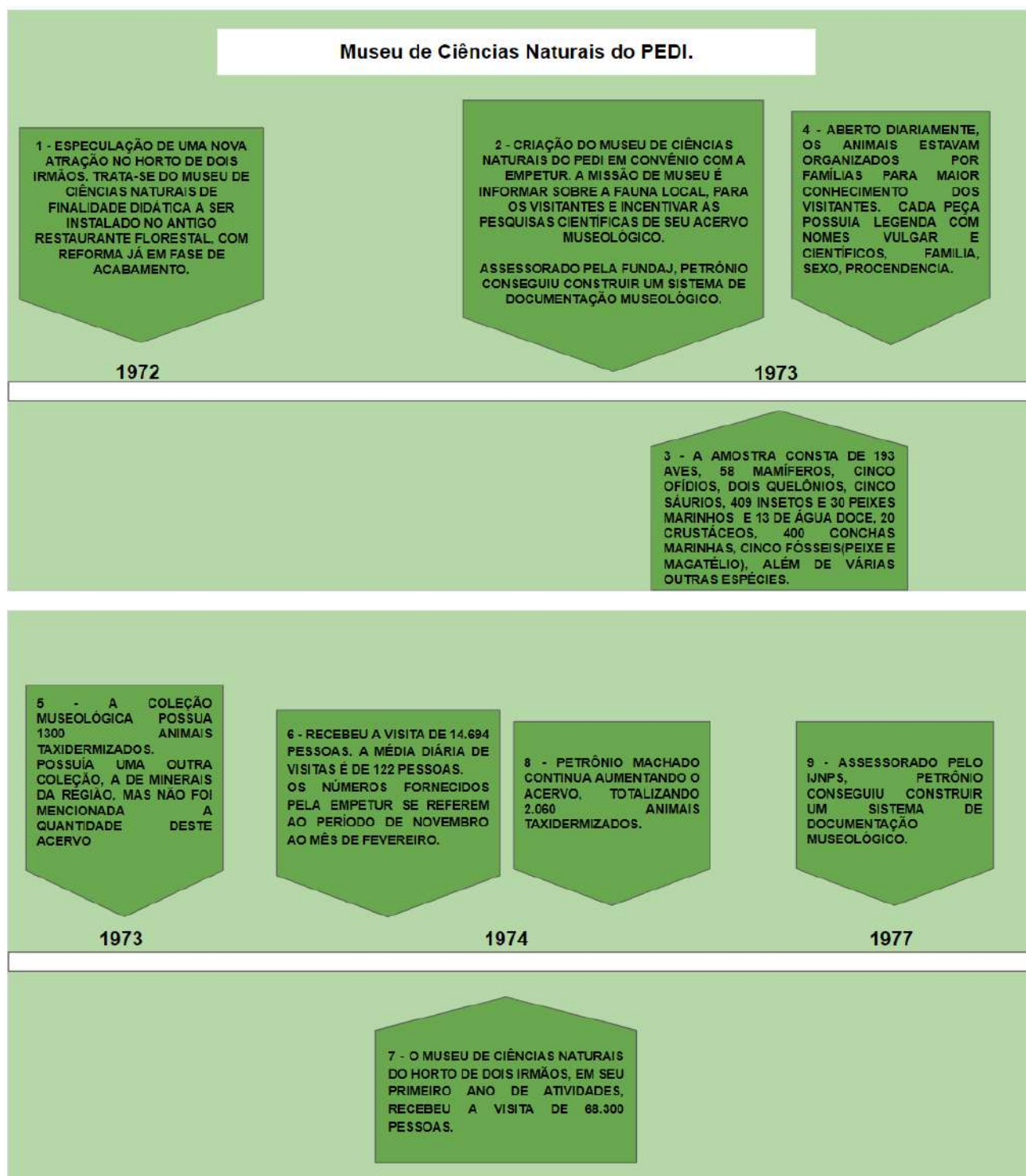
APÊNDICE - D**Gráfico com o estado de conservação do grupo aves (PE)**

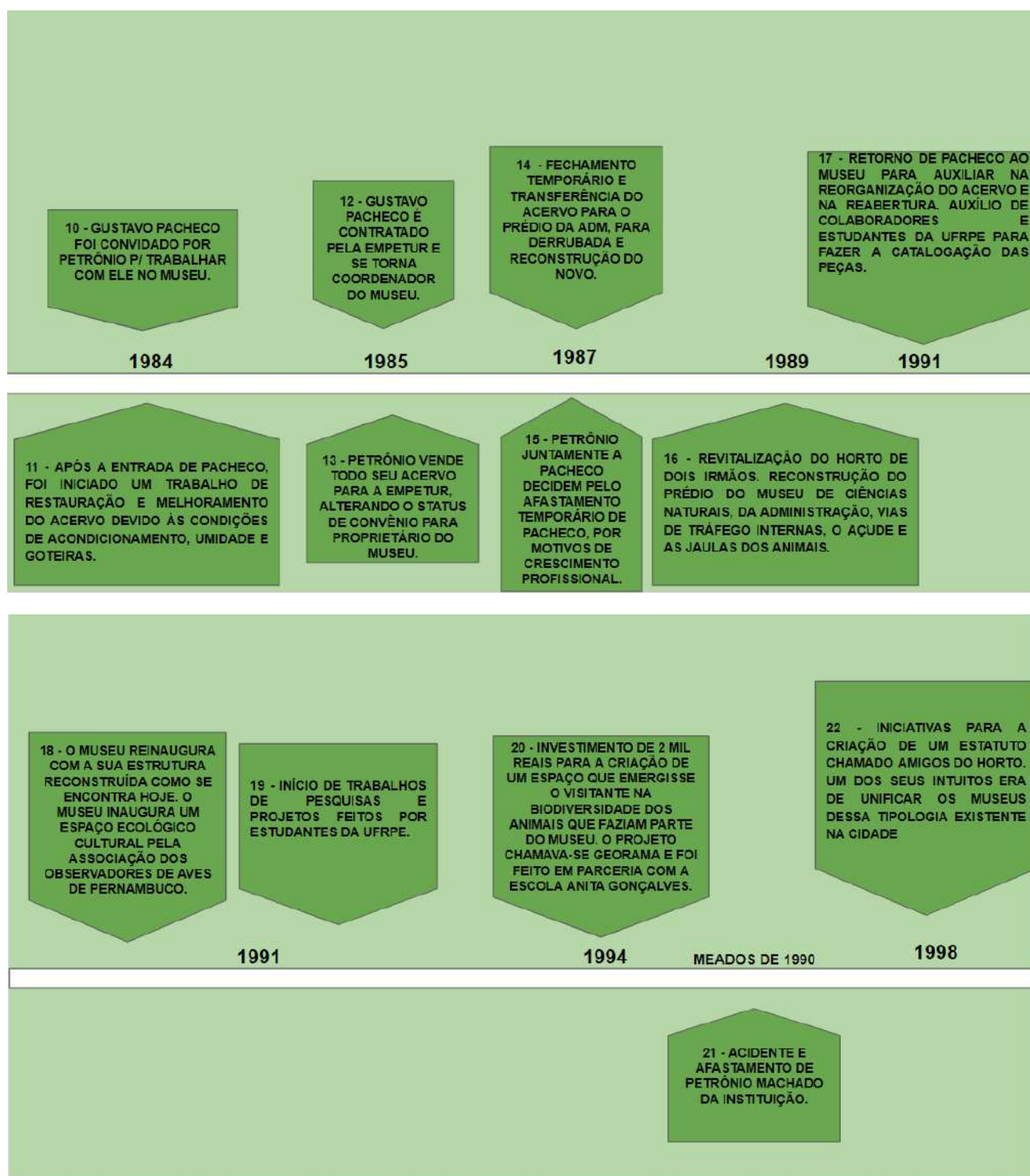
Estado de Conservação - Grupo aves (PE) / MCNPEDI

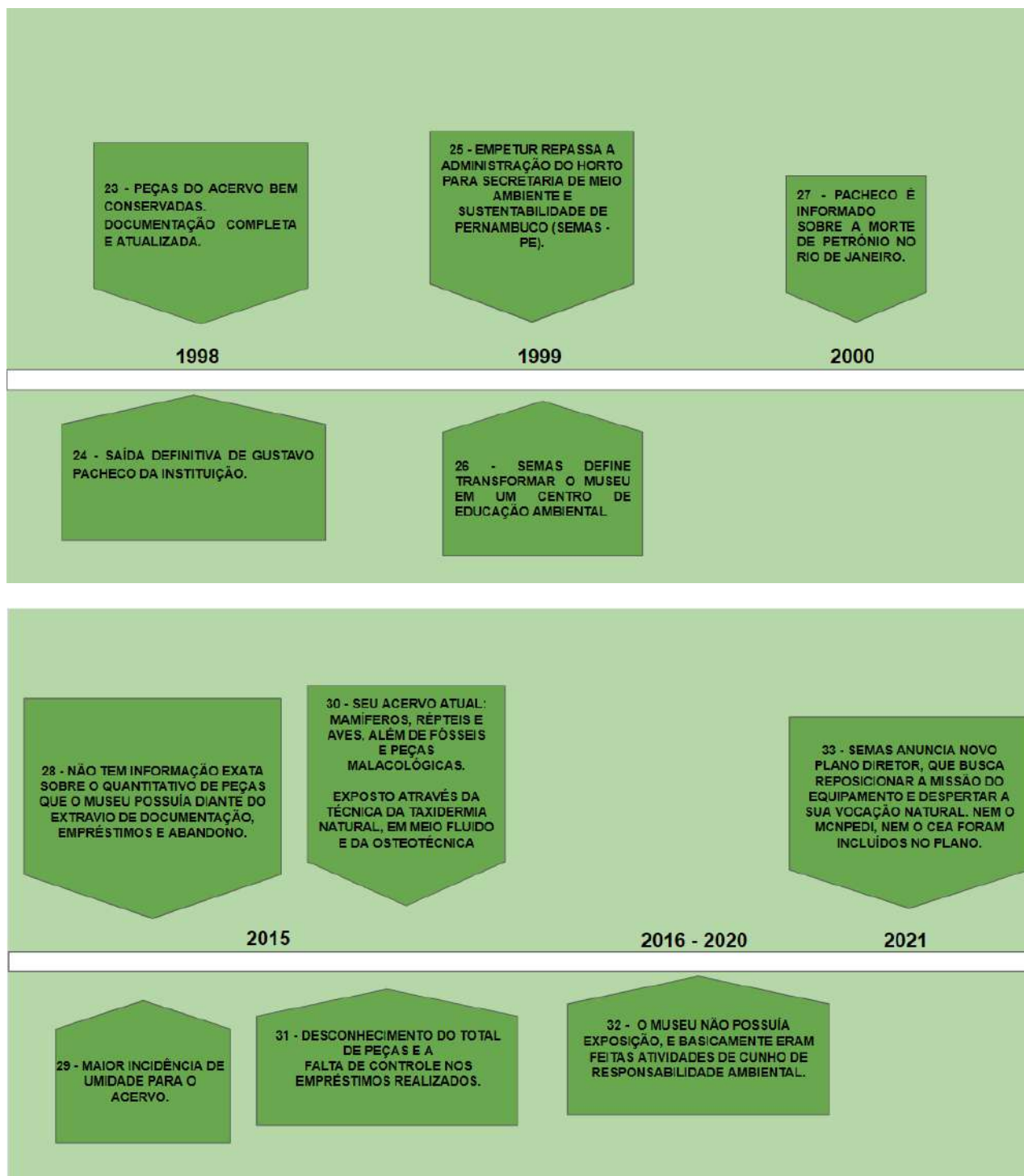


APÊNDICE - E

Linha do tempo do MCNPEDI







34 - DA COLEÇÃO DE PETRÔNIO CAVALCANTI RESTAM APENAS 12 PEÇAS QUE SE ENCONTRAM EM ALTO ESTÁGIOS DE DETERIORAÇÃO EM UM DEPÓSITO DO PEDI.

35 - EM OUTUBRO UMA EXPOSIÇÃO PERMANENTE CHAMADA "OS SENTIDOS DA NATUREZA", É INAUGURADA. SEU INTUITO É DE GERAR CONHECIMENTO AOS VISITANTES SOBRE A MATA ATLÂNTICA. A EXPOSIÇÃO CONVIDA O VISITANTE A CONHECER MAIS SOBRE A MATA ATLÂNTICA POR MEIO DO SENSORIAL. O ACERVO DA EXPOSIÇÃO É COMPOSTO DE ÁRVORES, PLANTAS E FUNGOS QUE COMPÕEM ESTE CENÁRIO, PODENDO O VISITANTE INTERAGIR COM AS PEÇAS.

2023

35 - AS PEÇAS QUE AINDA RESTAM SÃO: 3 CORUJAS, 1 PATO, 1 TAMANDUÁ, 1 GATO DO MATO, 1 CRÂNIO DE UM PRIMATA, 1 CABEÇA DE PEIXE, 2 JUPARÁS, 1 IRARA E 1 CANÍDEO.

ANEXOS
ANEXO - A
Confirmação de Dados - Cadastro dos Museus do Brasil 01

MEC/DAC

Ref.^a Cadastro dos Museus do Brasil
 Coordenação Nacional de Museus

CONFIRMAÇÃO DE DADOS

1. Museu de Ciências Naturais
 Endereço Horto de Dois Irmãos - Dois Irmãos
 Estado Pernambuco Cidade Recife

2. DADOS

2.1 Categoria Administrativa: Federal ☐ Estadual ☐
 Municipal ☐ Diocesano ☐
 Particular ☒ Outra vinculação ☐

2.1.1 Entidade a que está subordinada: EMPETUR

2.2 Ato de criação -

2.3 Quadro de Pessoal

2.3.1 Diretoria 1 (um)

2.3.2 Pessoal Administrativo -

2.3.3 Pessoal Técnico -

2.3.4 Pessoal de Apoio 1 (um)

2.4 Recursos financeiros para administração do Museu

2.4.1 Pessoal -

2.4.2 Material -

2.4.3 Atividade -

2.5 Finalidades Divulgar a cultura através das
Ciências Naturais

2.6 Atribuições atendimentos ao público em geral

2.7 Genero do Acervo Ciências Naturais e Numismática

2.7.1 Genero das principais coleções mamíferos, aves, peixe
insetos etc.

ANEXO - B

Confirmação de Dados - Cadastro dos Museus do Brasil 02

2.8 Localização Parque Zoo - Botânico

2.8.1 Referência de localização em relação ao núcleo urbano distante do centro-proximo a U.F.R.PE

2.9 Atividades permanentes Exposição do acervo

2.9.1 Clientela público em geral

2.10 Atividades eventuais

2.10.1 Clientela Estudantes, Pesquisadores, Turistas
Professores e Populares

2.11 Apoio para atendimento ao público:

2.11.1 Guias Sim () Não (X)

2.11.2 Roteiro de visita Sim () Não (X)

2.12 Modalidade de ingresso - gratuito () Pago (X)

2.13 Programa e cronograma de Atividades para 1978/1979 (anexar)

2.14 Outros dados: O Acervo encontra-se em permanente
Exposição

ANEXO - C

Ficha de Inscrição no Sistema Nacional de Museus

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS CULTURAIS
COORDENAÇÃO NACIONAL DE MUSEUS (SISTEMA NACIONAL DE MUSEUS)

FICHA DE INSCRIÇÃO

REG. nº _____

1. Entidade MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS

2. Endereço Horto de Dois Irmãos - s/nº - Dois Irmãos
CEP 50.000 Tel.: 268-1354
Estado Pernambuco Cidade Recife Município Recife

3. Categoria Administrativa:

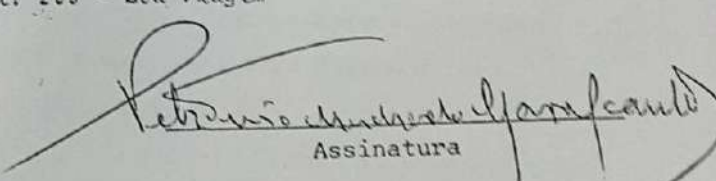
Federal	()	Estadual	()
Municipal	()	Diocesano	()
Particular	(X)	Outra vinculação	()
Subordinado	()		

4. Autônomo ()

5. Órgão de subordinação Empresa de Turismo de Pernambuco - EMPETUR

6. Gênero Científico

7. Nome do Diretor ou Responsável Petrônio Machado Cavalcanti
Endereço: Av. Cons. Aguiar, 3.600-Edif. Sta. Tereza - Aptº 208 - Boa Viagem Tel.: 326-0922


Assinatura

Data: / / 1978

ANEXO - D
Ficha cadastral, 1977.

MEC - DAC - FUNARTE
 TJNPS - DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA
 CENTRO DE PROCESSAMENTO DE DADOS
 BOLETIM MUS-1 / FICHA CADASTRAL
 DADOS BÁSICOS

10 **1** número de ordem
 01 2151/101/100002

10 **1** Est. Inst. Número de Registro
 11 PC 1301016 16 211-102-171

10 **2** ASSUNTO
 28 200061A
 58

10 **2** MATERIA - PRIMA
 11 ORIGAMICA
 41
 71

10 **3** TECNICA
 11 FURACANADO
 41

MEDIDAS
 altura largura comprimento diametro espessura
 71 76 116 81 186 91

Und. 1- METRO 3- CENTÍMETRO
 96 4 2- DECÍMETRO 4- MILÍMETRO

10 **4** TEMA
 11
 41

Aqs. 1- COMPRA 3- DOAÇÃO CON 11-BOM 3- RUIM
 71 2- TROCA 72 1 12-REGULAR

10 **5** ORIGEM
 11 PC
 41

AUTOR
 51 VICTOROMIO M. CAVALCANTI PE
 81

10 **6** PROCEDENCIA
 11 VICTOROMIO M. CAVALCANTI PE
 41

GRUPO CULTURAL
 51
 81

10 **7** MARCA
 11

TITULO
 41 FRIBUS ODORA, MARIPOCA
 71

OBS: _____

COORDENADOR _____ RESPONSÁVEL *P. H. L.* DATA 10/10/77

ANEXO - E

Lista das aves provenientes do Estado de Pernambuco do acervo do MCNPEDI, com o número de ordem, número de registro, origem e título das peças.

NÚMERO DE ORDEM	NÚMERO DE REGISTRO	ORIGEM	TÍTULO
770923021	L2G18.37	PE	<i>CHIROXIPHIA CAUDATA</i> , TANGARA DANCARINO, FEMEA
770927020	L2G18.2	PE	<i>FORMICIVORA GRISEA</i> , CORRUIRA ACU
770927022	L2G18.3	PE	<i>TRGLODITYDES AEDON</i> , ROUXINOL OU CAMBAXIRRA
770927023	LZG18.4	PE	TANGARA CAYANA FLAVA SAI AMARELO ⁵³
770927025	L2G18.6	PE	<i>TRAUPIS SAYACA SAYACA</i> , SANHACO AZUL ⁵⁴
770928002	L2G18.18	PE	<i>FORMICIVORA RUFA</i> , PAPA TAIUCA, FEMEA
770928003	L2G18.19	PE	<i>THAMNOPHILUS DOLIATUS</i> , CHOCA OU CHORÃO
770928011	L2G18.27	PE	<i>LEISTE MILITARIS</i> , FEITOR OU PADO DE FOGO ⁵⁵
770929005	L2G18.57	PE	<i>MYACHUS F. AUSTRALIS</i> , PAPA MOSCA
770929009	L2G18.55	PE	<i>HERGAHYNCHUS PITANGUA PITANGUA</i> , BEM TE BICO CHATO, FE ⁵⁶
770929016	L2G18.68	PE	<i>ZONOTRICHIA CADENSIS MATUTINA</i> , TICO TICO ⁵⁷
770927031	L2G18.12	PE	<i>TACHYPHONUS RUFUS</i> , JOÃO MULATO
770929038	L218.130	PE	TAPERA NAEVIA - SACI OU PEITICA
770927024	L2G18.5	PE	<i>TRAUPIS PALHARUM PALMARUM</i> , SANHACO PARDO ⁵⁸
770927026	L2G18.7	PE	<i>SCHISTOCHIAMPYS MELAMNOPIS</i> , SANHACO DE COLAR ⁵⁹
779927027	L2G18.8	PE	<i>TACHYFONUS CRISTATUS CRISTATUS</i> , TIE GALO ⁶⁰

⁵³ *Stilpnia Cayana*

⁵⁴ *Thraupis Sayaca*

⁵⁵ *Leistes Defilippii*

⁵⁶ *Megarynchus Pitangua*

⁵⁷ *Zonotrichia Capensis*

⁵⁸ *Orchesticus Abeillei*

⁵⁹ *Schistochlamys Melanopsis*

⁶⁰ *Loriotus Cristatus*

770927028	L2G18.9	PE	<i>TANAGRA VIOLACEA, GURIATA</i> ⁶¹
779927029	LZG18.10	PE	<i>COLOSPIZA CHILENSIS, SAI DE SETE CORES</i> ⁶²
770927030	L2G18.11	PE	<i>RAMPHOCELIUS BRESILEUS, SANGUE DE BOI</i> ⁶³
770927032	L2G18.13	PE	<i>TANGARA CYANOCEPHALA CORALINA, SAIRA</i> ⁶⁴
770927933	L2G18.14	PE	<i>TANAGRA SELEDON, PINTOR VERDADEIRO</i> ⁶⁵
770927035	L2G18.16	PE	<i>THANOPHILUS DOLIATUS, CHOCA OU CHORRO</i> ⁶⁶
770988001	L2G18.17	PE	<i>FORMICIVORA RUFA, PAPA TAIUCA</i>
770928004	L2G18.20	PE	<i>CACICUS CELA CELA, XEXEU DA MATA</i>
770928006	L2G18.22	PE	<i>CACICUS CELA CELA, XEXEU DA MATA, FEMEA</i>
770928007	L2G18.23	PE	<i>CACICUS HAEMORPHOS AFINIS, GUAXE</i> ⁶⁷
770928008	L2G18.24	PE	<i>XANTORNUS JACAMAI, CORRUPIAO</i> ⁶⁸
770928009	L2G18.25	PE	<i>ICTERUS CAYANENSIS PYRROPTERUS, XEXEU DE BANANEIRA</i> ⁶⁹
770928015	L2G18.31	PE	<i>GNORIMODISAR CHOPI CHOPI, ARUMARA</i> ⁷⁰
770928018	L2G18.34	PE	<i>CYANORAX CYANOPAGON, CANCAO</i> ⁷¹
770928019	L2G18.35	PE	<i>PIPRA ERYTHA CEPHALA, VIRAPURU CABEÇA VERMELHA</i> ⁷²
770928020	L2G18.36	PE	<i>CHIROXIPHIA CAUDATA, TANGARA DACARINO</i>
770928022	L2G18.38	PE	<i>TURDUS LEUCOMELUS LEUCOMELUS, SABIA BRANCO</i> ⁷³
770928023	L2G18.39	PE	<i>TURDU ALBICOLLIS, SABIACOLEIRA</i>
770928924	L2G18.40	PE	<i>TURDUS RUFIVENTRIS, SABIA GONGA OU LARANJEIRA</i>
770928027	L2G18.43	PE	<i>TURDUS LEUCOMELUS</i>

⁶¹ *Euphonia Violacea*

⁶² *Tangara Seledon*

⁶³ *Ramphocelus Bresilia*

⁶⁴ *Tangara Cyanocephala*

⁶⁵ *Tangara Seledon*

⁶⁶ *Thamnophilus Doliatus*

⁶⁷ *Cacicus Haemorrhous*

⁶⁸ *Icterus Jamacaii*

⁶⁹ *Icterus Pyrrhopterus*

⁷⁰ *Gnorimopsar Chopi*

⁷¹ *Cyanocorax Cyanopogon*

⁷² *Pipra Aureola*

⁷³ *Turdus Leucomelas*

			<i>LEUCOMELUS, SABIA BRANCO, FILHOTE</i> ⁷⁴
770928028	L2G18.44	PE	<i>PROCNIAS NUDICOLLIS, ARAPONGA OU FERREIRO</i>
770928029	L2G18.45	PE	<i>PROCNIAS NUDICOLLIS, ARAPONGA OU FERREIRO, FEMEA</i>
770928031	L2G18.47	PE	<i>XIPHOLENA LAMELLIPENNIS, ANAMBE BRANCA, FEMEA</i>
770928032	L2G18.48	PE	<i>TITYRA INQUISITOR, ARAPONGUIRA</i>
770928033	L2G18.49	PE	<i>XIPHOLENA LAMELLIPENNIS, ANAMBE BRANCO</i>
770928034	L2G18.50	PE	<i>TITYRA INQUISITOR, ARAPONGUIRA, FEMEA</i>
770928035	L2G18.51	PE	<i>FLUVICOLA CLIMAZUDA, LAVANDEIRA</i> ⁷⁵
770928036	L2G18.52	PE	<i>FLUVICOLA PICA, LAVANDEIRA DO MATO</i>
770929001	L2G18.53	PE	<i>ARUNDINICOLA LEUCOCEPHALA, VIUVINHA</i>
770929003	L2.G18.75	PE	<i>CARYOTHAUSTES CANADENSIS CANADENSIS - FURRIEL (FÊMEA)</i>
770929003	L2G18.133	PE	<i>CROTOPHA ANI, ANUM PRETO, FEMEA</i> ⁷⁶
770929004	L2G18.56	PE	<i>ELAENIA FLAVOGASTER FLAVOGASTER, MARIA E DIA</i>
770929004	L2G18.112	PE	<i>XYPHORAYNCAUS GUTTATUS, ARAPACU, FEMEA</i> ⁷⁷
770929005	L2.G18.77	PE	<i>DONACOBUS ATRICAPILLUS</i> ⁷⁸
770929005	L2G18.114	PE	<i>TAPERA NAEVIA, PETICA, FEMEA</i>
770929006	L2.G18.78	PE	<i>MIMUS SATURNINUS - PAPA-SEBO (FÊMEA)</i>
770929006	L2G18.58	PE	<i>PITANGUS SULPHURATUS, BEM TE VI VERDADEIRO</i>
770929006	L2G18.116	PE	<i>PHAETHORNIS PRETREISCHWARTZI, BEIJA FLOR RABO BRANCO</i> ⁷⁹
770929007	L2.G18.79	PE	<i>PHACOPROGNE TAPERA- ANDORINHA</i> ⁸⁰
770929007	L2G18.59	PE	<i>MYIOZETETIS SIMILIS SIMILIS, BEM TE VI PEQUENO</i> ⁸¹
770924008	L2.G18.80	PE	<i>CYCLARHIS GUJANENSIS CEARENSIS - PITIGUARI</i>

⁷⁴ *Turdus Leucomelas*⁷⁵ *Fluvicola Nengeta*⁷⁶ *Crotophaga Ani*⁷⁷ *Xiphorhynchus Guttatus*⁷⁸ *Donacobius Atricapilla*⁷⁹ *Phaethornis Pretrei*⁸⁰ *Progne Tapera*⁸¹ *Myiozetetes Similis*

770929008	L2G18.60	PE	<i>MERGAHYNCHUS PITANGUA PITANGUA, BEM TE VI BICO CHATO</i> ⁸²
770929008	L2G18.119	PE	<i>TROQUILIDAE, BEIJA FLOR</i> ⁸³
770929009	L2.G18.81	PE	<i>FURNARIUS RUFUS - JOAO-DE-BARRO</i>
770929009	L2G18.61	PE	<i>TYRANNUS, MALANCHOLICUS, BEM TE VI SIRIRI</i>
770929010	L2.G18.82	PE	<i>FURNARIUS RUFUS - JOAO-DE-BARRO (FÊMEA)</i>
770929010	L2G18.122	PE	<i>GALBULIDAE, GUANUMBI GUACU</i>
770929011	L2.G18.83	PE	<i>XIPHORAYNCAUS GUTTATUS - ARAPACU</i> ⁸⁴
770929011	L2G18.63	PE	<i>SALTATOR MAXIMUS MAXIMUS, TRINCA FERRO</i>
770929012	L2.G18.84	PE	<i>PHILYDOR PYRRHORDES - ARAPACU</i> ⁸⁵
770929012	L2G18.64	PE	<i>SICALIS FLAVEOLA BRASILIENSIS, CANARIO DA TERRA</i>
770929013	L2G18.65	PE	<i>CORYPHOSPINGUS CUCULLATUS RUBESCENS, CRAVINA</i>
770929014	L2.G18.86	PE	<i>SYNALLAXIS RUFICAPILLA - CASACA-DE-COURO</i>
770929014	L2G18.66	PE	<i>SPOROPHILA ALBOGULARIS, PATATIVA GOLADA OU COLERINHO</i>
770929015	L2.G18.87	PE	<i>PSEUDOSEISURA CRISTATA - CASACA-DE-COURO</i>
770929015	18.146	PE	<i>PTEROGLOSSUS VEDII, TUCANO ARACARI, FEMEA</i>
770929016	L2.G18.88	PE	<i>AMAZONA AESTIVA - PAPAGAIO VERDADEIRO</i>
770929017	L2.G18.89	PE	<i>PIONUS MENSTRUUS - SUIA OU MAITACA</i>
770929018	L2.G18.90	PE	<i>PIONUS MENSTRUUS - SUIA OU MAITACA (FÊMEA)</i>
770929018	L2G18.70	PE	<i>PAROARIA GULARIS, GALO DE CAMPINA</i>
770929019	L2G18.71	PE	<i>VOLATINIA JACARINA JACARINA, TIZIO</i>
770929019	L2G18.161	PE	<i>CRYSOPTILOS MELANOCHLOROS, PICAPAU VERMELHO</i>
77099020	L2G18.72	PE	<i>ORYZOBORUS ANGOLENSIS, CURIO (FEMEA)</i>
770930021	L2G18.211	PE	<i>COLLUMBIGALLINA P. GPISECIA, CAMBUTE</i> ⁸⁶

⁸² *Megarynchus Pitangua*

⁸³ *Trochilidae*

⁸⁴ *Xiphorhynchus Guttatus*

⁸⁵ *Philydor Pyrrhodes*

⁸⁶ *Columbina Minuta*

770929022	L2.G18.103	PE	<i>CISSOPIS LEVERIANA</i> MAJOR - PEGA OU TIE-TINGA ⁸⁷
770929023	L2G18.110	PE	TANAGRA SELEDON, PINTOR VERDADEIRO, FEMEA ⁸⁸
770929024	L2G18.96	PE	BROTOGERIS TIRICA, PERIQUITO VERDADEIRO
770929025	L2.G18.104	PE	XATORNUS JACAMAI - CONCRIZ OU CORRUPIAO ⁸⁹
770929026	L2.18.98	PE	ARA SEVERA, MARACANA
770929026	L2.G18.111	PE	COLOSPIZA CHILENSIS - SAIRA (FEMEA) ⁹⁰
770929027	L2G18.99	PE	PSITACIDAE (FAMILIA), PIRIQUITO DA MATA, FÊMEA
770929028	L2G18.160	PE	MELOPSITTACUS UNDULATUS, PERIQUITO AUSTRALIANO
770929028	L2.G18.115	PE	PIAYA CAYANA - ALMA-DE-GATO (FEMEA)
770929029	L2.G18.117	PE	EUPETOMENA MACROURA MACROURA - BEIJA FLOR TESOURÃO
770929030	L2G18.104	PE	CISSOPIS LEVERIANA MATOR PEGA (FÊMEA)
770929030	L2.G18.120	PE	TROQUILIDAE - BEIJA FLOR ⁹¹
770929033	LZG18.125	PE	CERYLE AMERICANA - MARTIN - PESCADOR (PEQUENO) ⁹²
770929034	LZG18.126	PE	CERYLE TORQUATA - MARTIN PESCADOR (GRANDE) ⁹³
770929035	LZG18.127	PE	CERYLE AMAZONA - MARTIN - PESCADOR ⁹⁴
770929036	LZG18-128	PE	NYCTIDROMUS BONARIENSIS - BACURAU
770929037	LZG18.129	PE	PIAYA CAYANA - ALMA DE GATO
770929039	L2G18.131	PE	GUIRA GUIRA - ANUN-BRANCO
770929040	L2G18.132	PE	CROTOPHAGA ANI - ANUM-PRETO
770929041	L2G18.134	PE	CROTOPHAGA ANI (FILHOTE) ANUM-PRETO
770929042	LZG18.136	PE	BUCO MACULATUS - DORMINHOCO ⁹⁵
770929045	LZG18.142	PE	BARYPHTHENGUS RUFICAPILLUS - JURUVA OU JUTUCA (FÊMEA)

⁸⁷ *Cissopis Leverianus*⁸⁸ *Tangara Seledon*⁸⁹ *Icterus Jamacaii*⁹⁰ *Tangara Seledon*⁹¹ *Trochilidae*⁹² *Chloroceryle Americana*⁹³ *Megaceryle Torquata*⁹⁴ *Chloroceryle Amazona*⁹⁵ *Nycticorax Nycticorax*

770929047	L2G18.147	PE	<i>PTEROGLOSSUS WIEDII</i> - TUCANO-ARACARI
770929048	LZG18.148	PE	<i>RAMPHASTOS VITELLINUS</i> - TUCANO-ARIEL
770929049	L2G18.149	PE	<i>PTEROGLOSSUS ARACARI</i> - TUCANO-ARACARY
770929050	L2.G18.150	PE	<i>PTEROGLOSSUS INSCRIPTUS</i> - TUCANO-ARACARI
770929052	L2.G18.154	PE	<i>CELEUS UNDATUS</i> - PICA-PAU (FÊMEA)
770929053	L2.G18.153	PE	<i>CELEUS UNDATUS</i> - PICA-PAU
770929054	L2.G18.155	PE	<i>CELEUS FLAVESCENS</i> - PICA-PAU AMARELO
770929055	L2.G18.156	PE	<i>PICUMNUS GUTTIFER</i> - PICAPAU ANAO (FÊMEA)
770929058	L2.G18.162	PE	<i>CHRYSOPTILOS MELANOCHLOROS</i> - PICA-PAU VERMELHO (FÊMEA)
770930001	L2.G18.191	PE	<i>ANAS BOSCHAS</i> - PATURI (FÊMEA)
770930002	L2.G18.193	PE	<i>DENDROCYGNA FULVA</i> - MARRECA PRETA
770930002	L2G18.169	PE	<i>CHRYSOLOPHUS PICTUS</i> , FAISAO DOURADO (FÊMEA)
770930002	L2G18.221	PE	<i>COLLUMBIGALLINA TALPACOTI</i> , ROLINHA CABOCLA ⁹⁶
770930003	L2.G18.195	PE	<i>DENDROCYGNA DISCOLOR</i> - MARRECA CABOCLA
770930003	L2G18.170	PE	<i>DREORTIX PICTA CODORNIZ DOS</i> MONTES (FEMININO) ⁹⁷
770930003	18.214	PE	<i>STREPTOPELIA SP</i> , ROLINHA HAMBURGUESA
770930004	L2.G18.197	PE	<i>CAIRINA MOSCHATA</i> - PATO DOMESTICO (FILHOTE)
770930004	L2G18.215	PE	<i>COLUMBA LIVIA</i> , POMBO DOMESTICO
770930005	L2.G18.199	PE	<i>ANAS ANSER</i> - GANSO
770930006	L2G18.174	PE	<i>GALLUS GALLUS</i> , GALO
770930006	L2.G18.200	PE	<i>ANAS ANSER</i> - GANSO (FILHOTE)
770930006	L2G18.217	PE	<i>ZENAIDA AURICULATA VIRGATA</i> , AVE DE ARRIBACAO

⁹⁶ *Columbina Talpacoti*

⁹⁷ *Nothura Boraquira*

77093007	L2G18.185	PE	<i>LEUCOPHOYX CANDIDISSIMA</i> , GARÇA MIRIM
770930008	L2G18.177	PE	<i>GALLOPAVO MELEAGRIS</i> , PERU
770930008	L2G18.219	PE	<i>LEPTOTILA OCHREPTERA</i> , JURITI, FÊMEA ⁹⁸
770930009	LZG18.204	PE	<i>HETEROSPIZIAS MERIDIONALIS</i> - GAVIÃO CABOCLO
770930009	L2G18.179	PE	<i>HERODIAS EGRETTEA</i> , GARÇA REAL
770930009	L2G18.220	PE	<i>COLUMBA PICAZURO</i> , ASA BRANCA
770930011	L2G18.182	PE	<i>ARDEA CRYTHRDMELAS</i> , SOCOI VERMELHO
770930011	L2G18.200	PE	<i>TINNUNCULUS SPARVERIUS CINNAMONINUS</i> - GAVIAO QUIRIQUIRI
770930012	L2G18.183	PE	<i>TIGRESOMA BRASILIENSIS</i> , SOCO BOI
770930012	L2G.207	PE	<i>RUPORNIS MAGNIROSTRIS NATTERERI</i> - GAVIAO CARIO (FEM)
770930013	LZG18.208	PE	<i>HERPETOTHERES CACHINNANS</i> - ACAUA (FÊMEA)
770930014	L2G18.189	PE	<i>ODONTOPHORUS CAPUEIRA</i> , URU (FÊMEA)
770930015	LZG18.190	PE	<i>ANAS BOSCHAS</i> , PATURI
770930015	L2.G18.213	PE	<i>STREPTOPELIA RISORIA</i> - ROLINHA DE COLAR (FÊMEA)
770930016	LZG18.222	PE	<i>GEOTRYGON MONTONA</i> - PARARI OU JURITI VERMELHA
770930018	L2G.198	PE	<i>ANAS ANSER</i> , GANSO (FÊMEA)
770930019	LZG18.225	PE	<i>ARAMIDES SARACURA</i> - SARACURA OU SERICOIA (FÊMEA)
770930019	L26.201	PE	<i>MILVAGO CHIMANGO</i> , CARCARA
770930020	L2G18.226	PE	<i>CRECISOUS MELANOTIS</i> - PINTO D'ÁGUA OU ACANA
770930021	L2G18.227	PE	<i>CRECISOUS MELANOFATUS</i> - PINTO D'ÁGUA OU ACANA FÊMEA
770930022	LZ18.228	PE	<i>RALIIDAE</i> (FAMILIA) - CAMBONGE (FÊMEA)

⁹⁸ *Leptotila Verreauxi*

770930024	LZG18.230	PE	<i>RALIDAE (FAMILIA) - CAMBONGE MIUDA</i>
771017013	L3.G22.3	PE	<i>ARACARI (FAMILIA RANFASTIDAE), TUCANO</i>
771017014	L3.G22.4	PE	<i>SANHACU-AZUL (TRAUPIS SAYACA SAYACA)</i>
771017015	L3.G22.5	PE	<i>CORRUIRA (FORNICIVORA</i>
771017016	L3.G22.6	PE	<i>CANARIO DA TERRA (SICALIS FLAVEOLA BRASILIENSIS)</i>
771017017	L3.G22.7	PE	<i>SAIRA (TANAGRA MUSICA DUREATA)⁹⁹</i>
771017019	L3.G22.9	PE	<i>BIGODINHO (FAMILIA FRINGILLIDAE)</i>
771017021	L3.G22.11	PE	<i>XEXEU DA MATA (CACICUS CELA CELA)</i>
771017022	L3.G22.12	PE	<i>JIRAYA (BARYPHTHENGUS RUFICAPILLUS)</i>
771017023	L3.G22.13	PE	<i>SERICOIA (ARAMIDES SARACURA)</i>
771017027	L3.G22.17	PE	<i>PICA PAU (FAMILIA PICIDAE)</i>
771017031	L3.G22.21	PE	<i>BENTIVI-VERDADEIRO (PITANGUS SULPHURATUS)</i>
771017032	L3.G22.22	PE	<i>BACURAU (FAMILIA CAPRIMULGIDAE NYCTIDROMUS ALBICOLLIS)</i>
771017033	L3.G22.23	PE	<i>ANUM PRETO (CROTOPHAGA ANI)</i>
771017035	L3.C22.54	PE	<i>GUIRAQUIRA (ANUM BRANCO)</i>
771017034	L3.G22.53	PE	<i>F. TITYRA INQUISITOR LARAPOUGUIRA</i>
771017036	L3.G22.51	PE	<i>FAMILIA FRINGILLIDAE (CABECA ESCARLATE)</i>
771017037	L3.G22.52	PE	<i>CABECA PRETA</i>
771017038	L3.G22.24	PE	<i>TUCANO-ARACARI</i>
771017039	L3.G22.25	PE	<i>RAMPHASTOS VITELLINUS - TUCANO ARIEL</i>
771017040	L3.G22.26	PE	<i>TUCANO PEITO BRANCO (RHAMPHASTUS TUCANUS)</i>

⁹⁹ *Tangara Seledon*

771017042	L3.G22.23	PE	<i>TETEU (ODEINEMUS BISTRDATUS)</i> ¹⁰⁰
771017043	L3.G22.29	PE	ARACARI POCA
771017045	L3.G22.31	PE	HERPETOTHERES CACHINNANS
771017050	L3.G22.36	PE	XEXEU DA MAAT (CACICUS CELA CELA)
771017052	L3.G22.38	PE	ARACARI (FAMILIA RAMPHASTIDAE)
771017056	L3.G22.56	PE	GAVIAO PRETO (FAMILIA FALCONIDAE)
771017057	L3.G22.57	PE	GAVIAO CINZA (FAMILIA FALCONIDAE)
771017058	L3.G22.58	PE	MARACANA (FAMILIA PSITTACIDAE) ¹⁰¹
771017061	L3.G22.43	PE	AMAZONA ESTIVA (PAPAGAIO VERDADEIRO)
771017064	L3.G22.46	PE	BUTORIDES STRIATA (SOCO MIRIM)
771017062	L3.G22.44	PE	TITYRA INQUISITOR (ARAPONGUIRA)
771017063	L3.G22.45	PE	TITYRA INQUISITOR (ARAPONGUIRA FEMEA)
771017065	L3.G22.47	PE	FALCONIDAE (GAVIAOZINHO)
771017066	L3.G22.48	PE	CACICUS CELA CELA (XEXEU DA MATA)
771017067	L3.G22.49	PE	F. BUFONIDAE (CORUJA DO CAMPO)
771017068	L3.G22.50	PE	BARYPHTHENGUS RUFICAPILLUS C JURUVA
771018001	L3.G21.1	PE	COLEIRINHO (SPOROPHILA CAERULESCENS)
771018006	L3.G21.6	PE	BEIJA FLOR (PHOETHORNIS RUBER)
771018009	L3.G21.9	PE	PAPA ARROZ (GNORIMOPSAR SHOPICHOPI)
771018012	L3.G21.12	PE	ROXINOL (TROGLODYTES MUSCULUS)
771018016	L3.G21.16	PE	JACANA (PARA JACANA)

¹⁰⁰ *Burhinus Oedinenus*

¹⁰¹ *Primolius Maracana*

771018020	L3.G21.20	PE	<i>POMBO (COLUMBA LIVIA)</i>
771018022	L3.G21.22	PE	<i>ANU PRETO (CROTOPHAGA)</i>
771018024	L3.G21.24	PE	<i>GALINHA CAPOEIRA (GALLUS GALLUS)</i>
771018028	L3.G21.28	PE	<i>SIBITE (COEREBA CHLOROPYGA)</i>
771018029	L3.G21.29	PE	<i>LAVANDEIRA (FLUVICOLA ALBIVENTRIS)</i>
771018030	L3.G21.30	PE	<i>CABOCLINHO (SPOROPHILA MINUTA MINUTA)</i>
771018031	L3.G21.31	PE	<i>CAMBONJE (CRESCISCUS SP)</i>
771018034	L3.G21.34	PE	<i>SABIA BRANCO (TURDUS LEUCOMELAS LEUCOMELAS)</i>
771018036	L3.G21.36	PE	<i>PARRA JACANA (JACANA)</i>
771018037	L3.G21.37	PE	<i>CODORNA JAPONESA (COTURNIX SP)</i>
771018038	L3.G21.38	PE	<i>FAISAO DE COLEIRA (PHASIANUS COLCHICUS)</i>
771018040	L3.G21.40	PE	<i>ANU BRANCO (GUIRA GUIRA)</i>
771018042	L3.G21.42	PE	<i>FAISAO ESCURO (PHASIANUS SP)</i>
771018043	L3.G21.43	PE	<i>GUINE (NUMIDA CRISTATA)</i>
771018044	L3.G21.44	PE	<i>GALINHA JAPONESA (GALLUS GALLUS)</i>
771018045	L3.G21.45	PE	<i>GALINHA DE GRANJA (GALLUS GALLUS)</i>
771018046	L3.G21.46	PE	<i>PATO DOMESTICO (CAIRINA MUSCHATA)</i>
771018047	L3.G21.47	PE	<i>PATO PEQUIM (CAIRINA SP)</i>
771018048	L3.G21.48	PE	<i>PATURI (CAIRINA SP)</i>
771018049	L3.G21.49	PE	<i>EMA (RHEA AMERICANA)</i>
771018050	L3.G21.50	PE	<i>GANSO (ANAS ANSER)</i>
771018051	L3.G21.51	PE	<i>PATO DOMESTICO (CAIRINA MUSCHATA)</i>

771018052	L3.G21.52	PE	<i>PERUA (GALLIPARU MELEAGRIS)</i>
771018053	L3.G21.53	PE	<i>GALINHA DE GRANJA (GALLUS GALLUS)</i>
771018055	L3.G21.55	PE	<i>OVO AZUL DE GALINHA (GALLUS GALLUS)</i>
771018058	L3.G21.58	PE	<i>JACANA (PARRA JACANA)</i>
771018063	L2.G21.63	PE	<i>CODORNA JAPONESA (COTURNIX COTURNIX)</i>
771018064	L3.G21.64	PE	<i>SABIA GONGA (TURDUS RUFIVENTRIS)</i>
771018065	L3.G21.65	PE	<i>SABIA BRANCO (TURDUS LEUCOMELAS)</i>
771018068	L3.G21.68	PE	<i>ROLINHA PEDRES (CHAMAEPHELIA PASSERINA)</i>
771018071	L3.G21.71	PE	<i>VIUVINHA (ARUNDINICOLA LEUCOCEPHALA)</i>
770930017	L2G18.196	PE	<i>CAIRINA MOSCHATA, PATO (FÊMEA)</i>
771003002	L2G.18.257	PE	<i>PISORHINA CRUCIFERA, CABORE DE ORELHA</i>
771003003	L2G.18.358	PE	<i>STRIX PASSERINOIDES, CORUJINHA</i>
771003005	L2G.18.260	PE	<i>CATHARTES URUBUTINGA, URUBUTINGA</i>
771003007	L2G.18.262	PE	<i>PAECILOMITA BAHAMENSIS, MARRECA TOUCINHO (FEMEA)¹⁰²</i>
771003008	L2G.18.263	PE	<i>HERDDIAS EGRETTE, GARÇA REAL (FEMEA)¹⁰³</i>
771003009	L2G.18.264	PE	<i>HETEROSPIZIAS MERIDIONALIS, GAVIAO CABOCLO (FEMEA)</i>
771003011	L2G.18.266	PE	<i>ARDEA CRYTHROMELAS, SOCOI VERMELHO¹⁰⁴</i>
771003012	L2G.18.232	PE	<i>CRYPTURELLUS CINEREUS - NAMBU PE ROXO (FEMEA)</i>
771003013	L2G.18.233	PE	<i>CRYPTURELLUS CINEREUS - NAMBU PE VERMELHO (FEMEA)</i>
771003014	L2G.18.234	PE	<i>CRYPTURELLUS PARVIROSTRIS - NAMBU PE VERMELHO (FILHOTE)</i>

¹⁰² *Palomita Bahamensis*

¹⁰³ *Pilherodius Pileatus*

¹⁰⁴ *Ixobrychus Exilis*

771003015	L2G.18.235	PE	<i>CRYPTURELLUS TATAUPA TATAUPA - INHAMBU TURURIM (FEMEA)</i>
771003017	L2G.18.237	PE	<i>NOTHURA MACULATA MACULATA - CODORNA (FEMEA)</i>
771003019	L2G.18.239	PE	<i>PODILYMBUS PODICEPS - MERGULHAO CACADOR</i>
771003020	L2G.18.240	PE	<i>CARIAMA CRISTATA CRISTATA - SERIEMA</i>
771003021	241	PE	<i>ARAMUS SCOLOPACEUS - CARAO</i>
771003022	L2G.18.242	PE	<i>ARAMUS SCOLOPACEUS - CARAO (FEMEA)</i>
771003023	L2G.18.243	PE	<i>RHEA AMERICANA - EMA OU NHANDU (FEMEA)</i>
771003024	L2G.18.244	PE	<i>RHEA AMERICANA - EMA OU NHANDU (FILHOTE)</i>
771003025	L2G.18.245	PE	<i>LARUS DOMINICANUS - GAIVOTA</i>
771003026	L2G.18.246	PE	<i>LARUS SP</i>
771003032	L2G.18.252	PE	<i>OEDINEMUS BISTRIATUS - TETEU OU QUERO-QUERO¹⁰⁵</i>
771003033	L2G.18.253	PE	<i>GALLINAGO PARAGUAIAE - AGACHADEIRA</i>
771003034	L2G.18.254	PE	<i>STRIX FLAMMEA PERLATA - CORUJA DE IGREJA (FEMEA)</i>
771003034	L2G.18.255	PE	<i>OTOS CLAMATOR - CORUJA BODE (FILHOTE)</i>
771003030	L2G.18.250	ILHA DE FERNANDO DE NORONHA - BR	<i>SULA LEUCOGASTER - MOMBEBE OU ALCATRAZ</i>

¹⁰⁵ Vanellus Chilensis

ANEXO - F

Relatório do grupo 4

(Grupo nº 4 - Livro nº 1)		1
C O L E O P T E R O S		
01	1 - Phylum : Arthropoda	9 - Phylum : Arthropoda
02	Classe : Insecta	Classe : Insecta
03	Ordem : Coleoptera	Ordem : Coleoptera
04	Família : Scarabaeidae	Família : Scarabaeidae
05	Gênero : Strategus	Gênero : Megaphaneus
06	Espécie : Strategus antaneus	Espécie : Megaphaneus ensifer
07	Procedência : Areia - PB	Procedência : Campina Grande - PB
08	2 - Phylum : Arthropoda	10 - Phylum : Arthropoda
09	Classe : Insecta	Classe : Insecta
10	Ordem : Coleoptera	Ordem : Coleoptera
11	Família : Scarabaeidae	Família : Scarabaeidae
12	Gênero : Xyloryctes	Gênero : Phaneus
13	Espécie : Xyloryctes satyrus	Espécie : Phaneus vindex
14	Procedência : Campina Grande - PB	
15	5 - Phylum : Arthropoda	11 - Phylum : Arthropoda
16	Classe : Insecta	Classe : Insecta
17	Ordem : Coleoptera	Ordem : Coleoptera
18	Família : Scarabaeidae	Família : Scarabaeidae
19	Subfamília : Rutelinae	Gênero : Inca
20	Gênero : Papillia sp.	Espécie : Inca sp.
21	Espécie : Papillia sp.	Procedência : Areia - PB
22	Vulgar : Bandoira brasileira	
23	Procedência : Recife - PE	12 - Phylum : Arthropoda
24	3 - Phylum : Arthropoda	Classe : Insecta
25	Classe : Insecta	Ordem : Coleoptera
26	Ordem : Coleoptera	Família : Chrysomelidae
27	Família : Scarabaeidae	Subfamília : Hispinae
28	Gênero : Camaria	Gênero : Caraliomela
29	Espécie : Camaria divaricata	Espécie : Caraliomela brunnea
30	Procedência : Areia - PB	(broca das palmeiras)
31	4 - Phylum : Arthropoda	13 - Phylum : Arthropoda
32	Classe : Insecta	Classe : Insecta
33	Ordem : Coleoptera	Ordem : Coleoptera
34	Família : Scarabaeidae	Família : Chrysomelidae
35	Gênero : Calosoma	Gênero : Eumolpus
36	Espécie : Calosoma sp.	Espécie : Eumolpus sp.
37	6 - Phylum : Arthropoda	14 - Phylum : Arthropoda
38	Classe : Insecta	Classe : Insecta
39	Ordem : Coleoptera	Ordem : Coleoptera
40	Família : Scarabaeidae	Família : Chrysomelidae
41	Gênero : Scarites	Gênero : Caraliomela
42	Espécie : Scarites subterraneus	Espécie : Caraliomela sp.
43	Fabricius	
44	Procedência : Recife - PE	15 - Phylum : Arthropoda
45	7 - Phylum : Arthropoda	Classe : Insecta
46	Classe : Insecta	Ordem : Coleoptera
47	Ordem : Coleoptera	Família : Chrysomelidae
48	Família : Scarabaeidae	Gênero : Epitrix
49	Gênero : Prionus	Espécie : Epitrix sp.
50	Espécie : Prionus imbicornis	
51	Procedência : Areia - PB	16 - Phylum : Arthropoda
52	8 - Phylum : Arthropoda	Classe : Insecta
53	Classe : Insecta	Ordem : Coleoptera
54	Ordem : Coleoptera	Família : Geroniidae
55	Família : Scarabaeidae	Subfamília :
56	Subfamília : Dynastinae	Gênero : Gymnetis
57	Gênero : Megasoma	Espécie : Gymnetis pantherina
58	Espécie : Megasoma gyas	Procedência : Recife - PE
59	Procedência : Areia - PB	

ANEXO - G

Sistema de Informações Museológicas - Cadastramento de Museu (sem ano)

01

02

SISTEMA DE INFORMAÇÕES MUSEOLÓGICAS Fundação Joaquim Nabuco
CADASTRAMENTO DE MUSEU Mossangano informática - SISTE
Departamento de Museologia

ESTADO PE MUSEU 007 NOME Museu de Ciências Naturais

NATUREZA DO ACERVO:
01 - ANTROPOLÓGICO 02 - ETNOGRÁFICO 03 - HISTÓRICO 04 - BIOGRÁFICO 05 - FOLCLÓRICO 06 - ARTÍSTICO
07 - OCEANOGRÁFICO 08 - TECNOLÓGICO 09 - BOTÂNICO 10 - ARQUEOLÓGICO 11 - ZOOLOGICO 12 - ECLÉTICO
13 - MINERALÓGICO 14 - OUTROS

ADMINISTRAÇÃO: 1 - FEDERAL 2 - ESTADUAL 3 - MUNICIPAL 4 - DIREITO PRIVADO 5 - MISTO (QUANTIDADE) 3200

DT. INSTALAÇÃO: 14/11/1973 ENDEREÇO: Box 1015 Treméis - s/nº
Dois Treméis - Recife - PE

DDD/TL: (081) 268 1354 ENTIDADE VINCULADA EMPETUR

HORÁRIOS:
MANHÃ 1 - 7:00 A 12:00 2 - — 3 - — 4 - —
TARDE 1 - 12:00 A 16:00 2 - — 3 - — 4 - —

HORÁRIO DE VISITA:
SEGUNDA — TERÇA 1 QUARTA 1 QUINTA 1 SEXTA 1 SABADO 1 DOMINGO 1 FERIADO 1

INGRESSO: 1 - SIM 2 - VALOR 100,00 TAXAS ESPECIAIS 1 - ESTUDANTE 2 - GRUPO

RECEPÇÃO:
1 - PORTUGUÊS 2 - ESPANHOL 3 - INGLÊS 4 - FRANCÊS 5 - ALENÃO 6 - ITALIANO 7 - OUTROS

ATEND/ESPECIAL: 1 - PESQUISADOR 2 - DEFICIENTE 3 - IDOSO 4 - CRIANÇA

ATIVIDADES EDUCATIVAS:
1 - CONFERÊNCIA 2 - CONGRESSO 3 - CURSO 4 - SEMINÁRIO 5 - EXCURÇÃO 6 - PROJEÇÃO
7 - AT. LÚDICO EDUCACIONAL 8 - CONCURSO 9 - BOLSA

DIVULGAÇÃO: 1 - FOLDER 2 - GUIA 3 - CATÁLOGO 4 - REVISTA 5 - FILME/VIDEOTAPE

SERVIÇOS: 1 - LIV/LOJA 2 - LANCHONETE 3 - AUDITÓRIO 4 - ESTACIONAMENTO

INSTALAÇÃO: 1 - PRÓPRIO 2 - ALUGADO 3 - CEDIDO GAB. RESTAURAÇÃO: 1 - SIM

LABORATÓRIO: 1 - ARQUEOLÓGICO 2 - FOTOGRÁFICO DATA TOMBAMENTO: —

ORGÃO TOMBADOR: — SEGURO: 1 - ROUBO 2 - INCÊNDIO

SEGURANÇA/EQUIPAMENTO:
1 - VIGILANTE 2 - ALARME 3 - CIRCUITO DE TV 4 - EXTINTOR 5 - SPRINKLER 6 - SAÍDA DE EMERG.

AGENTES DANOSOS: 1 - FÍSICO 2 - QUÍMICO 3 - BIOLÓGICO 1 - COND/CLIMAT 2 - HUM/DES 3 - VENTILAÇÃO

ORGANIZAÇÃO DO ACERVO: 1 - CLASS. 2 - EM CLASS. 3 - NÃO CLASS. **CONSERVAÇÃO DO ACERVO:** 1 - BOM 2 - REGULAR 3 - RUIN

ANEXO - H

Sistema de Informações Museológicas - Cadastramento de Museu (sem ano)

02

SISTEMA DE INFORMAÇÕES MUSEOLÓGICAS		Fundação Joaquim Nabuco		2
CADASTRAMENTO DE MUSEU		Massangana Informática - SISTE		
		Departamento de Museologia		
VISITAS NOS ÚLTIMOS SEIS ANOS:				
ANO 1978	VIS. 66/51	ANO 1979	VIS. 57809	ANO 1980
ANO 1981	VIS.	ANO 1982	VIS.	ANO 1983
PESSOAL LIGADO A ATIVIDADE MUSEOLÓGICA:				
BIBLIOTECÁRIO	HISTORIOGRAFO	ARQUEÓLOGO	MUSEÓLOGO	ANTROPÓLOGO
ETNOLOGO	RESTAURADOR	OUTROS	01	TOTAL 01
PESSOAL ADMINISTRATIVO E DE APOIO:				
GER. ADMINISTRATIVO	AG. ADMINISTRATIVO	ELETRICISTA	ENG. DE MANUTENÇÃO	
ARQUITETO	VIGILANTE	01	ARQUIVISTA	GUARDA DE EXPOSIÇÃO
OPERADOR CINE-FOTO	SERVEITE	CARPINTEIRO	OUTROS	
TOTAL 01				
ACESSO AO ENDEREÇO:				
PORTUGUÊS	Seguindo pela Av. 17 de Agosto, Rua Dois Irmãos, cruzando a RR 101, seguindo em frente até o Horto Dois Irmãos.			
INGLÊS	Come by the 17 de Agosto Avenue, Dos Irmãos street, crossing the 101 RR, going in front of the Dos Irmãos Zoo.			
FRANÇÊS	Suivre par l'avenue 17 de agosto, Rue Dois Irmãos, B R 101 et s'arrêter devant le jardin zoologique "Dois Irmãos".			
HISTÓRICO DO PREMO:				
PORTUGUÊS	Construído para residência do diretor do Horto e posteriormente transformado em museu de ciências naturais.			
INGLÊS	Built to be the Director garden house and after that had been transformed like the original Sciences Museum.			
FRANÇÊS	Construit pour être la résidence du directeur du ZOO et postérieurement transformé dans le Musée des Sciences Naturelles.			